



---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**ANA CAROLINA JUSTINIANO MELOTTI**

*CURRÍCULO COMO RASURA, PERFORMANCE COMO PELE*

VITÓRIA  
2021



Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

**ANA CAROLINA JUSTINIANO MELOTTI**

*CURRÍCULO COMO RASURA, PERFORMANCE COMO PELE*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de doutor, na linha de pesquisa Docência, Currículo e Processos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço

VITÓRIA  
2021

## ANA CAROLINA JUSTINIANO MELOTTI

### CURRÍCULO COMO RASURA, PERFORMANCE COMO PELE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como critério de avaliação para obtenção do título de doutor em Educação, na linha de pesquisa Docência, Currículo e Processos Culturais.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

#### COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

Profa. Dra. Janete Magalhães Carvalho  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro

---

Prof. Dra. Martha Tristão  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro

---

Profa. Dra. Danielle Piontkovsky  
Instituto Federal do Espírito Santo  
Membro

---

Prof. Dr. Antônio Carlos Amorim  
Universidade Estadual de Campinas  
Membro



Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

J96c Justiniano, ANA CAROLINA, 1977-  
Currículo como rasura, performance como pele / ANA CAROLINA Justiniano. - 2021.  
194 f. : il.

Orientador: Carlos Eduardo Ferraço.  
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação. 2. Currículo. 3. Performance. 4. Escola pública. I. Ferraço, Carlos Eduardo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

---

CDU: 37



Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

## *PARA CADA INTERRUPÇÃO, HOUE UM ENCONTRO QUE PRODUZIU FÔLEGO*

A todas as mulheres trabalhadoras, pesquisadoras, professoras, mães, donas de casa, estudantes e... que desdobram em novas peles todos os dias movidas por uma força que não sabemos de onde vem, agradeço!

Quando o esgotamento, o desalento e a falta de vontade empurravam, entro para grupo Currículos, Cotidianos, Culturas e Redes de Conhecimentos do professor Carlos Eduardo Ferraço, a quem agradeço imensamente por me apresentar um grupo que me trouxe alegria na vida. Nesse encontro estavam as horas de descanso na semana das 50 horas de aula. Os encontros com o grupo me produziram risos, inquietações, e despertaram para mais um mundo. Fôlego e vontade de produzir uma pesquisa. Momentos de alegria quando as coisas não estavam nada fáceis. Obrigada, grupo...

Por todos os percalços da escrita interrompida, esse professor, Ferraço, teve muita paciência e sempre me deu a sensação de que eu seria capaz de terminar. Obrigada pra sempre! Com seu grupo aprendi que existem outros possíveis e isso trouxe muita leveza. Foi inspiração em cada encontro semanal nesses quase 5 anos. Que docência bonita! Obrigada para sempre...

À banca examinadora, pela honra da leitura desse trabalho e pelo carinho de dedicar contribuições com tanto cuidado, todo o meu carinho e respeito.

Professora Janete Magalhães Carvalho, pela generosidade de compartilhar tanto conhecimento. Por ser a professora que é, pelo preparo de cada aula, pelo comprometimento. Você é uma GRANDE professora.

Professora Martha Tristão, pela leveza dos caminhos possíveis por outras educações. Obrigada por fazer parte desse caminho!

Professora Daniele Piontkovsky, pela leitura sempre criteriosa, pela alegria de cada encontro com um sorriso e pela energia maravilhosa que irradia.

Professor Antônio Carlos Amorim, o Toninho, pelo prazer da leitura e pela arte de provocar através dos textos que tenho lido desde o começo desta jornada.

Quando esgotada, Giacomo preparava os lanches, brincava com as crianças. Obrigada pela torcida, pela dedicação e amor nessa pedreira que não foi nada fácil.

Meu pai, que foi também mãe nessa empreitada, ficava com as meninas nas tardes de sexta para que eu pudesse ir às primeiras reuniões do grupo como ouvinte. Sem o trabalho, apoio e esforço dele esta tese não existiria.

Minha mãe, sempre estará conosco. Amor e gratidão eternos!

Júlia e Luisa, pela alegria, obrigada, vocês são filhas tão maravilhosas.

A escrita me exigiu muito. Mas tem a casa, a comida, as filhas, as aulas. Sônia trouxe o sossego e a paz necessária para que partes deste texto fossem escritas, cuidando de Júlia e Luisa e de todos nós, e por que não, do texto. Aqui tem a mão dela também.

Amiga-irmã Júnia Mattos. Foi quem cuidou de minhas meninas nas primeiras horas de vida por um dia inteiro em plena escrita de sua tese. Você está nesta escrita toda!

Outra irmã, Fernanda de Assis Gama. Amizade desde 1995 na UFOP. Um verdadeiro presente da vida. Não sei como agradecer.

Sou de uma família de professoras que sempre torceu e rezou por mim! Tias, tios e primas, obrigada!

Quando o medo de perder bateu, e a escrita foi literalmente interrompida. A vizinha-amiga-médica, Taty Fukuda não soltou minha mão nem para que eu não soltasse a de Luisa. Vencemos. Como não agradecer aos médicos, pesquisadores que curaram Luisa e ao SUS, em especial profissionais da Neurologia do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória onde vivi uma comunidade de afetos jamais imaginada.

No fim desta escrita, aprendi com meu irmão que é sempre hora de um novo começo!

Aos queridos amigos que o doutorado me proporcionou, Giovana Barbosa, Letícia Regina, Tamili Mardegan, Marina Delmondes, Lucas, Mara Pereira, Nilceia, Suzanny Goullart, gente muito generosa e querida!

À Alina da Silva Bonella pela competência e dedicação no trabalho primoroso de revisão desse texto.

À escola Clotilde Rato por me ensinar a aprender.

Professoras e professores, Bruna Perini, Dulcemar Uliana, Felipe Gaze Mara Hombre, Priscila Queirós, Simone Carvalho, André e Patrick Rezende, que a despeito dos golpes diários fazem uma educação pulsar todos os dias e nos inspiram.

Hélio Teixeira de Lima, que dirigia essa escola e nos deixou subitamente em 08/08 de 2021. Ele não verá essa defesa. Sua leveza e poesia ficarão para sempre em nossa escola.



*Sobre a alegria e saudade de um grupo que continuará  
sendo...*

*Compartilhamos a intensidade da alegria de muitos  
bons encontros que marcaram o nosso devir e os nossos  
modos de existência.*

*Nosso querido Julio César Alvarenga, sempre presente!*



*Por uma educação que esgote a pele ...*

*Por cada educação, por cada vida...*



Body painting - Gesine Marwedel

*Toda pele é instante...*

*Pensar uma pele para além da pele física: a pele do contágio, a pele transitória, inacabada, a pele-limite com o mundo...*

*Entre as peles, são criadas camadas, poros, manchas, marcas e manchas, feridas e cicatrizes. Essas peles são novamente absorvidas e formam outras peles, outras aparências e novas superfícies...*

*Uma pele liga os corpos a movimentos da vida. Assim, os corpos criam aberturas e um grupo de corpos se movimenta, fazendo uma outra pele, possível. Uma pele para cada corpo... Uma pele para cada currículo... Uma pele, uma performance, uma educação...*



## RESUMO

Esta tese tem como objetivo pensar a performance no campo da educação como invenção de um currículo cujas criações fazem surgir uma nova pele e se constituem como efeitos das insurreições que desfazem versões oficiais. Explora criações e movimentos que rasuram o currículo de uma escola pública pela performance como pele. Afirma a pele para além da pele física, como pele inventada e lugar de desdobramento, e a performance é vista como o que é produzido nos estratos da pele-passagem para estados intensivos de forças anônimas, forças de existências e de um poder de ser afetado. Defende a performance como invenção que se faz quando seus movimentos desafiam a representação que se impõe à educação por vias políticas estranguladoras. Ressalta a força política da escola pública na criação de performances que se inventam em diversos contextos no cotidiano, potencializando a criação como forma de resistir coletivamente. Problematisa a necessidade de evidenciar nascedouros e movimentos criantes em tempos de políticas tóxicas pela cartografia de movimentos de uma escola pública de ensino médio no município da Serra, situada na Grande Vitória. Evoca a necessidade de se criar saídas diante das incessantes tentativas de retirada do fôlego e guerras que têm sido travadas contra a vida. Destaca processos inventivos como armas para desarranjar o processo de antiprodução da máquina conservadora contra o jogo das homogeneizações. Busca fôlego teórico em conceitos de Deleuze e Guattari para pensar no jogo da diferença como escape e conclui que a performance se constitui como invenção que ventila e produz efeitos em contato com as forças do mundo ao criar outras peles possíveis e outras temporalidades.

Palavras-chave: Educação. Currículo. Performance. Escola pública.

## **ABSTRACT**

This research draws on the notion of performance in the field of education as the invention of a curriculum whose creations give rise to a new skin and its effects are insurrections that undo official versions. It explores creations and movements that erase the curriculum of a public school through performance as a skin. It claims the skin beyond physical the physical one, as an invented skin and as a place of unfolding. Performance is, thus, conceived as what is produced in the strata of skin-passage to intensive states of anonymous forces, existences, as well as a power to be affected. It defends performance as an invention made when its movements challenge the representation imposed to education through strangling policies. It emphasizes the political strength of public schools in the creation of performances that are invented in diverse everyday contexts, and empowers creation as a way to collectively resist. It problematizes the need to highlight insurgences and creative movements in times of toxic policies through the cartography of movements in a public high school in Serra, located in Vitória (ES- Brazil). It evokes the need to create getaways in order to face continuous attacks that have been waged against life. It highlights inventive processes as weapons to disrupt the conservative machine's anti-production process against the game of homogenizations. It grounds on the concepts of Deleuze and Guattari to think of the game of difference as an escape and concludes that performance is an invention that ventilates and produces effects in contact with the forces of the world by creating other possible skins and other temporalities.

Key words: Education. Curriculum. Performance. Public school.

## RESUMEN

Esta tesis pretende pensar en la performance en el campo de la educación como una invención de un currículum cuyas creaciones dan lugar a una nueva piel y constituyen los efectos de insurrecciones que deshacen versiones oficiales. Explora creaciones y movimientos que borran el currículum de una escuela pública a través de actuaciones como la piel. Afirma la piel más allá de la piel física, como una piel inventada y un lugar de despliegue, y la performance se ve como lo que se produce en los estratos de paso de la piel a estados intensivos de fuerzas anónimas, fuerzas de existencia y un poder de ser afectado. Defiende la performance como un invento que se hace cuando sus movimientos desafían la representación que se impone a la educación a través de formas políticas estranguladas. Enfatiza la fuerza política de las escuelas públicas en la creación de performances que se inventan en diferentes contextos cotidianos, potenciando la creación como una forma de resistir colectivamente. Problematiza la necesidad de mostrar lugares de nacimiento y movimientos creativos en tiempos de políticas tóxicas a través de la cartografía de movimientos en una escuela secundaria pública del municipio de Serra, ubicada en Vitória- Brasil. Evoca la necesidad de buscar salidas ante los incesantes intentos de dejar sin aliento y las guerras que se han librado contra la vida. Destaca los procesos inventivos como armas para trastocar el proceso anti-producción de la máquina conservadora frente al juego de las homogeneizaciones. Busca aliento teórico en los conceptos de Deleuze y Guattari para pensar el juego de la diferencia como un escape y concluye que la performance es un invento que ventila y produce efectos en contacto con las fuerzas del mundo creando otras pieles posibles y otras temporalidades.

Palabras clave: Educación. Performance. Escuela pública.

## ESTRATOS DE UMA PELE



... O QUE QUER UMA ESCRITA? 17

... NOTAS SOBRE UMA ESCRITA  
INTERROMPIDA 20

UMA PELE PARA CADA COISA 24

... EM MENOS DE UM SEGUNDO ESTE  
MAPA SE DESFEZ 27

PERFORMANCE COMO PELE? 28

... É 2020. É PRECISO RESPIRAR. E  
ESCREVER... 33

... O ANO É 2020 35

TODAS AS VIDAS IMPORTAM? 36

PLEASE! I CAN'T BREATH! 40

VAMOS DEIXAR A BOIADA  
PASSAR? 42

SAÍDAS...  
POR BOLSÕES DE VIDA 44

O VENTO COMO AFECÇÃO ... UMA  
ESCRITA-MAR 49



UMA SINGULARIDADE QUALQUER... 59

O ENSINO MÉDIO MORREU? 64

PELES RESSONANTES:  
A ARTE DA PERFORMANCE NA  
EDUCAÇÃO 77

ATUALIZAR A POTÊNCIA DE UMA PELE  
92

UMA PELE SEVERINA 107

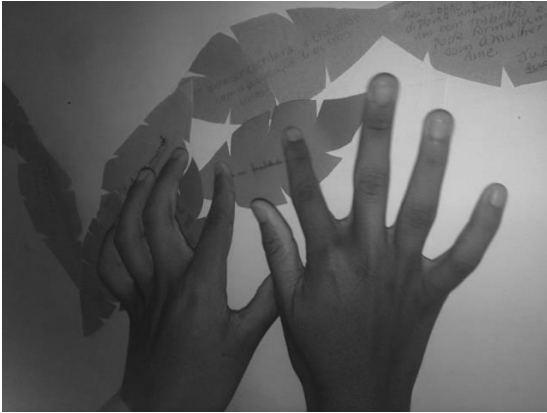
QUANDO A PELE TRANSPIRA:  
PARA NÃO SEGUIRMOS LASSOS NESSE MUNDO 116

DEVIR-PELE 140

À FLOR DA PELE... TEIMAMOS EM NÃO MORRER 157

É 2021, A PELE CANSADA CONTINUA NASCENDO DE NOVO 174

REFERÊNCIAS 182







Body painting - Gesine Marwedel

*Ser pele, ser meio, ser o próprio excesso*

## ... O QUE QUER UMA ESCRITA?

*Escrevemos porque algo da vida passa em nós. Escrevemos para a vida porque algo nos toca e nos agita e nos emudece ao mesmo tempo.*

*Esta tese se apresenta como um pensamento de uma vida. Ou muitas vidas. Inspirações vindas dos modos de vida, modos de pensar e maneiras de viver. Vidas que ativaram esta escrita. Perturbações. A vida que o pensamento e a escrita afirmam. Jeitos de invenção, forças do mundo. O inventar que surge da agitação da vida, das escolas, dos currículos. Explorar que o que excede, o que faz suportar e acontecer de uma educação que inventa saídas, produz seus respiros, inventa sua pele, suas pausas e rasuras. Inventar de novo. Porque o inventar não tem receita. Escrevemos aqui sobre uma educação possível operada pela potência política da rasura, que ao rabiscar um currículo por corporeidades e performances fazem nele uma nova pele por onde a diferença possa deslizar. Assim, somos tocados pelo tempo dos acontecimentos, pelas metamorfoses e pelo que acontece na superfície.*

*Perseguirmos a nova pele nascida por um corpo ou por vários corpos que desformam uma educação com suas performances. Assim, foi preciso margear bordas, limiaries, expandir. Pensar em um currículo possível, escrito por corpos, pressupõe deixar marcas para fora e inscrever-se no espaço. Trata-se de uma escrita sem intenção de narrar, representar ou descrever algo previamente.*

*Nessa escrita sobre um currículo que faz uma performance criando uma nova pele, o corpo que escreve busca entrar num real possível, não se limita a relatar ou espelhar, revelar imagens, mas percorrer invenções mínimas, singulares, por superfícies. Para tanto, coloca-se no jogo da diferença. É aqui que se instaura a rasura: o inaugurar de uma pele. Algo se passou. Há um vestígio de um gesto humano inaugural. Este é o convite que emerge na escritura-rasura-mar. Não se sabe o que se está a tecer, não se projeta o vivido, não se repete, não se usa a experiência anterior como modelo ou princípio. Esta é uma escrita sobre o que se inventa como saída quando se agitam os ventos que nos lembram que novas paisagens são possíveis. Portanto, a pele que se faz performance ativa e mobiliza sensações e forças criativas que dão lugar a dissonâncias, pluralidades, delírios e fugas que fazem aprendizagens coletivas. Assim, uma educação é*

*constantemente posta a prova, e diante das linhas que a impõem se expande e desforma as realidades.*

*Nosso interesse é nas forças movidas em invenções docências, currículos, aulas, escolas que perfazem a potência criadora (DELEUZE, 2012 a) que anuncia um universo aberto à pluralidade de mundos.*



**Arquivo de pesquisa.**

## ... NOTAS SOBRE UMA ESCRITA INTERROMPIDA

Esta é uma escrita interrompida, que insistiu em vazar. Nela há paradas. Algumas obrigatórias. Outras acidentais. Nela, estão presentes golpes de vida e de morte. E escapes, fluxos que não se detêm nas paradas. Aulas e suas preparações, quando a escola veio pra casa e se misturou com a escrita desta tese e estudos *on-line* das filhas. Às vezes a interrupção era uma ideia que vinha à cabeça. Paro para escrever. Escrevo. Batem à porta: “Mamãe, tô como fome”. Paramos para preparar. “Brinca comigo?”. Reuniões virtuais se proliferam. As notificações de mortes pelo novo corona vírus só aumentam.

Mas há também saídas. Ler e escrever, para mim, desde cedo significaram também ouvir e falar, atos de um corpo que escuta e reage, sente e se expressa, grita ao mundo e respira. São notas sobre aspectos importantes que perpassam a escrita desta tese e que também podem ser lidas como comentários sobre as escolhas dos caminhos “escolhidos” e que me ajudaram a respirar escrevendo e pensando sobre uma escola pública que nos atravessa e nos faz escrever.



Arquivo de pesquisa.

Até chegar aqui, houve um percurso de encontros. Primeiro com os textos das bibliotecas, durante o período de escola, que eram logo lidos e relidos. Depois,

foram os textos durante a faculdade, ampliações do meu mundo, conversas e vozes que me atravessaram. Pensar com Derrida fascinava, procurar reconstruir o arcabouço do seu castelo de conceitos. Também Toni Morrison, Butler, Anzaldua, Spivak, João Cabral, cada qual com seu tipo de dificuldade, sua voz e com seu mistério. Antes e depois, houve também outros encontros. O prazer de aprender outra língua. As tardes na escola de inglês. Experiências que saíam das aulas e viravam curiosidades e que me levaram a estudar traduções diversas. Segui interessada em tradução durante o mestrado, procurando compreender essa louca alquimia, ampliação que se faz nas palavras que hoje escrevo nessa tese.

A tese é uma busca por percorrer as invenções de um currículo em seus escapes e suas relações com o corpo, com os encontros. Surge como uma busca integrada aos desejos e pulsões criativas. E dúvidas; Currículo é performance? A educação faz performance? Por que educação e performance?

Perseguindo a dúvida, currículo e performance, podemos pensar, fazem uma dança, compõem um enredo possível. O currículo dança, brinca com palavras. Abre a roda onde ele mesmo estiver. A performance o espreita pelo seu lado de dentro: flui sobre o papel, escorre entre dentes. Caminha e faz suas vias. A performance voa. Habita tudo o que desenha curvas e corre sinuosa entre os currículos. Ponteia, distende, força e se alonga por entre as salas, corredores, hortas. Assim como um currículo, uma performance não é o conjunto de quatro retas. Pode ter ângulos retos, porém se dobra. Um currículo dobra, como linhas. Vive de se desdobrar. Não mora dentro da escola como seu único habitat. Nunca cabe nela: transborda para dentro dos olhos de alguém. Dentro do corpo de alguém, faz ruídos. Repete diferindo e variando. “Repetir repetir – até ficar diferente”, escreveu Manoel de Barros. O currículo rabisca. A performance rasura, vem com o corte dos versos, é um lapso de tempo, uma folga na vida, um respiro, uma pele. É movimento de olhos, sequência de sons, de conversas, o toque



do sinal, mãos por entre as páginas. Um currículo não existe apenas no fluxo da escola. Às vezes escoar, evapora. Vive onde puder se alastrar. Uma performance pulsa. Em silêncios. Em corpos. Pelos corpos. Pelos poros. Um currículo é, ou pode ser, uma performance possível. Pele que se forma na invenção. Pelos corpos que se agitam ou se acalmam. Pelo frisson da novidade.

É sobre uma sequência de espaços e tempos de um corpo que se desloca pelo mundo. De uma música que se espalha pelo ambiente. De um som que surpreende.



Arquivo de pesquisa.

É no acontecer de uma presença que a performance está, ou seja, não se sabe onde ela está em um currículo. Mas podemos arriscar.

Esta escrita é um arriscar-se a pensar a performance como pele. Exercício de invenção de uma pele. Sua criação é uma prática de sair de si, um despudor de não se manter no controle. Um “outrar-se” que se arrisca conscientemente a percorrer a performance como invenção. De pensar a instabilidade das linhas. O de não propor o controle sobre o cotidiano. Nem pressupor os resultados. De experimentar. Jogar com os elementos, de deslizar e depois observar o seu próprio processo, o seu próprio giro pelo espaço. E deixar o próprio desdobrar. O

desarrumar do ar. O abrir de uma pele. Das artes que a própria vida faz com os ventos. Da pele que a própria vida faz.



**Body painting - Gesine Marwedel**

*Cada pele é sobre a força de uma delicadeza*



## UMA PELE PARA CADA COISA

Uma pele se desdobra, se rasga, se movimenta, se desfigura fragmenta-se sutil ou violentamente. Envolve e atravessa movimentos flexíveis de um corpo. Um conglomerado de peles se movimenta sob a aparência de uma pele única que supostamente nos veste sob uma identidade. De potência heterogênea, uma pele imprime forças, imagens, modos e formas de vida. Uma provocação de Paul Valéry destacada por Deleuze (1974, p. 12), provoca essa tese:

*“... nada é mais profundo que a pele.”*

Em um mundo em constantes fluxos, uma educação currículo pode deslocar o conjunto de forças engendradas que inventam uma pele, ou várias peles. Cada uma delas pode ser outro mundo. Nesse tensionamento, os movimentos reverberam criações e peles que nascem como reação às forças e que fazem insurgir a diferença. Perguntamos então: um currículo pode inventar uma pele com performances que conglomeram composições, mestiçagens, alianças e metamorfoses diante das amarras que se impõem a ele?

Pensamos que mais do que inventar uma pele para tudo, pode-se fazer uma pele para cada coisa. Uma pele que exista pelo viés das forças que irrompem dos corpos balançados pelas forças do mundo. Forças múltiplas entre macro e micro se abrem no mundo vivem em nossos corpos coletivos que coexistem formando outras texturas, outras peles, performances.

Assim, a performance como pele que se forma nos interessa por uma educação que se efetue nas composições de forças, como um lugar de proliferações de mundos e para reforçar nossa aposta em uma educação de excessos que arriscam com a experimentação. A performance como pele em um currículo não inventa uma pele para todas as coisas, mas inventa peles para cada coisa, para cada vivente, porque

ao mesmo tempo que a pele marca uma separação, ela traz uma mistura, como nos ensina, Oliveira (2014). Assim, investimos na variedade de linhas que fazem a pele de um currículo, na diferença de cada pele que, por si só, é temporária.

A pele que reveste um currículo é também o lugar de encontro e lugar de troca. Não é uma capa: abre-se, deixa-se penetrar e é portanto, travessia, passagem. A pele é então, lugar de desdobramento. Falamos aqui, então, de uma performance-pele, passagem para estados intensivos de forças sem nome, de forças de existir e de um poder de ser afetado.

Mais do que superfície do pensamento, a pele é tanto o que nos limita como o que nos abre para o invisível. O sufocamento a que a educação é continuamente submetida não é totalmente possível porque em toda pele, algum horizonte se desloca. Um furo que se produz em cada poro. A performance traz algo que sempre respira na abertura à imanência extrema de um currículo em devir: lugar de passagem que a cada momento, inventa uma pele que oscila, um currículo está sempre se tornando. Recobre linhas duras, moles, músculos firmes, ora cansados, mas não deixa de deslocar e atravessar forças por paisagens e mundos que podem ser outros.

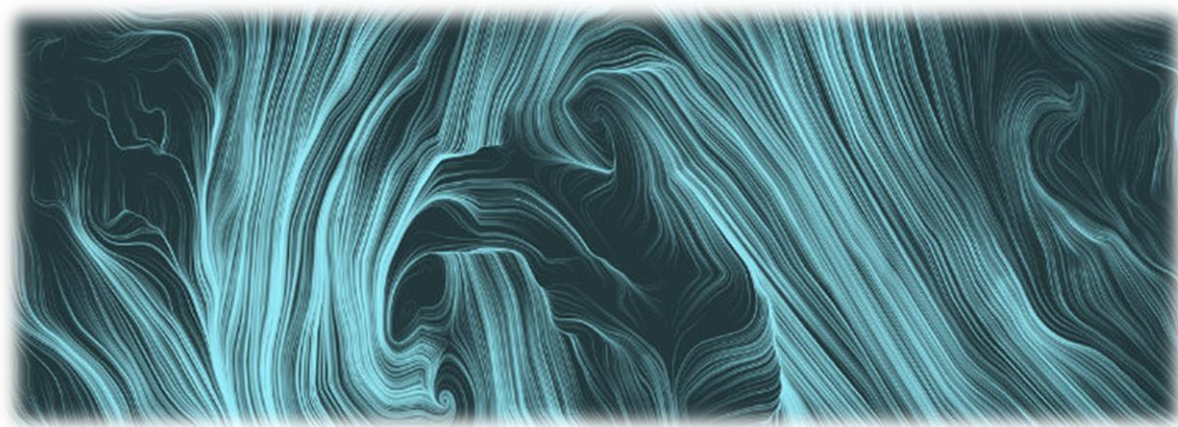
*A história nos ensina que os bons caminhos não têm fundação, e a geografia, que a terra só é fértil sob uma tênue camada pelas bordas, superfície para enrubescer e verdejar (DELEUZE, 1974, p. 13).*

Que rasuras se fazem e o que morre, verdeja ou enrubescer nas peles se formam pelas performances de um currículo? Todavia, é importante ressaltar que toda pele é instantânea e pode ser aspirada pela representação, pela identidade, pelas dicotomias. Assim, essa pesquisa pensa um currículo que rasura e que pela nova pele cria uma performance por onde escorrem seus fluxos, invenções, viscosidades. Propor pensar a performance como invenção de uma pele significa dizer que uma educação e que um currículo não tem limites. A performance não tem finalização ou simetria e

vai se constituindo nos processos por diferentes processos e faz da própria porosidade uma estratégia de vida, de respiro para continuar existindo.

**... EM MENOS DE UM SEGUNDO ESTE MAPA SE DESFEZ**

Mapa dos ventos



Fonte: Captura feita pela NASA.

Sobre a fugacidade de uma ventania

Não se explica uma ventania. Toca uma pele e quando se “vê”, ela já foi. Uma escola excede qualquer pergunta que se faz sobre ela. É sempre mais do que se consegue dizer sobre ela e extrapola para além dos limites do que se pergunta sobre ela. Esse é um alerta para pensarmos que uma pesquisa sobre um currículo que faz pele está sempre no caminho e que a percepção é sempre subtrativa. Não podemos reconstruir movimentos; podemos vivê-los e sabê-los (em alguma dimensão). Um movimento, uma vibração, uma mudança, uma irradiação, tudo aberto. Para tanto, convidamos a uma percepção gasosa, que se esvai a todo o momento para atravessar os ventos e movimentos de uma escritamar, líquida rasurada pelos ventos e águas que fizeram das performances de um currículo, a sua própria pele.

## PERFORMANCE COMO PELE?

Eu fico pensando até quando a gente tem fôlego para inventar moda na escola, mas é engraçado, eu falo que não vou mais me matar, e fazer só o que tem que ser feito, mas na tem jeito , é chegar aqui a gente é levado, isso é do professor, a gente reclama? reclama, mas não se entrega e faz! Essa força é própria escola que faz, todo dia. Isso não se inventa do dia pra noite, nasce de muito trabalho, cansaço, mas também da alegria de estar juntos aqui todos os dias (Fragmento de conversa).

Pensar a performance como pele em um currículo implica percorrer o que o esculpe, ou as esculturas que ele faz nas superfícies em fazimento. “Inventar moda”, como um mapa de ventos que se desfaz continuamente, a performance grafa as linhas de fuga, fluxos e existências-outras. São conexões entre pessoas, músicas, corpos que estão na ordem da captura, portanto, fogem a compreensões essencialistas e não estão no âmbito da compreensão. Ela sugere outros modos de explorar desertos e territórios, ou “*deserterritorializar*” pensar a pele-deserto como possibilidade de amplitude, evasão de limiares, expansão total de uma pele que foge, para passear pelas insurreições de outros mundos possíveis, e não se encaixar experiências em racionalismos e essencialismos, mas no que é fugidio e instantâneo. Para pensar nas performances como possibilidade de se constituírem como intensificadores de existências, ou seja, como modos de expansão da vida de professores e jovens de uma escola pública, ou apenas uma escola, corrige a professora.

- Sim, é pública, é de todos. Mas esse rótulo acaba sendo pra diferenciar, pra criar um status de inferioridade. Escola é escola, pelo menos deveria ser assim.

Nesse sentido, pesquisar a performance nas escolas nos fez pensá-la como uma superfície, a pele proliferadora de movimentos, de criações, perturbações e corporeidades. Pesquisamos processos-criações de currículos porosos, abertos, que formulam mundos, em mil repetições de corpos que nos atravessaram em eletricidades e forças. Desarrumação do ar, a pele vibrante, vento: o som onde tudo

começa. Desenhos do vento. Vida. A performance em nosso percurso mostrou-se sinuosa, água que se espalha espiral, ruídos que desarrumam o ar. Invenção... Não como um conceito de um único componente, porque vem de outro conceito, mas como uma composição de linhas e peles (2010a).

Pressupõe materialização, ação, prática criativa. O termo não tende à especificidade, não quer demarcar territórios, não entra no jogo da representação. A própria história da palavra aponta para esse caráter de ampliação sucessiva dos significados anteriormente atribuídos, à abertura de possibilidades dentro de várias linguagens artísticas.



Arquivo de pesquisa.

Ler escritas indígenas do povo Kotiria, passear por um novo arcabouço cultural, ler e reescrever narrativas a partir das suas próprias perspectivas, podendo utilizar qualquer língua e meio semiótico. Tocar outras peles, mobilizar signos que nos ajudam a pensar na potência da performance como criação de outros mundos em nosso campo. Contornar obstáculos nos percursos que se rasuram todos os dias diante das paradas para fazer fluxos. Pensada como potência de criar uma pele, um ritmo e afastada da noção de solução para a educação, a performance, como

criação de uma nova pele no cotidiano de uma escola pública, destitui a ideia de uma educação que produza uniformizações, se pensarmos que os problemas são, também, produzidos a partir das insurgências cotidianas. Podemos, então, dizer que elas são, em nossa pesquisa, os efeitos insurgentes a partir das pausas obrigatórias ou involuntárias, quando criações-fuga são feitas nos encontros dos silêncios, do acaso e nos modos de ser inventados cotidianamente nas escolas.

Embora não definir tenha sido um ímpeto, percorremos a performance como invenção, para além das estabilizações e representações que delimitam mundos e pensamentos. Pensada como invenção de uma pele, ela invoca o movimento, a diferença e o devir. Então, o que nos move, são os movimentos e os processos inerentes à potência de micro insurreições e erupções que compõem os cotidianos e que, por serem da ordem do imprevisível, impassíveis de serem enclausuradas em denominações hierárquicas e essencialistas. Não se personificam em falas. Mas podem insurgir delas. Insurgências e invenções que podem partir não só das coletividades, mas também delas. A invenção que surge a partir de um pensamento, de um movimento, de uma coletividade ou mesmo de um silêncio inquietante.



Arquivo de pesquisa.

- Imaginar outros mundos ler pela narrativa indígena, o do que se lê, isso também é tradução. Ele tem que imaginar, viajar, conhecer. A gente pode muito mais do que uma interpretação de texto que a Base quer.

- Tem muitas formas de trabalhar a leitura, a partir de uma leitura eles criam uma dança, uma peça, imagens de animação. É um jeito de viajar pra onde nunca ninguém foi. Só o céu já da uma paisagem. Não é lindo?



Fonte: Arquivo de pesquisa.

Tudo um universo de possíveis. Pássaros que se transformam em peixes. O azular que dá uma paisagem. Esta pesquisa é sobre a força de movimentos que vão se inventando em todos os contextos, no cotidiano de uma escola pública, em sua relação com os múltiplos espaços-tempos que constituem a imanência, delineados por zonas de intensidade, limiars, fluxos e potências que deslocam o viver para além de sobreviver, potencializando a criação e redesenhando formas de resistir coletivamente. Produzem-se então, novos fôlegos, novos possíveis a partir dos encontros, forças que escorrem das alianças, do devir, do acontecimento. Partimos da proposição de que nos cotidianos podem nos dar pistas de acoplamentos produzidos nos encontros principalmente em meio a forças conservadoras que



tentam incessantemente reduzir a existência a uma “vida besta” e nos inspirar com seus movimentos-peles- criações inesperadas.

Assim, de modo específico, evocando currículos em permanente criação e assumindo a complexidade da vida cotidiana e suas experiências, buscamos pensar nas velocidades e lentidões, nas criações e invenções. Nossa aposta é, portanto, nos movimentos que abrem rasgos e que se fazem em linhas de fuga, em especial num espaço esgarçado onde as coisas adquirem velocidade, como um riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e faz novas correntezas.

Pausas. Barulhos. Potências de exterioridade que só existe na sua própria pele, nas suas invenções, na ocupação de espaços abertos por movimentos que não têm ponto para explodir. Vemos, na performance a invenção de uma pele, o que acreditamos ser potente, para tensionar as pesquisas em educação. Uma invenção que se faz, especialmente, para aquilo que não estamos preparados. Se não houver nenhuma certeza quanto a esses modos, ao menos podemos afirmar que, desde já, devem ser, eles mesmos, invenções.

Nossa produção inclui imagens, vídeos produzidos pela pesquisadora ou pelos sujeitos da pesquisa. Não se pretende aqui capturar ou identificar, mas pensar pelos escapes e pelos movimentos cartográficos, que rasuram linhas e processos além de produzir movimentos com a performance como política de invenção. São peles regidas pelas forças do mundo, encontros que agitam, resistências que não se fazem isoladamente (ROLNIK 2018) em movimentos que sinalizam que outros currículos são possíveis dentro de um.

Convidamos a percorrer as peles de uma escola pública. Navegamos uma escrita com blocos de sensações, tornamo-nos *com* a escola, nos servimos das palavras para trazer à superfície o que vibra quando alunos professores e alunos fazem performances como política que afirma a vida.

... É 2020. É PRECISO RESPIRAR. E ESCREVER...

601.000 mortes.

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

(Italo Calvino, *As cidades Invisíveis*, p. 150)

*... O ANO É 2020*

O ano é 2020. O ar nunca foi tão raro e é preciso abrir espaço. A humanidade é ameaçada por uma grande asfixia. No meio da cratera, é preciso mais do que reinventar tudo: é vital engendrar novos espaços e percorrer fluxos que possibilitem existir de outras formas. Todas as guerras que têm sido travadas contra a vida atualmente têm em comum a retirada de fôlego. É 2020, e nunca foi tão urgente desarranjar o processo de antiprodução, vital gerador da máquina fascista que repulsa a diferença e espanta o devir. É preciso vazar, configurar novos espaços em busca de ar.

## TODAS AS VIDAS IMPORTAM?

Um ataque virótico torna todos iguais, embora suas consequências se distribuam de forma desigual. Mais de seiscentos mil brasileiros vitimados pela falta de ar. A pandemia, aliada à falta de políticas de valorização da vida, especialmente no âmbito da saúde e da educação, somada ao genocídio e à necropolítica,<sup>1</sup> ensina que precisamos fortalecer políticas que priorizem educação pública de qualidade e um sistema público de saúde.

Todavia, em um momento em que a presença do Estado é crucial para combater a proliferação do vírus, assistimos a um festival de declarações-horrores, que minimizam os efeitos da pandemia. Em meio à morte, o “Messias” eleito avisa que não faz milagres e alerta que fome e desemprego também matam (desde o começo da nossa história!). Respiramos veneno cotidianamente via discursos fascistas.

**'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'**

Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Tragicamente, a pandemia coincide com um governo calcado em uma política de morte. O cenário certamente seria menos mortal se outras ações políticas tivessem sido adotadas. A desigualdade ampliada pela pandemia reproduz um círculo vicioso de políticas de abandono e evidencia que a pandemia tem afetado mais duramente

---

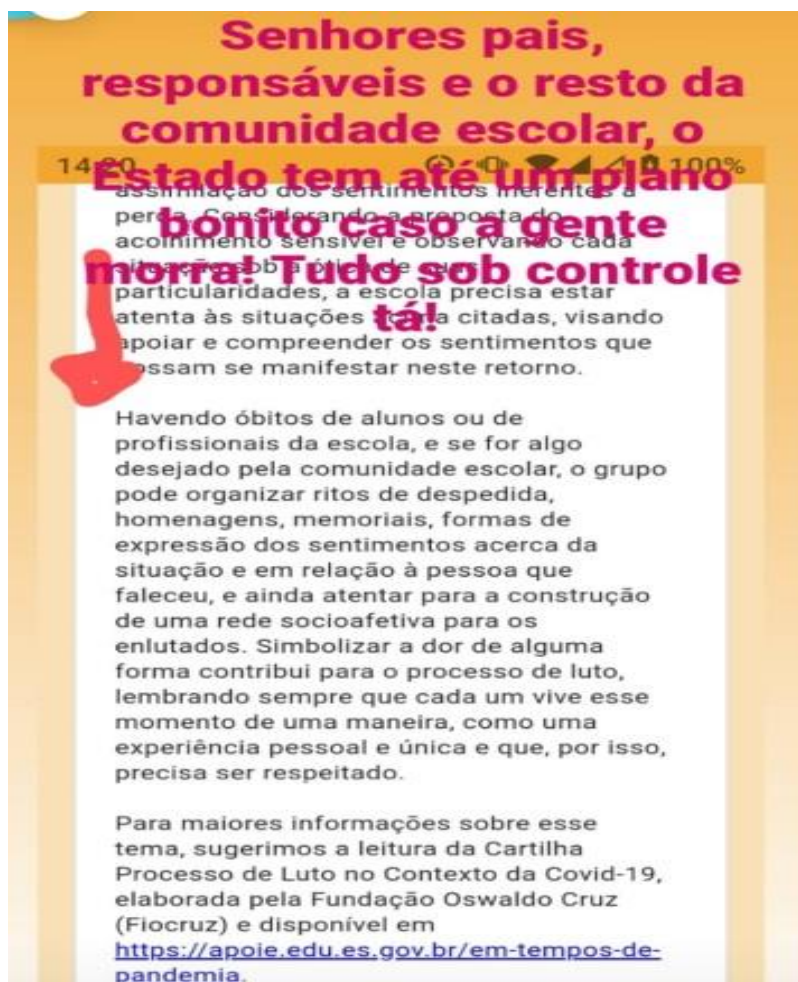
<sup>1</sup> Achille Mbembe (2018) define necropolítica como uma política de morte pela qual o Estado decide quem vive e quem morre. Mbembe parte do pensamento foucaultiano do biopoder para pensar esse conceito e ressalta que a necropolítica é especialmente mais sofisticada e violenta com povos colonizados e populações periféricas.

a população vulnerável. Dessa forma, a disparidade entre a qualidade da educação ofertada a ricos e pobres, que se tornou ainda mais acentuada pela Base Nacional<sup>2</sup>, é alavancada na pandemia, quando pequenos terrores, como a evasão escolar, o aumento do número de notificações dos casos de feminicídio, o maior número de denúncias de abuso de crianças e a sobrecarga do trabalho das mulheres afetam a vida fortemente nesse tempo de asfixia.

A pressão pelo retorno das atividades escolares sem que haja uma vacina sinaliza que há um dispositivo que diz que algumas vidas podem ser perdidas, “mas todas importam”. Será? Diferente de outros setores, a escola ocupa uma posição inaceitável, porque, de alguma forma, desafia a lógica da maquinaria capitalística que a compara com bares, shoppings e praias.

---

<sup>2</sup> A Base Nacional Comum Curricular foi homologada pela Portaria 1570, em 21/12/2017. Homologada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE / Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017), o documento chega às escolas no início de 2018.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Ainda assim, “Tá tudo sob controle”, diz o post da professora, enquanto o Estado cuidadosamente alerta:

Havendo óbitos de alunos ou de profissionais da escola, e se for algo desejado pela comunidade escolar, o grupo pode organizar ritos de despedida, homenagens, memoriais, formas de expressão dos sentimentos acerca da situação e em relação à pessoa que faleceu, e ainda atentar para a construção de uma rede socioafetiva para os enlutados.<sup>3</sup>

O trem do progresso não pode parar, é preciso compensar a “interrupção acidental” imposta pelo vírus, reconfigurar leis trabalhistas com contratos modernos e flexíveis para que o mundo não pare. O freio “acidental” colocado pela pandemia não é

<sup>3</sup> Excerto do Plano de Retorno às Aulas Presenciais da Rede Pública Estadual de Ensino do Espírito Santo (2020). Disponível em: <https://sedu.es.gov.br/plano-de-retorno-as-atividades-presenciais>. Acesso em: 14 set. 2020.

exclusivamente causado por um vírus, mas por um sistema político-econômico e moral que sufoca, que não poupa a vida e não aceita interrupções na era do “todas as vidas importam”. Respirar tornou-se uma ameaça.

A parada obrigatória anuncia que a catástrofe não é uma; são várias, cotidianas e acompanhadas de culto à brutalidade, à desinformação e à desqualificação da ciência. A respiração sofre golpes de parada quando se tenta, a todo o momento, sequestrar os possíveis (PELBART, 2008). Impera o medo de não acompanhar. Medo de não comer. Precisa-se de vale transporte, cesta básica, acesso à internet. Alunos e famílias em plena pandemia se desdobram entre buscar atividades, aprender, acessar, se alimentar:

*- Ei, aqui é a Maria, professora, tô com todas as atividades só que o dinheiro que eu fui colocar no cartão não caiu. E eu não sei o que fazer agora. Porque o trimestre fecha hoje, né?  
Minha mãe tá de bicicleta.*

*- Mesmo sem ônibus, quase todos deram um jeito de buscar a cesta básica. Uma mãe ligou perguntando o que tem na cesta pra ver se compensa pagar 20 reais de Uber ou esperar os ônibus voltarem.*

Na lógica do pensamento de que não podemos parar, a pausa para viver e continuar respirando é entendida como a verdadeira catástrofe. Os ataques e declarações<sup>4</sup> que escancaram o descaso com a vida oprimem os trabalhadores da educação. Ao minimizarem a gravidade da Covid-19, sinalizam que precisamos proteger as vidas em esferas moleculares, comunitárias, diante de uma política que clama pelo retorno das atividades econômicas em nome do progresso. A máquina devoradora de possíveis não cessa suas readaptações contra as pausas e respiros que saturam o capitalismo. Contudo, sabendo que nossas manobras vitais não serão toleradas pela política maior, criemos outras. Façamos nossos desvios em busca de ar.

---

<sup>4</sup> Como exemplo, citamos a declaração do Presidente da República, em 17 set. 2020, sobre a reabertura das escolas: “Ficam ouvindo sindicato de professores. Pessoal deve saber como que é composta a ideologia dos sindicatos dos professores pelo Brasil quase todo. É um pessoal de esquerda radical. Para eles tá bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro eles ficam em casa e não trabalham, por outro colabora que a garotada não aprenda mais coisas, não volte a se instruir”. (Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-ataca-professores-e-diz-que-eles-nao-querem-trabalhar/>. Acesso em: 1 set. 2020).



## PLEASE! I CAN'T BREATHE!

O sufocamento é a própria catástrofe. Os gritos de um homem negro ecoam pelo mundo. O joelho no pescoço de George Floyd mostra o nó na garganta atado por séculos de genocídio e racismo. Em uma situação-limite, clamando por nada mais que ar, Floyd não teve a chance de se ajoelhar para implorar pela vida. E assim se foi. No chão. Na rua. Clamando por nada mais do que ar, ele se foi.

Assim como Ágatha,<sup>5</sup> indo para escola. Assim como João Pedro,<sup>6</sup> brincando. Eles não tiveram tempo de pedir para respirar. Mortes morridas e matadas cotidianamente.

Os sufocados pelos horrores cotidianos em estrangulamentos, balas perdidas, são quase sempre os mesmos. Catástrofe é paralisar diante de tamanho assombro. As mobilizações pelas ruas em protesto à morte de Floyd sinalizam uma batalha pela existência, quando a vida está sufocada e nada nos resta a não ser a luta coletiva que fura o cerco para viver. Mais do que uma reivindicação, lampejos de esperança para nos sustentar quando a potência de vida é sequestrada, quando a vida é



Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/internacional/a-utopia-independente-indica-que-george-floyd-morreu-por-asfixia/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

<sup>5</sup> Em 20 de setembro de 2019, Ágatha Félix, oito anos, foi alvejada por um tiro de fuzil quando voltava para casa com a mãe no banco de trás de uma Kombi, no Complexo do Alemão, zona norte do Rio (Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52731882>. Acesso em 5 abr 2021).

<sup>6</sup> Em 20 de maio de 2020, o menino João Pedro, de 14 anos foi morto em uma operação policial na região metropolitana do Rio de Janeiro (Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52731882>. Acesso em 5 abr. 2021).

abusada e cafetinada (ROLNIK, 2018) pela maquinaria que cuidadosamente se engendra para nos paralisar. Que venham as rajadas e que elas nos espalhem!

Em revide às políticas sufocantes, produzamos deslocamentos que tragam como sopro de vida a potência de criação, quando nos matam com joelhos, balas perdidas, racismos, homofobias, políticas de morte e tudo que a onda ultraconservadora trazer. Passemos pelas fissuras por outros mundos.

## VAMOS DEIXAR A BOIADA PASSAR?

É 2020 e a área ambiental é uma das mais castigadas pela atual política. Tempos marcados pelas grandes tragédias ecológicas causadas por crimes ambientais. Pedimos ar por Brumadinho, pelo desmatamento recorde na Amazônia, pelas manchas de óleo na costa brasileira, pelo Pantanal em chamas. As tragédias ambientais são mundiais, contudo, no Brasil, a incompetência em combatê-las parece ser proposital.

**Ministro do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19**

Disponível em:  
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2020.



Foto de Takumã Kuikuro. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-20-xingu-e-o-territorio-indigena-com-mais-focos-de-queimadas-no-brasil-18-09-2020/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

O povo indígena pede ar com o Pantanal e florestas em chamas. Os incêndios florestais que acontecem todos os anos se tornaram, de algum modo, pandêmicos em 2020. A proteção ambiental esperada pelo Estado vem em forma de ataques com garimpos autorizados em territórios indígenas. O rolo compressor desmonta a política ambiental e promove um retrocesso sem precedentes com o desmatamento nos biomas brasileiros. Permite a exploração ilegal dos recursos naturais do país, extingue e modifica as leis. Crescem, assim, os conflitos sociais pela terra, a violência no campo e na mata. Não há garantias, não há segurança. Ainda assim, resta-nos o ar para nos apegarmos, criar e esperar em meio a tanto horror. Que venham as rajadas que nos desfazem para, a partir delas, produzirmos mundos e nos rebelarmos criando saídas.

## *SAÍDAS... POR BOLSÕES DE VIDA*

Precisamos de saídas que desorganizem mapas em uso. Diante de tamanha saturação, é premente nos reapropriarmos da força de criação e cooperação e agir micropoliticamente (ROLNIK, 2018). Apresentamos esta pesquisa com a audácia de explorar frestas de ar, vazios que desatem os nós na garganta para esperar, apostando em gérmenes de vida produzidos quando se esgotam quase todas as forças, quando se pensa que já vivemos absurdos demais.

Contra o jogo da homogeneização, buscamos em Deleuze (2013) e Deleuze e Guattari (2010, 2012a, 2012b) fôlego teórico para pensar no jogo da diferença como escape, produzir novas diferenciações que nos ajudem a suportar o deserto e resistir à aridez. Diante de desalentos a que assistimos todos os dias, nossa tese busca nas performances inspiração para pensar os currículos como experimentações, como afirmações de modos de vida singulares. Propomos pensar pelas saídas, pensar pelas bifurcações para que não permitamos que a boiada conservadora nos pisoteie. Assim, essa pesquisa cartografa e explora escapes pelas brechas, porque acreditamos que é por que elas que o conjunto molar desaba (DELEUZE, 2013).

O leitor dessa tese não encontrará um manual performático com projeção de soluções para viver o “novo normal”. Problematizamos o currículo a partir das performances para esvaziar a escola de significado, de dogmas pensados de antemão para pensar no que toca, no que violenta para forçar a produzir sentido e agir micropoliticamente diante dos processos de assujeitamento que não são capazes de estancar o fluxo das resistências e invenções que desafiam a lógica capitalista.

Como revide ao regime colonial capitalístico (ROLNIK, 2018) que rouba nossas forças e cafetina as existências, ousamos pensar nos currículos tecidos nas germinações de mundos, nos nomadismos que desafiam qualquer pretensão de enrijecer os movimentos curriculares com a Base Nacional ou com a Reforma do Ensino Médio.

As saídas nos interessam para pensar os currículos pelas fissuras, dissoluções de fronteiras, pelos estados de indeterminação. Mundos desmanchados que deságuam em outros mundos, configurando novas relações entre o estabelecido e o novo e afirmar que outros mundos são possíveis. Aberturas aos devires que ensaiam novas formas de colaboração que possibilitem a desfiguração do currículo (AMORIM, 2012). Interessam-nos as fendas que germinam artistas da vida, os expulsos da lógica monodisciplinar.

Pelas saídas, pretendemos pensar a performance como atitude em frente ao mundo, para ventilar diluições dos currículos e esvaziá-los do fundo humanista. Apostamos na capacidade das performances e suas núpcias de desmanchar o currículo como carta de intenções prescritas, para germinar um currículo perfurado por incorporeidades e devires, quando se desacredita na força da errância e, equivocadamente, pensa-se que não há o que fazer e nem há o que nascer diante da atmosfera atual.

Buscamos, nos vácuos curriculares, poros de respiração (KASTRUP, 2012), para germinar mundos criantes, ambulantes, compor alianças impensadas, possíveis e, por que não, impossíveis? Somos mobilizados pelas criações cotidianas que, mesmo diante de uma necropolítica declarada do Estado, abrem *rasgos para o fora*<sup>7</sup> (CORAZZA, 2013) nos currículos e não deixam o jogo da proliferação da diferença estancar. Acreditamos que o processo de criação elaborado a partir da experiência do fora promove o aparecimento de uma ética outra, de uma maneira outra de se relacionar com o real e de pensar. Pela experiência do *fora*, segundo Deleuze, o que prevalece é a tentativa de escapar à lógica régia. Essa experiência pressupõe certo contato com a violência que nos tira do campo da reconhecimento, do reconhecimento, e

---

<sup>7</sup> O Fora é aqui compreendido como o trazem em Deleuze e Guattari (2012b), como o deserto, o lugar da errância, o lugar do devir. Nesse sentido, a experiência do fora pode ser interpretada como novas possibilidades de vida, novas individuações e invenções diante das manifestações de uma política maior. Em devir, o processo de criação quando elaborado a partir da experiência do fora, promove o aparecimento de uma ética outra, de uma maneira outra para construir novas possibilidades de vida inauguradas no processo de mutação e de experiência.

nos lança sobre o desconhecido, lugar onde nada é previsível, onde nossas relações com o senso comum são absolutamente rompidas, onde certezas e verdades são abaladas.

Saídas, criações de novas realidades e sentidos que são também acreditar no mundo, recriando a terra (LAPOUJADE, 2015) com atenção para outras temporalidades que precisam ser pensadas, especialmente aquelas que criam velocidades, planos povoados por devires-cartógrafos (CORAZZA, 2013) e devires simulacros que produzem diferença.

Contra forças paralisantes, afirmamos currículos moventes e rasgados por novos delírios e fabulações. Povoados por performances que deslocam limites, passam pelo avesso da pele para liberar alegria, mesmo quando o ar é raro.

Reivindicamos

o pelo direito de variar, de musicar o currículo pelo acontecimento, de alegrar e devanear pelo plano de imanência, fazendo um currículo-mar, “fluência pura” (CORAZZA, 2013, p. 30), insubordinado à representação, deslizante, “*currículo-gangue*”, que:

[...] existe e opera, mesmo que de modo imperceptível, em Todos os Currículos Existentes e em Funcionamento. Embora os Currículos-Oficializados queiram sempre pô-lo na prisão, segmentarizar os seus espaços lisos, cortar as suas linhas de fuga, represar os seus fluxos que teimam em escorrer (CORAZZA, 2013, p. 33).

Os movimentos da performance que defendemos, que inventa uma pele, insistem na teimosia que cria existências diante de políticas redutoras da diferença e pensamos na criação como política de vida que se constitui em movimentos que desarranjam o institucionalizado, vivem perigos, voam e causam estranhamentos fazendo dobras.

Assim, exploramos o que o Pensamento Dogmático desqualifica: o que não tem sentido, o que não tem “pé nem cabeça”, a besteira, o erro, a falta de lógica, os bichos-de-sete-cabeças. O currículo dos desvalidos rasurado por singularidades.

Lançamo-nos, pois, numa tese-mar para navegar pela criação e afirmar o direito de fabular, de inventar, de rabiscar mundos novos. Precisamos, mais do que nunca, buscar ar nas saídas. Artistar. Devanear. Vazar para resistir.

Diante da avassaladora máquina mortífera capitalística e sua capacidade sem igual de se remodelar e se acoplar a novos cenários que se formam, é urgente cartografar, desarranjar, abrir novas conexões para pensar a educação por vias menos segmentárias. Ao anunciarmos uma pesquisa que pensa os currículos a partir de performances, propomos um currículo que funcione desfuncionando, composto por rupturas que nascem a cada investimento da máquina paranoica de paralisar movimentos criantes. Desarranjar e vazar para passar ar, mesmo que as frestas produzidas aticem a operação paranoica fascista. Por isso, começamos pelas pontas, pelas saídas, para esperar e não renunciar à vida, apostando em outros mundos.

Na toxidade combinada com avanço do conservadorismo, exploramos os currículos que nascem a partir das insurreições cotidianas por viver dos exílios voluntários que desfazem versões oficiais do currículo por meio das performances. Os ventos mudam, exigem de nós força para existir, resistir e configurar espaços de colaboração. Seguimos em busca do que nasce a despeito dos ventos do conservadorismo que têm sido cada vez mais fortes. Lançamo-nos, pois, numa escrita-mar à mercê dos ventos.



*... quanto a esse sopro de baleia, você pode estar em pé,  
dentro dele, e ainda assim não saber com certeza do que se  
trata [...] nesse mundo não é tão fácil estabelecer nada sobre  
as coisas mais simples. Sempre achei que essas coisas simples  
eram as mais emaranhadas.*

*(“Moby Dick”, Herman Melville, 1980)*

## O VENTO COMO AFECÇÃO ... UMA ESCRITA-MAR

Na saga do capitão Ahab pela baleia, um sinal aparece em meio à deriva: o sopro que se confunde com outros sopros peculiares da pesca, indistinguível, muitas vezes, até mesmo para os mais experientes pescadores. Sopro ou vapor? A dúvida insiste. A obra que narra a saga de Ahab pela baleia Moby Dick nos apresenta uma escrita na qual a busca é quase um organismo vivo que compõe com o capitão em meio a linhas móveis e emaranhadas ao flutuar pelo oceano, fazendo de cada esticar de linhas uma nova rajada.

Se há de haver alguma certeza nessa pretensa captura é a falta de controle diante do ir e vir flutuante sobre as águas. Ahab está sempre à espreita de escorregamentos, diluições e do acaso. Por linhas de pesca e linhas móveis, o personagem atravessa águas desconhecidas e desemboca em sensações de todos os sentidos, ouvindo, vendo, tateando, deslizando, experimentando.

A tormenta constante da pesca evoca a sensação de inacabamento, escancara o inesperado e exige do pescador atenção ao presente, tanto nas tempestades e ondas como nas brisas e calmarias. Apostamos que essa atenção aos fluxos possa nos levar a encontros com signos capazes de forçar o pensamento. Dentre ventos devastadores, suaves, ou uma mistura deles, colocamo-nos a pensar movimentos que nos forcem todos os dias a nos arriscar entre estabilidade e caos e a traçar linhas nos movimentos inesperados, que são inerentes à agitação fecunda das escolas.

À espreita,<sup>8</sup> sentimos as marés de vida que deságuam nos corredores, recreios e conversas nas escolas. Pensamos nos ventos cotidianos como forças que nos afetam e nos colocam em condição de *ser mar*, ou seja, em constante performance diante das ondas que trazem consigo a dúvida, a tormenta e nos desafiam a criar

---

<sup>8</sup> Estar à espreita, para Deleuze, é ter “[...] uma atitude atencional de abertura para o encontro e para o acolhimento da novidade inesperada” (KASTRUP, 2012).

para continuar respirando, criando e cuidando. Cuidar da terra, cuidar do espaço em um encontro alegre em nosso campo problemático. O despertar da capacidade de criar uma realidade potente, uma dimensão coletiva de sermos capazes de instaurar uma realidade potente e criativa, que envolva, fecunde a terra, crie imagens que narram viveres curriculares que insurgem de molecularidades. Mais do que desafiar a lógica, mas convocar a ideia se engajar para fazer existir novos sistemas comunicantes, novas possibilidades de estar junto neste mundo com a nova terra, com as performances que não param de criar um novo mar a cada vento, e novas peles a cada rajada.

A provocação delirante de imagens moventes e vivas reinventa conexões saindo das generalizações e entrando na lida com as coisas. É importante ressaltar na política que acontece entre e estabelece um gesto de atenção no que se pode fazer junto num engajamento coletivo.



Fonte: Arquivo de pesquisa.

O capitão da “melhor obra do devir” (DELEUZE; GUATTARI 2012b, p. 85) não tem outra escolha a não ser pensar diante dos encontros que o mar apresenta. A luta de Ahab nos inspira a embarcar numa *escrita-mar* para pensar nos efeitos do encontro com o fora e na multiplicidade do pensamento. Ao discutir, a partir da filosofia de

Deleuze, Zourabichvili (2016) lembra que pensamento está ligado à *necessidade* e não à *boa vontade*; não é da ordem do voluntário. É um acontecimento que se dá quando se abre ao *fora*, diferentemente da noção admitida historicamente de que há um voluntarismo em busca de uma verdade, que foi concebido como pensar.

*- Eu fico pensando até quando a gente tem folego para inventar moda na escola, mas é engraçado, eu falo que não vou mais me matar, e fazer só o que tem que ser feito, mas na tem jeito, é chegar aqui a gente é levado, isso é do professor, a gente reclama? Reclama, mas não se entrega e faz!*

*- Era um espaço descuidado e pouco habitado, com muito esforço e afeto, nasce a Hortilde. Um respiro, um frescor na escola. Repare bem: mudou muita coisa?*



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Zourabichvili (2016, p. 16) ressalta que “[...] o pensamento não sabe ainda o que é verdade, ele se sabe apenas dotado por um procurar”, em suma, entra em movimento à procura de algo. Ahab é forçado a pensar pelos encontros que desarranjam as teias de sentidos e significados fixados *a priori*, há pois, um devir. O pensamento se dá como um acontecimento em relação com o pensamento dogmático, violentado pelas mobilizações criadas nesses encontros com o *fora*, a partir de concepções prontas e já significadas.

- Por mais que haja planos, Base, diretrizes, planejamento, tudo se desfaz quando a gente chega e se encontra. Uma palavra, uma sacada nova, nasce em uma atividade como a Hortilde, nossa horta.

- Enquanto a gente capina junto, planta, a gente conversa e isso não deixa de ser uma forma de estudo, e isso não vem de lei nenhuma, vem da escola nossa de todo dia.

- E tem mais, a gente é muito decente, porque por mais que tenha políticas e normas e todo ano chegue uma coisa nova, no fim das contas o que a gente fizer vai estar bom. Quando a gente tá em sala e vê o jeito deles olharem, se prepararem, eles esperam muito da gente, é muita covardia desse governo fazer o que faz com o ensino médio.

A pele não desiste, se cansa vai até o fim esgota possibilidades. Um pensamento contornado por uma linha abstrata, como diz Deleuze (2013 p. 141), que “[...] enfrenta a loucura e a vida, algo como a morte”. Linha baleeira capaz de arrastar ou sufocar. Perseguir a dúvida de *como* enfrentar a linha nos jogaria na armadilha cartesiana que estabelece um guia. A urgência é dobrar a linha, proliferar variações,



criar formas de vida, enfrentar, respirar, criar. Percorrer caminhos, acidentes, variações. Dobrar a linha é a única maneira de percorrê-la e de enfrentá-la. Portanto, os enfrentamentos, as relações de forças nos atraem nessa problematização. Esgarçamentos. Oscilação de marés. Paradas. Saídas.

É esta condição de *ser mar*, de movimento constante e de encontros nas escolas que nos força a pensar na produção de singularidades em vazamentos e

arrastos que nos lembram que “[...] um pensador é feliz quando ele não tem mais escolha” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 15) e que nos alertam que, quando tudo parece estar sob controle, no extremo da linha começa uma nova maré, uma reviravolta que bagunça a vida, apresentando um possível, um devir indomável. “É como se se jogasse uma rede, mas o pescador arrisca-se sempre a ser arrastado e de se encontrar em pleno mar quando acreditava chegar ao porto” (DELEUZE, 2013, p. 239). Nesse sentido, nascem movimentos que, como o vento, são inesperados.

Reviravoltas. Retornos nunca possíveis. Propomos uma cartografia de potências de vida em resposta ao poder instituído sobre a vida nas redes construídas todos os dias nos currículos. Performances, como *respostas singulares*, involuntárias, não nascem com uma grande revolução, mas de uma forma molecular, imanente, quando mal conseguimos identificar onde o poder está situado. Uma aula de matemática, uma oficina de animação. Um vídeo,<sup>9</sup> ampliar mundos, extrapolar barreiras que nos são impostos para experimentar limiares todos os dias. Criar é desafiar a morte pela escassez de recursos didáticos, do desencantamento.



Fonte:  
<https://www.youtube.com/watch?v=-UcZt8SU2DY>

Perseguida pelas incertezas trazidas das marés e emaranhada em experimentações, a escrita deste texto é efeito da produção dos sentidos-encontros. O navegar de Ahab nos ensina que o sentido é produzido, não tem lógica ou origem. É o que se produz no meio de novas maquinações, o que efetua novos cortes e atravessa múltiplos acoplamentos.

---

<sup>9</sup> A animação produzida está no QR code da página 84.

Assim como Ahab, privilegiamos toda sorte de dúvida e suspeita necessárias para nos lançar à escrita de uma tese-navegação, produzida a partir da violência dos ventos súbitos que mudam o rumo da escrita e que, em contrapartida, produzem novos mundos a partir dos encontros.

Vaguear pelas performances cotidianas é um convite a problematizar mundos que insurgem nos currículos, nas núpcias, nos encontros, nas misturas, nas fecundações. Como o estourar de um cano, impossível de se conter, tentamos cartografar performances em movimentos que, apesar de passarem por consecutivas tentativas de vedação, fogem pelas fendas em movimentos contínuos. Inspiramo-nos na dúvida de Deleuze e Guattari (2012a, p. 86): “[...] a cada momento, o que foge em uma sociedade?” para estender a pergunta ao que foge nos encontros, nos currículos ou que mundos fazem fugir. Tentamos pensar que efeitos insurgem a partir do misto que vaza por entre as durezas das fórmulas molares para perguntar: O que faz tudo balançar? Que ventos nos arrastam? O que produzimos ao atravessá-los? Que devires nos atravessam?

Uma escrita-mar é um navegar: constante e deslizante na superfície. Os ventos e as marés enredam as linhas. Para nossa tese, portanto, são pouco relevantes as filiações. Importam os ventos. Acreditamos, com Deleuze e Parnet (1998, p. 86), que “[...] a escritura não tem outro objetivo: o vento, mesmo quando nós não nos movemos”. Seduzida pela provocação que nos soa como poesia, pedimos licença para poetizar Deleuze e Parnet (1998, p. 89) e pensar nossa aposta de uma escrita-mar que tem o vento como principal afeto...

[...] o vento, mesmo quando nós não nos movemos,  
“chaves no vento para que minha mente fuja do espírito  
e fornecer a meus pensamentos uma corrente de ar fresco” -  
extrair na vida o que pode ser salvo,

o que se salva sozinho de tanta potência e obstinação,  
 extrair do acontecimento o que não se deixa esgotar pela efetuação,  
 extrair no devir o que não se deixa fixar em um termo.

Estranha ecologia: traçar uma linha, de escritura,  
 de música ou de pintura.

São correias agitadas pelo vento.

Um pouco de ar passa

(DELEUZE; PARNET, 1998, p. 89).

Um grito pelos possíveis. O que seria das marés sem os ventos? Falamos dos delírios e loucuras que fazem passar correntes de ar para inventar, para não sufocar. É o que pode se esperar desta escrita à mercê dos ventos. Tese-mar: imensidão e fluxo e expansão e superfície e oscilação e maré e deslize e fundo e...

Não como um alvo a ser atingido, o possível, “[...] você não o tem previamente, você não o tem antes de criá-lo” (ZOURABICHVILI, 2000, p. 335). Gritar pelos possíveis passa pela ordem da criação, é explorar os limiares, chegar a um suposto limite, quando, finalmente, irrompe a criação do impensado. É o que criamos a partir do acontecimento. É a batida no fundo.

Fundo. Como explicar o fundo e o mergulho, se embarcamos nos efeitos de uma filosofia do acontecimento que permeia o “sem-fundo” em uma tese inspirada no mar, corpo d’água que, embora imenso, expande-se ainda mais ao se fazer oceano? Como negar o fundo numa cartografia que se pretende *mar*? Podemos arriscar um escape-resposta como Deleuze (2000, p.148):



É difícil descrever esse fundo e, ao mesmo tempo, o terror e a atração que ele suscita. Resolver o fundo é a mais perigosa ocupação, mas é também a mais tentadora nos momentos de estupor de uma vontade obtusa. Com efeito, com o indivíduo, esse fundo sobe à superfície e, todavia, não toma forma ou figura.

Apostamos, assim, que algo do fundo volte à superfície sempre diferindo: de volta à superfície, o fundo torna-se “sem fundo”. É no encontro com o fundo, lembra Deleuze (2000, p. 158), que “[...] as formas se decompõem, que todo modelado se desfaz, todos os rostos morrem”, restando apenas a linha abstrata rumo ao indeterminado, produzindo novas superfícies. Lapoujade (2015) nos ajuda a pensar ao destacar, a partir da filosofia de Deleuze, que não é a descoberta de novas profundezas o que importa, mas a produção de novas superfícies. É o que buscamos nesta tese, apostar em algo do fundo que venha à tona. Não pretendemos explorar as “profundezas”, mas percorrer suas superfícies.

Bater no fundo do mar não nos dá chance outra que não seja recomeçar por outra linha, quando a batida se torna um *deslizar*. O encontro com o fundo, com as tocas e rochas não compõe com as águas uma relação de finitude, porque insiste em vazar em outros fluxos. O fundo, aquele que pensamos ser fim, passa a ser lugar de fluxo de águas deslizantes que impedem que ele seja sempre o mesmo ao compor com ele. Nesta tese-mar, fundo é também superfície, lugar de fuga.



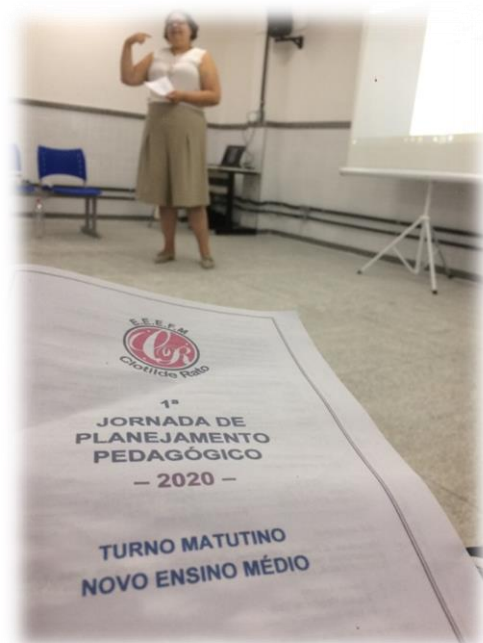
Fonte: Arquivo da pesquisa.

Dessa forma, abandonamos a noção de profundidade<sup>10</sup> para pensar o fundo como escape e expansão, porque, ainda que nele seja raro o oxigênio, há potência de vida, há vidas que insistem em viver. O *fundo* de que falamos aqui é espaço onde gritam vidas que nos ensinam a pensar a força do involuntário do pensamento que nos arrasta nas marés desta escrita, ora mansas, ora revoltas.

É a partir do fundo que começa um turbilhão. Um limite que não se resume a algo que se possa prever ou pensar, mas ao que se enfrenta. Portanto o fundo provoca o pensamento como violência, quando as questões e os problemas são colocados pelos movimentos. São, portanto, da ordem do acontecimento.<sup>11</sup>

Deleuze (1974) denuncia que o mundo do fundamento é minado pelo que tenta excluir, pelo simulacro que o aspira e o esmigalha. A partir dele, proliferam populações nômades, invisíveis, populações do não sentido, do invisível, vindas do “fora”, aquelas consideradas ilegítimas. O enfrentamento do fundo, como o indeterminado, não nos coloca um muro, um limite, mas a possibilidade do salto que faz um devir-outro, que dispara o pensamento a partir do choque-deslize. É o que é produzido quando não se vê outra chance que não seja criar novas formas peles, produzir singularidades, sentidos ambulantes.

Salas de professores, salas de aula, jornadas pedagógicas, recreios, intervalos e redes sociais. Que ventos sopraram nossa pesquisa? Onde estamos? Começamos a pensar nossa produção em 2017, em um ano pós-ocupações. Assim, fomos arrastados e, ainda que em pleno mar tenhamos a



<sup>10</sup> Deleuze (2000), de certa forma, abandona a noção de profundidade por entendê-la como próxima à noção de fundamento, à atividade de fundar, de instaurar um marco inaugural, original.

<sup>11</sup> Para Deleuze, o conceito de *acontecimento* está na ordem do resto da linguagem, naquilo que escapa à possibilidade de dizer. É o desaguar da linguagem no que não se pode expressar. Uma linguagem nova que irrompe, inesperada, inexplicável, dissonante: “O acontecimento é inseparavelmente o sentido das frases e o devir do mundo; é o que do mundo deixa-se envolver na linguagem e permite que funcione” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 16-17).

sensação de chegar ao porto, que não existe, seguiremos perseguidos pela dúvida...

Pesquisamos percorrendo a *zona vivível* e problematizamos formas outras de escape e composições nos cotidianos de uma escola pública com suas singularidades e movimentos. Coletividades, encontros, devires, lanches coletivos, aulas, frestas, recreios em que professores e alunos desfiam vidas e ventilam as questões curriculares, atualizando movimentos que os produzem nas escolas, relacionando-os com as virtualidades que neles se atualizam em experimentações que são da ordem do pensamento.

Assim, percorremos experimentações potentes, capazes de afetar e ser afetado por forças múltiplas. Esta pesquisa aposta na performance como política de vida que se efetua nas alianças e na “[...] vontade de potência positiva, ancorada num movimento para o infinito, para o excesso” (LINS, 2001, p.108). Movimentos que se criam nas superfícies e modificam os espaços

Fonte: Arquivo da pesquisa.

para se afirmarem e que se fazem no jogo entre sedentariiedades nômades e as políticas totalizantes, para problematizar as saídas criadas em busca de ar como potentes fontes de criação, por onde a diferença escapa e germina.

## UMA SINGULARIDADE QUALQUER...

Começamos nossa pesquisa em um campo pós-ocupações de 2016<sup>12</sup>, esgarçado por lutas. Grandes e pequenas políticas engendradas e movimentando águas turvas de rios que fizeram um mar-escola “ocupado” de outra forma.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

---

<sup>12</sup> Embora essa pesquisa tenha começado oficialmente em 2017, já em 2016, quando já estava frequentando as reuniões do grupo de pesquisa como ouvinte, comecei a pensar, compor e produzir alguns dados.

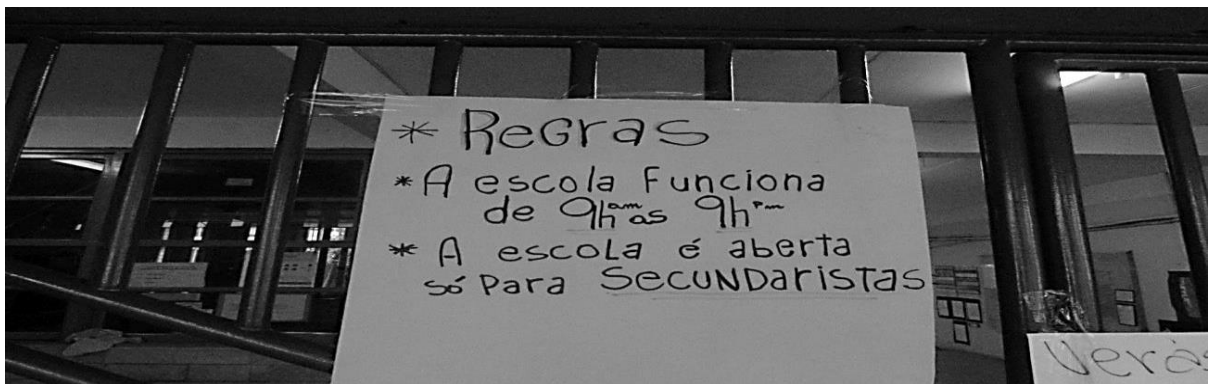
Nas vésperas das eleições, a justiça eleitoral bate às portas da escola, ocupada. É para eles que o juiz eleitoral pede a liberação do espaço:

*- Entendemos como é importante ouvir o jovem. Não queremos acabar com o movimento, apenas liberar a escola para a eleição.*



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Tudo diferente: “Agora eles ditam as regras”, disse um colega.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

As regras continuam: “Após fazer seu Bolsonaro, dê descarga”,<sup>13</sup> diz o cartaz no banheiro. Use uniforme!



Fonte: Arquivo da pesquisa.

O diretor pede para entrar.

Pedidos negados.

Papo reto. O movimento protesta contra a PEC 241,<sup>14</sup> denuncia um plano multifacetado, que opera por cortes, e é entendido por uma parte considerável da sociedade como bagunça, invasão, balbúrdia com as velhas organizações, vai



Fonte: Arquivo da pesquisa.

<sup>13</sup> Os dizeres no cartaz afixado pelos alunos na ocasião são: “Após fazer seu Bolsonaro dá descarga”.

<sup>14</sup> Durante o governo do presidente Michel Temer, a PEC 241 congela as despesas do Governo Federal por até 20 anos, incluindo os gastos com educação. O documento encontra-se na íntegra no site: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351>.

além de um simples ocupar e estabelecer quem entra, quem sai, o que vestir. Deleuze e Guattari (2012c) nos possibilitam pensar esses movimentos do nosso mar-escola como fluxos capazes de fazer o mundo fugir em direção a outros mundos possíveis, de tal maneira que não podem ser tomados apenas como enfrentamentos fragmentários ou focos de luta contra os mecanismos de poder. Estamos em um campo de práticas resistentes que desafiam as práticas pedagógicas vigentes e evidenciam que esse coletivo tem o que dizer; não é um mero receptor de políticas e prescrições curriculares.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Em criações cotidianas, as performances, criam outras formas de existência e lutas nas escolas por meio do diálogo com os movimentos sociais, rodas de conversas, composição de músicas, dança, teatro e poesia. Com Deleuze e Guattari (2012c), aprendemos que o poder não é o responsável pela ação constituinte e que essas lutas e movimentos desmentem as premissas anunciadas pelos discursos que reduzem os alunos a vítimas de doutrinações por parte de seus professores e professoras.

Nosso campo acaba de ser atravessado por movimentos de estudantes que não suportam mais carregar o fardo da máquina produtora de serializações. Dessa



**FArquivo de pesquisa.**

forma, os coletivos, ocupações e protestos avançam contra e além das submissões escolares, não vão apenas para criticá-las por seus preconceitos, suas exclusões e sua incapacidade de produzir autonomia, mas também para reivindicar outras formas de estar junto, de inventar e aprender em comum para ensejar novos começos, ainda que esses movimentos não sejam imunes às relações de poder que tentam controlar as novas forças (DELEUZE; GUATTARI, 2012c).

Esse campo nos ensina que outras escolas são possíveis, porque este povo atravessado por lutas, marés fortes e ventanias fala por si próprio e, embora enredado por discursos maiores, faz um currículo que cria e aprende com as novas águas que o atravessam. São das correntes

de água desse tempo que surgem as performances, quando um currículo duro, somado às políticas invisibilizantes, quebra-se em muitos outros pelas vidas que insistem em criar e pelos devires que são uma investida na vida.



## O ENSINO MÉDIO MORREU?

Esses movimentos em performances cotidianas mostram um campo de resistência que vai além de mera oposição ao movimento para a criação de movimentos impensáveis. No meio do maremoto, o ensino médio é declarado morto. Precisa ser reformado e é bombardeado por discursos maquinicamente engendrados, que visam a consertá-lo, elevá-lo a um nível internacional, conforme enuncia o governo na mídia.

### **Ensino médio está falido e não agrega conhecimento, diz ministro sobre resultados de matemática e de português**

Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/30/ensino-medio-esta-falido-e-nao-agrega-conhecimento-diz-ministro-sobre-resultados-de-matematica-e-de-portugues.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2020.

### **Desempenho fraco do ensino médio público estimula mudanças curriculares**

O Ministério da Educação estuda um novo modelo de ensino, em que as atuais 13 disciplinas serão distribuídas em apenas 4 grandes áreas. Na Câmara, uma comissão especial também estuda novos modelos para o ensino médio.

Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino\\_educacaobasica/2012/09/26/ensino\\_educacaobasica\\_interna,324623/desempenho-fraco-do-ensino-medio-publico-estimula-mudancas-curriculares.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2012/09/26/ensino_educacaobasica_interna,324623/desempenho-fraco-do-ensino-medio-publico-estimula-mudancas-curriculares.shtml). Acesso em: 30 set. 2020.

Salvar o ensino médio de quê? Ou de quem? Para quem? A serviço de quem? Qual ensino médio? É possível acreditar em um ensino médio como um receptáculo de políticas que visem a resgatá-lo da crise?



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Cuidemo-nos diante das crises desencadeadas focando no remédio (COMITÊ INVISÍVEL, 2016) e nas políticas oportunistas e usurpadoras que querem reconstruir, reestruturar aqueles que não se encaixam na previsibilidade e fogem pelas frestas como forma de prevenir qualquer tipo de tensão. Assim, a crise como técnica política de governo se instaura apressadamente, antes que pequenas insurreições ganhem força.

Os processos que acompanhamos acenam para que as políticas reguladoras como a Reforma de Ensino Médio, desconsiderem os excessos produzidos nos currículos. Seus vazamentos nos indicam que a única universal na política é o devir minoritário de todos e de cada um (DELEUZE, 2012a). As criações, os novos tipos de insurreição que esse campo é capaz de produzir fazem performances que mostram que a vida curricular teima em transfigurar, em esgotar as lógicas do possível e reivindicar o acesso a uma nova pele. As velocidades e lentidões mostram que o ensino médio nunca esteve tão pulsante e repleto de invenção, de excessos que transbordam criações que rasuram Bases e Reformas que, pretensiosamente, tentam formatar currículos.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Afinal, é preciso tratar o ensino médio doente? Doente de quê? Seriam os movimentos que não podem ser categorizados as anomalias de um ensino médio perfeito? Seria a criação “fora de série” a enfermidade a ser curada? As performances que criam esses currículos nos ajudam a pensar que não, quando a professora diz:

- *Eu estufa o peito e vou. Preciso buscar alguma coisa que me*



*estimule pra tocar um projeto. Não adianta ficar falando da Biologia muito distante do conteúdo que fique distante deles... Aminoácido, lipídio então tá. Vamos trazer para a realidade deles e o palpável pra eles pensarem: 'onde eu vou usar isso?' Tudo é conversado. Eu faço a proposta, e só toco o projeto se eles toparem. Os meninos brilham os olhos. Isso é meu combustível. A coisa acontece, a gente bota o bloco na rua. A escola inteira tá com a gente, até os professores mais tradicionais, que são muito de sala de aula. Aqui a gente junta tudo. Eu não tenho ideia do que a Base diz, mas não tem nada como essa sacudida do levar a escola pra quadra. Eu não preciso de Base, eu preciso de aluno.*



A maré se forma entre professoras que estufam o peito e vão para quadra e os que ficam na sala “para que os alunos sejam alguém” faz em um currículo plural que compõe com a Base, evidenciam o movimento oscilante entre macro e micropolítica (DELEUZE, 2010a):

Fonte: Arquivo da pesquisa.

*- Eu não sou de fazer projetos, mas eu entro nesses que eles fazem aqui. Eu sou muito de sala de aula, eu escolho o lugar deles na sala e ligo para as mães, cobro dever e reprovo, eu sou doída mesmo, pode vir Sedu pode vir Papa, porque senão não vão ser nada na vida. E eles ainda falam: 'Ai professora, eu queria ser seu filho!' Eu acho que tem que ter a Base sim, porque chega aluno no ensino médio sem saber nada.*

*- Tudo bem, a base é autoritária, mas tem coisas boas, por exemplo, a gente já ouviu aqui professores reclamarem: 'Por que vão ter que estudar história da África? Pra quê?' A galera vai ter que passar por assuntos que antes não tinha...*



Assim, a aula que vai para a quadra. Eles explicam, aprendem e se enredam com outras turmas. Há transição de lugares, exploração de espaços, raios de sol na aula sobre DST's. Performances que combatem forças criando, desorganizando mapas em uso, desestabilizando limiares, desenhando novos territórios, rasurando, como forma de responder às necessidades e características do nosso tempo. Performances que

Fonte: Arquivo da pesquisa.

diluem fronteiras para uma nova aprendizagem, que acontece nos corredores, na quadra, nas criações de células com massinhas, nas diversões no sol da manhã na quadra - enquanto se falam das DST's e de seus perigos. Performances que fazem revigorar a vontade de continuar e vibrar um currículo itinerante:

*Juntos, cuidamos de tudo. São muitas mãos. Participam, fazem com vontade, não precisa forçar. A maioria totalmente diferente de como são na sala. É todo mundo trabalhando dias pra acontecer e eles arrasam. Aqui as coisas acontecem na quadra, no corredor, não que na sala não tenha aula, mas tem alguma coisa que faz com que eles se envolvam, com vontade, gostando daqui... É o que funciona pro tipo de aluno que a gente tem.*

Elementos perturbadores, criações, encontros inesperados, relações impensadas e intempestivas fazem currículos que desafiam as representações que ditam as aprendizagens. Nesses encontros, observamos um campo que foge por todos os

lados, o tempo todo. Perguntamos então: Pode uma reforma “curar” criações? Congelar singularidades? Prever os acontecimentos? Controlar a potência do encontro? Pensa a professora:



*- A gente percebeu isso e foi uma sacada. Diminui indisciplina. A diversão deles é aqui. Uns trabalham, muitos querem ir pra universidade, mas a gente sabe que a maioria trabalha no comércio. Eu fico triste, quando vejo que quase todo mundo que sai daqui e vai trabalhar no supermercado, mas a gente precisa parar de pensar que não tem outros caminhos. Ok, não fez universidade, mas é um ótimo técnico... Eles querem ter o tênis, o relógio que um adolescente rico tem... e daí? E qual o problema? Pra eles faculdade ainda é luxo. Precisam matar um leão por dia, isso cansa.*

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Os currículos que acontecem nos corredores, nas quadras, nas oficinas não vêm em prescrições. Nasceram das composições, dos encontros. Aprender fazendo, rindo, criando, com nossas próprias velocidades. Frestas abertas que a Reforma não captura por não servir aos desígnios do capitalismo. Essa mistura, que é aprendida fazendo, só o cotidiano da escola fabrica com os buracos curriculares que desmancham mundos e fazem surgir outros num processo em que não cabem representações.

Assim, todos aprendem e não se tem dimensão de como se aprende e nem controle sobre o que se acredita estar ensinando. Deleuze desafia a tradição ocidental que pensa a educação em matriz platônica ao afirmar o aprender como reconhecimento: nunca sabemos como alguém vai aprender.

Deleuze (1974) caracteriza o aprender como um encontro com signos e afirma que “Não se aprende através da verdade ou da contemplação, mas à custa de uma violência ou força”.

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos. (DELEUZE, 2003, p. 4).

Sendo da ordem da imprevisibilidade, aprender em Deleuze joga por terra toda pretensão de uma pedagogia que desenhe métodos de controles e medições dos processos de aprendizagem, e passa a ser um processo que acontece singularmente, em cada um. Aprender é sempre inaugural. Assim, para além de medidas quantificáveis e quantificadoras um aprender obscuro, como diz Deleuze, que em princípio nem o próprio aprendiz sabe que está aprendendo ainda que as políticas maiores tentem controlar e entender o que se pensa ensinar, o que se pretende de um currículo.

Apostamos nesse aprender gerador de diferenças, de criações de campos de novas virtualidades que se abrem para cada um. Devires inerentes à vida, coisas se tornando outras continuamente. Esses movimentos se ligam menos à noção de contradição e mais às maneiras como um campo foge por todos os lados, resiste e invoca saberes nômades, exteriores ao Aparelho de Estado, não destinados a tomar um poder, mas, ao contrário, a “[...] seguir o fluxo da matéria, traçar e conectar o espaço liso” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 45). Trata-se de uma pele lisa, um campo, que só se pode explorar avançando e expandindo.

Portanto, deslocamentos que estabelecem sua relação com a terra por meio de uma forte desterritorialização. Ciências menores que seguem modelos moventes,

voltadas ao devir, à heterogeneidade e produtoras de organizações turbilhonares. O que pode uma reforma diante de pequenos turbilhões cotidianos?

Diante das forças que atuam em uma espécie de linha de segmentaridade dura, constituída pelo controle não somente dos grandes conjuntos molares com tentativas de estancar a proliferação da diferença, há simultaneamente, potências produzidas por instâncias menores. Quando a linha molar da reforma, delimita, planeja e equaciona, as linhas de fuga em performances, evocam uma variação contínua, produzindo aprendizagens singulares e imprevisíveis.

Se a Base visa a uma solução, as performances cotidianas abrem o currículo para o devir, afirmando uma pulsação vital, que, dificilmente, será estancada por uma reforma, porque o brilho nos olhos que a professora vê não conta para a lógica do capital. É uma luta nova a cada dia. Busca de ar cotidiano. Quando o endurecimento se investe em apagar a potência, os desvios nos fazem desacreditar em um ensino médio estagnado, incapaz.

O pensamento da professora sinaliza o que Deleuze (2010a) enfatiza, isto é, que as potências da criação na se dão, necessariamente, no que foge ao instituído, mas ocorrem também nas molaridades. Assim navega um currículo. Currículo que dança por entre as composições com a Base, ao acontecer de variadas formas, com diferentes atravessamentos e encontros díspares.

Pensamos que, em um presente político que tenta bloquear a criação, professoras e alunos atravessam esse mar com coragem contra os consensos vigentes e as paralisias, abrindo frestas singulares que mostram que formações acontecem dentro das escolas todos os dias, sem o intuito de remediar, mas como formas de deslocar centros.

As performances evidenciam o quanto a Base está na contramão do que vem sendo produzido nas escolas e, equivocadamente, desconsideram as produções e efeitos produzidos a partir das performances. Golpeia-se o ensino médio também com reformas mirabolantes ou contrarreformas que desacreditam e desconfiam da



potência de criação de professoras e alunos que compõem esse campo. O desabafo da professora sinaliza o descontentamento com políticas imperativas, que “esquecem” que a escola é povoada por gente:

*- É como se não tivesse gente aqui. Tiram o diretor sem falar pra quem nem por quê. É como se não tivesse gente aqui. Não sei por que a gente ainda se assusta. Mesmo sabendo que ninguém ouve a gente, vamos fazer uma nota de repúdio.<sup>15</sup>*

*À Superintendência de Educação.*

*Nós, professores da #ehmassa, expressamos nosso dissabor e consternação em relação à forma como essa Superintendência conduziu a dispensa de XXX da função de Diretor Escolar.*

*Não nos colocamos contra a nomeação da nova diretora, que passa a assumir a função de Diretor Pró-Tempore. Acreditamos que a profissional esteja apta a dar continuidade a uma gestão responsável, competente e, acima de tudo, humana, tal qual a anterior.*

*Não se faz objeção aqui, tampouco, à alternância da administração de uma escola, um dos elementos, quando vindo de um processo justo e transparente, que garante um regime verdadeiramente democrático de ensino.*

*É repudiada a maneira pela qual se deu mudança: a dispensa do diretor sem um prévio aviso às partes envolvidas, sejam os professores, sejam os demais funcionários da escola, além do corpo discente e do próprio servidor retirado da função que outrora exercia. Soma-se, ainda, que a alteração ocorreu com o período escolar já iniciado, no dia da primeira Jornada de Planejamento Pedagógico (JPP) do ano, sem um tempo ideal para a transição das gestões.*

*Essa atitude da Superintendência parece não ter levado em consideração o potencial impacto negativo na rotina escolar, considerando que a educação, assim como a escola, é atravessada por fatores que vão além da conveniência administrativa. A convivência no cotidiano escolar inclui diversos atravessamentos, visto que educação é feita por gente e para gente.*

*Ao diretor, XXX, cuja dedicação redesenhou a história de nossa escola, fica o nosso agradecimento pelo trabalho, competência, dedicação e respeito à escola e a nós*

<sup>15</sup> A escolha de diretores na rede estadual do Espírito Santo é feita pela Secretaria de Educação. A comunidade escolar não é consultada em qualquer instância do processo. A fala acima mencionada foi durante a substituição repentina do diretor. Em protesto, os professores redigiram uma nota de repúdio.

*profissionais. Sua gestão assimilou aquilo que Paulo Freire nos ensinou, ou seja, a importância do respeito e afeto no aprendizado e na manutenção dos sonhos e utopias dos educandos. Sua história, certamente, não acaba aqui. Sua marca fica.*

*A nota aproveita para fazer um convite à Secretaria de Estado da Educação (Sedu) a repensar a condução, como são feitas as alterações das direções desta e de outras escolas, para se chegar a um processo de transição mais afetivo e humano, que aproxime democraticamente e seja positivo a todas as instâncias, desde os comandos superiores da Secretaria, aos personagens principais e razão de todo nosso trabalho e esforço: os alunos. Acreditamos que o olhar para educação deva ir além de nossas crenças, como sugere a reflexão de José Saramago: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Que diante de fatos como este, sejamos capazes de olhar a educação e ver além do que está diante de nossos olhos.*

*- Não sabemos o que dizer. É massacrante como encontram formas de nos massacrar e humilhar.*

*- E a gente tem que continuar como se tivessem trocado um computador. Não é assim. É engolir e continuar. Qual o motivo da troca? “Interesse administrativo”. Isso não nos inclui.*

Trocas, substituições que obedecem ao ‘interesse administrativo’. Uma reforma feita em caráter de urgência, via BNCC<sup>16</sup> provoca um hiato ainda maior, aumentando as diferenças e desigualdades entre a educação de pobres e ricos, além de não ter sido amplamente debatida. Assim, assumindo como premissa básica o que é definido como o necessário para o capitalismo maquínico, que mira a empregabilidade, estratégias e as competências e oferece uma pretensa flexibilidade e visa ao que deve ser cobrado nas avaliações de larga escala<sup>17</sup> que padronizam a aprendizagem

<sup>16</sup> Em 2018 a BNCC chega às escolas, após sua homologação pelo Conselho Nacional de Educação (CNE / Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017). A consulta pública encerrou-se no dia 15 de março de 2016 e a segunda versão do documento foi lançada no dia 3 de maio de 2016. O Edital de convocação para a produção de livros, lançado em julho de 2017, colocou o uso da Base como critério de avaliação.

<sup>17</sup> Na rede estadual do ES, por exemplo, aplica-se trimestralmente o Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (Paebes), que visa a avaliar os estudantes do ensino fundamental e médio do Espírito Santo em relação ao nível de apropriação dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática. Os resultados são alocados em Padrões de Desempenho que são categorias definidas a partir de cortes numéricos que agrupam os níveis da Escala de Proficiência, com base nas Metas educacionais estabelecidas pelo Paebes. Esses cortes dão origem a quatro Padrões de Desempenho, os quais apresentam o perfil de desempenho dos

como se fosse possível controlar o devir e o acontecimento. Trata-se, então, de uma tentativa disciplinar de inibir movimentos fugidios, nomadismos e molecularidades, o que configura um grande equívoco. Ou seria um projeto?

Como o que interessa nesta pesquisa são os fluxos, questionamos a Reforma do Ensino Médio e a Base por se basearem em uma pedagogia que visa a uma formação voltada para o mercado de trabalho, cujo projeto não garante aos alunos condições de continuar os estudos após o ensino médio e nem fornece o necessário para o ingresso no ensino superior. Uma reforma que inibe a escola e que não se interessa pelas demandas dos jovens invisibiliza questões locais e produções cotidianas. Fica claro que não interessa a essa proposta negociar com as produções de políticas curriculares nas suas diferenças, pois as criações não interessam ao projeto capitalista.

Acreditamos, também, que a estratégia de transformar a educação em mercadoria desconsidera que a potência das coletividades e das produções que acontecem cotidianamente. Lançamo-nos nesse reservatório inesgotável, ou mar de uma *singularidade qualquer*, aquela com a qual o Estado não sabe lidar (PELBART, 2003), porque ela produz um espaço produtivo por excelência.

Nesta potência da ordem dos impossíveis, composta pelos sem-comunidade (PELBART, 2013a), pelos sem-compromisso com as filiações para pensar que a potência de cada performance dificilmente seria capturada e incorporada a um projeto maior, a Base não daria conta da potência das performances que nascem em ideias, aulas, cantos, músicas e oficinas.

Com Deleuze (2012c), apostamos na experimentação pela qual somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado. As performances que criam aulas nos corredores e tomam conta das escolas configuram um plano de proliferação, de povoamento e de contágio. O que importa, portanto, é a consistência com a qual ele reúne elementos heterogêneos.

As zonas de vizinhanças produzem o devir todo mundo (DELEUZE; GUATTARI, 2012b), por onde nascem os movimentos que fazem a escola vibrar. A partir desses movimentos e devires surgem os imperceptíveis, que em relações de velocidade e lentidão naquele campo, naquele momento e com aqueles indivíduos se esvaem em marés para formar outras composições e vazamentos em busca de ar.

Essas composições que eliminam o que excede saturam os congelamentos que impedem os deslizamentos entre as coisas, as irrupções. Nesses currículos feitos por linhas, peles, intensidades.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

As multiplicidades infinitas de que cada um é capaz formam acoplamentos imprevisíveis, nos quais não há distinção fixa que permita uma denominação. Faz-se, assim, um plano de imanência deslizando e tecido por filiações, por acontecimentos, por transformações incorporais e por variações intensivas. A formação de uma nova pele é a regra.

Logo, em performances, os currículos se rebelam em experimentações que desafiam as tentativas de pensar o jovem ideal para um mercado. As produções mostram que os currículos são negociações, locais de disputa, tensionamentos de forças, relações de poder. Formam-se modos de insistir diante de uma reforma que não partiu das experiências das escolas, forjada por um grupo seletivo, a despeito de pesquisas produzidas pelas academias que são ancoradas numa falsa ideia de autonomia.

## PELES RESSONANTES:

### A ARTE DA PERFORMANCE NA EDUCAÇÃO

A Arte da Performance assumiu formas mais específicas nos trabalhos híbridos a partir da década de 1960, no campo das artes, especialmente pelas de obras de artistas como Marcel Duchamp e John Cage, que desestabilizaram as fronteiras entre a arte e a vida através de trabalhos que discutiam a teatralidade na vida.

Inaugura-se então um diálogo entre a performance e outros campos de conhecimento. Goffman (1992) também contribuiu com o deslocamento da performance para outras áreas de conhecimento, com a obra *The presentation of self in everyday life*, ao chamar a atenção para o caráter interacional das relações sociais e provocar um movimento que circunscreve um campo até então impensado, que é o da performance das relações sociais.

Há uma extensa discussão sobre a interface dos Estudos da Performance e a educação, (SCHECHNER, 2010; ICLE, 2010) que sugere que a noção de reunião, de encontro e de interação da performance seja pensada para potencializar as pesquisas em educação, porque esta traz consigo a variação como característica. Assim, defendem que a educação precisa ser ativa e envolver toda a *mentecorpoemoção*, em um processo em que ensinar é um *texto-tecer*, dentre os múltiplos textos que existem, sejam eles escritos sejam dançados. Assim, propõem pensar a performance na educação como uma forma de fiar, fabricar tecidos de diferentes fios.

Em um trabalho que elenca as contribuições dos Estudos da Performance com a educação, Icle (2010, p. 11) afirma que os estudos da performance nasceram nas “[...] fronteiras, nos limites, nos territórios e sobretudo, no borramento de demarcações” e, desconstruíram uma série de noções em campos variados de conhecimento. Embora o campo das Artes ainda seja um lócus privilegiado para as

discussões da performance, sua problematização, na arena da educação possibilita falar das variadas formas de se pensar as tensões epistemológicas que aproximaram as performances das questões curriculares.

Apesar de o tema ser relativamente raro na pesquisa em educação no Brasil, o termo performance tem sido estudado nos países de língua anglo-saxônica desde a década de 1960 e alinha-se às discussões relacionadas com conhecimento, experiência, subjetividade, poder, discurso e estética. O percurso dos estudos da performance no campo da educação tem forte influência de artistas que, ao pensarem a performance como linguagem, inauguraram o diálogo entre performance e outros campos de conhecimento, entre o da educação.

Para pesquisar a performance no campo da educação, buscamos, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), pesquisas de mestrado e de doutorado que problematizam o tema ainda pouco pesquisado no Brasil, fazendo o recorte temporal de 2013 a 2019. Foram utilizados os seguintes filtros:

- a) descritores: performance e educação (no campo “assunto”);
- b) grande área: ciências humanas, educação;
- c) idioma: português.

Embora a ideia de performance remeta ao espetáculo, à arte produzida no mundo contemporâneo e, muito frequentemente, seja sinônimo de desempenho nas pesquisas que percorremos, há também trabalhos que evocam a Pedagogia Performativa de Pineau (2010), inspirados na Teoria Crítica que, por sua vez, encontra na performance como arte um mote para libertação das estruturas estabelecidas. Salientamos que, na maioria das pesquisas em educação que mencionam a performance, predomina a acepção de performance relacionada com desempenho, em trabalhos que variam desde análises de testes de larga escala à formulação de hipóteses e diagnósticos para melhorar resultados de gestores, alunos e professores.

A tese de Bom-Tempo (2015) vê na performance a possibilidade de colocar em risco uma educação que tende a formatar modos de vida e que produza experimentações e deslocamentos importantes para a produção de novas relações com o mundo e com o pensamento. Nesse sentido, a tese *Clínica poética: experimentações em riscos nas imagens em performance* propõe uma educação atravessada por afetos nos encontros entre os corpos a partir de intervenções performáticas e de imagens criadas em performances. Tendo como base teórica Deleuze, a autora pensa clínica e poética como conexão que pode acontecer no meio, produzindo outras relações com a vida e gerando uma espécie de “saúde do pensamento” (BOM-TEMPO, 2015, p. 28), ligada às relações no mundo, aos signos e aos encontros.

A pesquisa utiliza imagens de performances como casos práticos, que são para a autora zonas de riscos para agenciar individuações que nunca se efetivam por completo numa educação que coloca as percepções em devires e produzem pequenos desertos que convocam à criação.

Conclui que os movimentos das imagens em performances apresentadas produziram um ‘quando’ espaço-temporal, mobilizando os signos que formatam os cotidianos, deslocando territórios e abrindo os corpos à desorganização e à produção de uma *educação dos afetos* para o acontecimento de uma clínica poética. O objetivo de Bom-Tempo (2015) é buscar na arte de performance uma forma de rasurar o que está posto e abordar as relações entre a arte da performance e a educação a partir da conceituação de imagens.

Com esse intento, as imagens criadas pelas intervenções performáticas e as imagens cotidianas dispararam processos de individuações de novas imagens e fizeram vazar os cotidianos urbanos ao colocar os corpos em novas relações, criando, assim, outras sensibilidades em uma educação que se processou por afetos.

A pesquisa de Bom-Tempo (2015) se aproxima de nossas perspectivas na medida em que escapa de denominações sobre performance. Para a autora, quem recebe e



produz compõe a própria obra como agenciamento, não se tratando de representações, mas de experimentações disparadas por performances urbanas.

Dessa forma, interessa-nos nesta pesquisa, a hipótese que pensa a experimentação, que cria terrenos com as imagens e acontece nos encontros com imagens em performance, que abrem os corpos às afecções e às variações das amplitudes de afetar e ser afetado por forças desserritorializantes agenciadas por imagens.

Na tese *Professor-performer, estudante-performer: notas para pensar a escola*, Bonatto (2015) discute, em uma pesquisa bibliográfica, as acepções do termo performance e suas possibilidades para se pensar o campo da educação e apresenta a performance como forma de desafiar e movimentar os papéis hegemonicamente atribuídos a professores e alunos. A pesquisa recorre a cadernos de notas da pesquisadora, registros em fotografia e vídeos produzidos em sua prática como professora de teatro, para traçar o percurso histórico da arte da performance.

A autora utiliza, como aporte teórico, pensadores da Pedagogia Performativa, como Pineau, McLaren e Scherchner, para demonstrar que, ao performar o *estar* na escola, desafiamos as hierarquias consolidadas, as rotinas predeterminadas com o nosso próprio corpo, a ponto de performarmos a nós mesmos. A proposta da pesquisa é pensar o professor e o aluno como *performers* e demonstrar a potência de se projetar a escola como entre-lugar onde acontecem processos de *ensino-criação*.

Bonatto (2015) propõe que se pense o ensino como performance para desconstruir o que a autora chama de crise da oposição professor-estudante, que é reproduzida em nosso sistema educacional para que seja possível estabelecer novas bases para se refletir sobre a educação escolarizada. Como a autora sugere fazer da performance um verbo, a pesquisa explora a “Pedagogia Performativa” de Pineau (2010) porque, segundo a autora, faz uso de *ficções colaborativas que criam e recriam visões de mundo*.

A pesquisa busca, na Pedagogia Crítico-Performativa, a contribuição de Peter McLaren para destacar o papel decisivo dos rituais na vida institucional da escola e para gerar rupturas. Para tal, utiliza registros em fotografia e vídeos, produzidos em suas aulas de teatro, além de relatos e descrições das aulas realizadas em duas escolas.

Esta pesquisa nos interessa por apresentar o caráter indisciplinado e avesso da performance e considerar os processos vividos em sala de aula como atos de criação pedagógica e por propor pensar em uma perspectiva de construção de um posicionamento crítico frente a questões sociais e políticas. Destacamos que Bonatto aposta, através da performance, em uma transformação nas relações entre professores e estudantes, fato que, a nosso ver, acaba por reforçar papéis previamente estabelecidos, porque, ao pensar em relações de luta, localiza-se o poder numa dada estrutura que deve ser desmontada via performance, ou seja, afasta-se da noção de currículo como movimento e devir.

Assim, embora pense currículo *como* movimento, a tentativa que empreende na pesquisa de “[...] mergulhar na radicalidade de processos de ensino-criação” (BONATTO, 2015, p. 72), ao entender a performance na educação como instrumento de análise, afasta-se de nossas premissas, por assumir lugares estabelecidos e desconsiderar a imprevisibilidade, ao apostar na performance como dispositivo que vise a melhorar a comunicação professor-aluno e como evento. Nossa pesquisa se volta para os efeitos produzidos.

Ainda sobre formas de pensar as performances na educação, encontramos, no volume 37 dos Cadernos Cedes (2017), contribuições que discutem noções de performance como linguagem e problematizam aspectos na educação escolarizada. Para tanto, diversos autores apresentam temas marginais ao que vem sendo tradicionalmente discutido na educação, em produções que problematizam processos de aprendizagem, invenção e intervenção, que focam processos ao invés de resultados, além de pesquisas com narrativas de caráter autobiográfico.

Vale ressaltar que muitas pesquisas que compõem esta revisão buscam fôlego teórico na Pedagogia Crítico-Performativa que nasce da tentativa de articulação de interseções entre performance e pedagogia (PINEAU, 2010) e se baseia nos pressupostos da educação libertadora de Paulo Freire, Dwight Conquergood e Peter McLaren. A pedagogia performativa questiona a visão de ensino como performance e vê, nos Estudos da Performance, uma abertura para pensar a educação como performativa. Essa perspectiva acentua a performance tanto como modelo como quanto um método de “desmitologização” da cultura dominante ao assumir seu compromisso com a educação libertadora.

[...] performance fornece tanto uma metáfora quanto um método para levar a termo a mudança social por meio do microcosmo da educação. Eu creio que a pesquisa e os métodos educacionais precisam ser motivados por uma contínua erosão das desigualdades que assolam nossa sociedade, fundada por uma profunda compaixão por aqueles que se situam às margens dos círculos de poder – círculos que se nutrem de minha própria cumplicidade, que de algum modo os perpetua –, orientada por uma visão de que o mundo pode ser muito diferente desse que se nos apresenta (PINEAU, 2010, p. 109).

Os autores dos trabalhos que apresentamos a seguir apostam na teorização da pedagogia crítico-performativa por acreditarem na potência que a performance tem de mostrar a transformação como fator essencial da ação humana. Nesse sentido, a problematização da noção de *performance* ajuda a desafiar o apagamento dos corpos e as tentativas de silenciamento. Essa abordagem se distancia da nossa perspectiva porque não acreditamos na performance como teor emancipatório, mas como o que, num currículo, “[...] desestabiliza a exclusividade do original, do real e do verdadeiro” (CORAZZA; TADEU, 2010 p.21). Para tal, é preciso renunciar a qualquer tentativa de desvelar, desmistificar ou desmascarar, assim como renunciar às ideias de libertação, emancipação e autonomia.

Dentre essas pesquisas com base na Pedagogia Performativa, Icle e Bonatto (2017) convidam seus leitores a irem além de discutir performance como um modo de

ensinar e pensá-la como meio para desestabilizar o que se sabe sobre a escola. Segundo os autores, a problematização da noção de performance, nos ajuda a compreender que, historicamente, a escola é marcada pelo apagamento do corpo, pela tentativa de silenciamento e contenção corporal que, a caracterizam como lugar de produção de sujeitos em experiências performáticas.

A pesquisa é feita em uma escola de educação básica, a partir das observações dos autores, que concebem a escola como entrelugar onde o professor-*performer* e o aluno-*performer* produzem uma pedagogia performática, com o objetivo de desafiar a estrutura tradicional que se impõe à escola e ao currículo.

Para os autores, é preciso performar a escola, ou seja, investir em trabalhos colaborativos que tenham potencial para romper com as hierarquias mantidas tradicionalmente nas instituições de ensino. Nesse sentido, a sala de aula é entendida como espaço performativo e a educação como ato performativo para possibilitar o que chamam de ensino-criação, que por sua vez é constituído pela colaboração entre professores e estudantes imersos em performance. Este processo, segundo os autores, nos provoca a repensar tanto os currículos quanto a manutenção da hierarquização de saberes. Assim, a pesquisa apresenta uma na dimensão política da performance reforçada pela valorização da experiência coletiva.

Os autores recorrem à noção de performance tanto como linguagem quanto como ferramenta de análise da ação humana, para propor uma reflexão sobre a educação escolarizada e, finalmente, levar alunos e professores a experiências diferentes daquelas entendidas pelos autores como práticas tradicionais de ensino, tais como práticas centradas no professor e pautadas pela intenção de transmissão de conhecimento.

Icle e Bonatto (2017) acreditam no potencial da performance de produzir alternativas inéditas, por isso, recorrem à performance para pensar a escola como espaço de transformação e invenção. Nesse sentido, vemos um aceno à aposta da nossa

pesquisa, embora não pensemos a performance como produtora de mudanças, mas como o que irrompe a partir dos efeitos dos processos e dos encontros.

Uma guerra de maçãs em sala de aula é o disparador que Machado (2017) encontra para analisar a performatividade cotidiana na educação. A autora tenta compreender a escola como espaço de convívio à luz das teorizações performativas. No decorrer da pesquisa, Machado (2017, p. 81) imagina um ‘currículo em espiral’, criado à sombra das macieiras, que dará lugar a rodas de choro, conversas, debates e trocas. Ao convidar o leitor a saborear as possibilidades de compreensão dessa experiência, Machado (2017) afirma que as crianças têm algo a dizer por meio da violência e do desperdício da merenda. A referência central do texto é a performatividade cotidiana e extracotidiana na educação e suas possibilidades de leitura de si, do outro e do mundo.

Em uma exploração bibliográfica, Pereira (2017) pensa sobre processos de interação entre educadores e educandos, utilizando pressupostos da Pedagogia Crítico-Performativa de Pineau e da estética relacional de pensadores contemporâneos, como Jacques Rancière, Tzvetan Todorov e Giorgio Agamben. O autor vê na Pedagogia Crítico-Performativa a possibilidade de interrogar, resistir e intervir nas relações comum x múltiplo e de compreender a escola como um “[...] território de integração do que não pode ser integrado, de um *qualquer* que escapa a um *comum*, como terra de todos e de nenhum” (PEREIRA, 2017, p. 41). Pereira afirma que o tensionamento das relações entre o *comum* e o *múltiplo* dá vida a “outros modos de ser no mundo” e vai além de pensar as relações na escola como um mero *reconhecimento* do outro, mas, sobretudo, provoca o reconhecimento da impossibilidade de qualquer tentativa de enquadramento. O autor situa a Pedagogia crítico-performativa como um processo intercorporal *como* diferença e não *da* diferença.

O estudo etnográfico *Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes* (HARTMANN, 2016), realizado com crianças imigrantes em duas escolas francesas, propõe-se a

produzir *performances* narrativas e refletir sobre essas produções em um contexto escolar marcado por intensa diversidade cultural. A proposta intitulada “Pequenos narradores” utilizou atividades lúdicas no sentido de favorecer a produção narrativa na sala de aula. Nos estudos da performance, a autora se ancora em Icle e Scherchner para analisar o que ela chama de *agência* das crianças na escolha *do quê e como* contar.

A pesquisa conclui que as *performances* narrativas são um elemento importante não apenas na tradução das experiências das crianças imigrantes, mas, principalmente, na criação e potencialização dessas experiências diante da vida no novo país. A autora conclui que, sob as lentes da performance, ao encarar a aprendizagem pela alteridade, pelos ruídos de comunicação, a incompletude e a ausência de respostas precisas ganham voz, corpo e movimento. Formam, assim, um conjunto instável que, para a autora, dá sentido e permite transformar as experiências dos sujeitos que se encontram na escola.

Em *O que pode a performance na escola?*, André (2017) apresenta o resultado de três pesquisas que promovem a inserção da arte contemporânea em projetos pedagógicos de escola de educação básica. A autora defende que pensar e produzir processos arte-educativos performativos é uma forma de reescrever os objetivos da arte da educação no atual contexto histórico brasileiro. As pesquisas relatadas servem como alinhavo para a discussão sobre ética e política na escola, especialmente no ensino de arte. André (2017) também problematiza as noções de arte contemporânea nas aulas de artes em que atua e conclui que é necessário descolonizar a escola e a arte, além de descolonizar-se da sociedade do espetáculo, da sociedade disciplinar e da monocultura característica do discurso científico.

Com o objetivo de pesquisar o cotidiano escolar, Caon (2017) problematiza o jogo, a *performance* e a performatividade e propõe possibilidades de subverter os discursos hegemônicos produzidos sobre a escola na pesquisa *Jogos, performances e performatividades na escola: das experiências corporais à problematização de discursos*. Para isso, o autor analisa narrativas sobre

experiências corporais de professores e estudantes da Educação Básica num processo que entende o jogo, a performance e a performatividade como *modulações de corporalidade* que reorganizam nossa experiência no mundo e possibilitam outras formas de analisar o cotidiano escolar.

A pesquisa usa referências como Gayatri C. Spivak e Judith Butler para problematizar as representações sobre a escola como instituição que, segundo a autora da pesquisa, reforça a reprodução de valores de classe ou de um sistema de poder dominante. A autora fala também da necessidade de praticar a imaginação para uma *performance* epistemológica como forma de rearranjar categorias e desejos que existem subterraneamente no cotidiano dos sujeitos da escola. Temos, assim, um ponto de confluência com nossa pesquisa, por problematizar a representação e pensar a performatividade como via de subversão contra discursos dominantes.

Mora (2017) discute a *performance* de gênero na escola de diferentes modelos teóricos, como: a antropologia da *performance*, a análise da performatividade de gênero, a socioantropologia do corpo e a perspectiva que a autora chama de *giro afetivo*. Mora (2017) parte do pressuposto de que o processo de subjetivação acontece através de interações e experiências no contexto escolar e colocam em circulação determinadas configurações de gênero que, por sua vez, tendem a ser internalizadas e incorporadas.

Os trabalhos apresentados no CEDES dialogam com nossa pesquisa, por pensarem a performance para além de questões de fracasso ou sucesso escolar e colocarem em xeque estruturas cristalizadas da educação, mostrando as possibilidades de ruptura. Por outro lado, essas pesquisas se afastam de nossas premissas por buscarem na performance uma forma de desmontar o apagamento e o silenciamento que a educação tradicional evoca. Como pensamos em uma esfera na qual micro e macro política se engendram, a performance surge como um nascedouro de formas de vida, cuja potência criadora não se deixa deter a despeito das forças vorazes e destrutivas que tentam conter a diferença.

Encontramos também, no GT 24 - Arte e Educação, da ANPED, pesquisas que investigam o trânsito entre educação e performance através de performances urbanas como disparadores. Em trabalhos que problematizam a interseção entre educação e arte, encontramos formas de pensamento em educação que escapam à formulação de regras e que buscam operar a experimentação em busca de acontecimentos.

No GT 24, encontramos a pesquisa *Imagens em performance: vazamentos urbanos na produção de uma educação por afetos*, de Bom-Tempo (2013), que pensa nas relações entre educação e performance e propõe pensar o que pode a arte lançada como plano de problematização na área da educação. A pesquisa recorre à arte da performance e aos efeitos produzidos não só no contexto artístico, mas nas relações que se agenciam ao interferir no cotidiano a partir da performance. Partindo da perspectiva bergsoniana, a autora assume a intuição como mobilizadora da vida e como ferramenta na performance em relação à invenção de novos problemas frente ao cotidiano. A performance é entendida em sua pesquisa como uma contínua elaboração do novo e da criação de outras formas de experimentar o cotidiano. A autora ainda reitera que a inventividade agenciada pela performance atua na cognição como prática e coloca em relação componentes diversos e heterogêneos, criando, assim, novas articulações, aproximando elementos que não estavam próximos e gerando novos agenciamentos e novos fluxos. A pesquisa de Bom-Tempo (2013) é pertinente a nossa tese, por problematizar os efeitos produzidos e a criação de novos problemas para pensar a educação.

Ainda no GT 24, Dal Bello e Icse (2013) buscam compreender a singularidade da prática docente no teatro, com o objetivo de identificar os elementos corporais e culturais da performance artística na performance docente. Os autores recorrem aos Estudos da Performance para afirmar a docência como uma performance e ao sociointeracionismo para entender como se articulam as práticas sociais de alguma forma ritualizadas. Embora o entendimento dessas práticas não esteja em pauta em nossa tese, o fato de os autores deslocarem o pensamento para formas de



educação que escapam à racionalidade dialoga com nossa aposta de pesquisar performances insurgentes por invenções rabiscadas por professores e alunos.

No GT 12, encontramos a pesquisa *Sentidos sobre a docência e a performatividade* (MAIA, 2019), que investiga a potência da utilização do conceito de performatividade para analisar sentidos sobre a docência nas políticas de currículo, com base em perspectivas teóricas de caráter pós-estrutural.

A autora afirma que sentidos de docência vêm sendo forjados nos discursos das políticas curriculares e produzem performances sobre a docência. Para tal, a pesquisadora ressalta que entende políticas de currículo como políticas de significação, a partir de uma perspectiva discursiva, e adota a análise do conceito de performatividade de Stephen Ball e Judith Butler como estratégia metodológica para investigar a docência.

A pesquisadora conclui que sentidos sobre a docência circulam atualmente nas políticas curriculares e mobilizam o discurso sobre a docência. Portanto, defende a pesquisadora, é possível pensar que performances sobre a docência podem ser produzidas a através da significação que é feita pelos professores. Interessa-nos no trabalho de Maia (2019), o entendimento de performances pensadas como tentativas de escape e fugas potenciais frente às políticas curriculares significam o professor e o trabalho docente, porque novas práticas são criadas pelos professores embora haja tentativas de regulação.

Também no GT 12, discorrendo sobre possibilidades de pôr em movimento as práticas pedagógicas e seus deslocamentos, Abegg (2015) usa narrativas experimentadas no ambiente escolar para problematizar a presença do teatro, da performance e do ensaio na escola. A problematização começa tentando entender a inserção do teatro na escola como espaço-tempo para a criação e de que forma as artes podem movimentar os contextos pedagógicos. O autor destaca a centralidade do corpo e o caráter inacabado das performances para enriquecer discussões sobre a educação.

O teatro também impulsiona a pesquisa *Entre Ensinar Performance e Ensinar Teatro: possibilidades para a educação escolarizada*, de Bonatto e Icle (2015), que apostam na potência do ensino de teatro e da performance na educação escolarizada. Eles problematizam o ensino de teatro e o ensino de performance para evidenciar aspectos que os circunscrevem no interior das práticas da escola. Os autores entendem que, assim como na Arte, a performance é legitimada pela intenção do artista. Na escola são as experimentações que fazem dos professores e alunos os *performers* que, por sua vez, estão na fronteira entre diferentes campos muitas vezes na contramão da lógica dominante.

Como dissemos anteriormente, em nossa busca na Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações utilizamos as palavras-chave ‘educação’ e ‘performance’, encontramos um número considerável de pesquisas que analisam dados e resultados em testes em larga escala. Embora não tenhamos identificado nesses trabalhos a interseção da *performance* com a educação pensada para esta pesquisa, optamos por trazê-las para evidenciar que a noção de performance tem sido associada a desempenho, comparações e avaliações quantitativas. Assim, de algum modo, esses estudos nos ajudaram a reforçar nossa aposta de pensar na performance como invenção que desliza ao se fazer um currículo como rasura e uma performance pele.

Com base nos resultados do Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio (Saerj), Hottz (2015), no trabalho *Educação de jovens e adultos: uma análise voltada à interpretação dos resultados do ensino médio no Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro (Saerj) em 2014* investiga o quanto esse modelo de avaliação foi capaz de elevar a proficiência média em Língua Portuguesa e Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Apresenta uma análise voltada para as taxas de rendimento, bem como percentuais de aprovação, reprovação e abandono da EJA em fases e EJA em módulos, utilizando a proficiência dos primeiros concluintes dessa modalidade para entender em que medida houve superação dos resultados. O autor propõe também ações de melhorias.

Damasceno (2015), ao constatar o baixo percentual de alunos no padrão de desempenho em matemática de um grupo nos três anos finais do Ensino Fundamental, apontou a autonomia como fator decisivo para o bom desempenho dos alunos. Conclui que o alto desempenho deve-se mais a méritos próprios do que à capacidade da escola em oferecer um ensino de melhor qualidade. O autor afirma a escassez de medidas políticas voltadas para os alunos de melhor desempenho como fator preponderante para a forte desmotivação.

Pedraça (2015) analisa o Programa PDE-ESCOLA, em uma escola de ensino fundamental (Tupinambá) localizada no Amazonas, com os baixos índices de rendimento do 6º ao 9º ano entre os anos de 2009 e 2014 e apresenta um Plano de Ação Educacional com cinco propostas de ações para auxiliar a escola.

Os resultados insatisfatórios de alunos de Parintins no Sistema de Avaliação do Desempenho Educacional do Amazonas (Sadeam) na disciplina de Matemática são o foco da pesquisa de Reis (2015). O trabalho descreve as avaliações externas, traz algumas concepções e funções da avaliação e discute seu importante papel no processo de ensinar e aprender. Reis conclui que há um desencontro entre as questões das avaliações externas e as que são propostas pelos professores nas avaliações internas.

Constâncio (2013) pesquisou os fatores do declínio do desempenho dos alunos que saem do Ensino Fundamental quando ingressam no Ensino Médio. A pesquisa analisou e comparou os resultados obtidos por um grupo de alunos na Prova Petrópolis, no 9º ano, em maio de 2011, e os resultados obtidos por esses alunos no Saerjinho, na 1ª série do Ensino Médio. A autora propõe um plano de ação para obter um melhor desempenho, utilizando a Aprendizagem Cooperativa.

A dissertação de Cordeiro (2017) propõe ações que visem a melhorias nos níveis de desempenho e percentual de participação dos alunos, com o objetivo de elevar os resultados referentes à baixa participação e ao baixo desempenho em Português e

Matemática dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, em duas avaliações externas do Sistema de Avaliação do Desempenho Educacional do Amazonas (Sadeam).

A pesquisa de Beltrão (2014) realiza um estudo de caso para identificar quais ações adotadas pelos gestores de Escolas de Referência em Ensino Médio em Pernambuco influenciaram na melhoria dos resultados educacionais. Sugere que as propostas do Programa de Ação Educacional (PAE) poderão ser adotadas pela SEE/PE para melhorar o desempenho das escolas estaduais regulares, com base naquilo que foi verificado como relevante nas unidades estudadas.

Reforçamos que nossa hipótese abandona as concepções representacionais de conhecimento e currículo ligados a sistemas de classificatórios em *rankings* e desempenho. Buscamos, com as performances, discutir os efeitos produzidos a partir das dissimetrias, sem referência com o projeto iluminista que está por traz de pedagogias que visem à transparência. Ao contrário, buscamos a indeterminação, o indizível, as zonas sombrias, a independência dos enunciados. Em substituição à nitidez dos currículos, procuramos as rachaduras, as dobras, os limiares dos currículos que reivindicam o direito à diferença, à singularidade, à metamorfose.

## ATUALIZAR A POTÊNCIA DE UMA PELE...

*Todas essas ousadas aves que voam para espaços distantes, sempre mais distantes — virá certamente um momento em que não poderão ir mais longe e vão pousar sobre um mastro ou sobre um árido recife — bem felizes ainda por encontrarem esse miserável refúgio! Mas quem teria o direito de concluir disso que diante delas não se abre uma imensa via livre e sem fim e que voaram para tão longe quanto é possível voar? [...]*

*Mas que me importa e que te importa?*

*Outras aves voarão mais longe!*

*Esse pensamento, essa fé que nos anima, toma seu impulso, rivaliza com elas, voa sempre mais longe, mais alto, se lança diretamente para o ar, acima de nossa cabeça e da impotência de nossa cabeça e do alto do céu vê na imensidão do espaço, vê agrupamentos de aves bem mais poderosas que nós e que se lançaram na direção para a qual nos lançamos, onde tudo ainda é só mar, mar, e sempre mar! —*

*Para onde então queremos ir?*

*Queremos ultrapassar o mar? Para onde nos arrasta essa poderosa paixão que para nós conta mais que qualquer outra paixão?*

(NIETZSCHE, 2004)

Que ventos nos arrastam e tocam nossas peles? Uma pele à qual se acredita chegar... Um mar. Vidas que não param de movimentar e peles que se deixam atravessar pela aridez, pelos contágios e fluxos de um currículo.

A cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011) como um dos princípios do rizoma – compreendido como um modelo de resistência por tratar-se de linhas, não de formas; o rizoma pode confundir, fugir, se esconder, cortar caminho, escapando por linhas de tentativas de totalização, em diferentes sentidos, com diferentes intensidades, é puro movimento e variação contínua, pensando a imanência por meio de outros dispositivos, valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, nos *intermezzi*, diferenciando-se do decalque, que costuma colar formas preexistentes ao que surge de novo, reproduzindo sistemas e abandonando aspectos que surgem como singulares:

[,,] O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política, ou como uma meditação. [...] um mapa tem múltiplas entradas, contrariamente ao decalque que volta sempre 'ao mesmo'. **Um mapa é uma questão de performance**, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida 'competência' (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

A cartógrafa, assim, produz a partir de seu encontro com as coisas, compondo com aquilo que vê, enquanto criador de realidade. Produz, antes, a partir do seu desejo ou da captura do desejo do outro. Não se coloca como uma observadora mas no meio do processo, ao retirar de si a ideia de detentora do conhecimento, o *eu* não é colocado como um centro ou uma subjetividade fixa e questiona como se entra em relação com o desconhecido e o que se faz com ele. Como cartógrafos, somos amantes dos acasos e estamos disponíveis ao que eles nos oferecem e aos encontros imprevisíveis que surgirão pelo caminho.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A cartografia explora as aberturas, pelos meios, pelas zonas, pelos movimentos, pelas linhas de desejos e de conexões a partir de diferentes singularizações e heterogeneidades; coloca-se em um campo que está sempre aberto, confirmando intensidades e movimentos que se compõem por diferentes agenciamentos e diferentes linhas expostas a variações permanentes; não determina um único modo de elaboração, não estabelece regras nem caminhos lineares. A cartógrafa tem que inventar os seus próprios caminhos ao estabelecer relações e traçar seu território; tem que elaborar posturas singulares nos campos que estão em constantes movimentos à medida que eles se movimentam, para então, partir e traçar uma linha.

Assim, ao pesquisar processos de criação, deparamo-nos com o que caracteriza a Criação e a problemática que a envolve e o que a torna possível. Conforme Guattari e Rolnik (2013), nesse processo novas forças são captadas, referências construídas e possibilidades de criação ganham força. Como cartógrafos, reconhecemos que estamos em processo contínuo. Acompanhar processos exige uma atenção movente, que não é dada *a priori* e nos faz constante aprendiz em um processo no qual somos parte de uma produção coletiva. O navegar nesse campo nos lembra

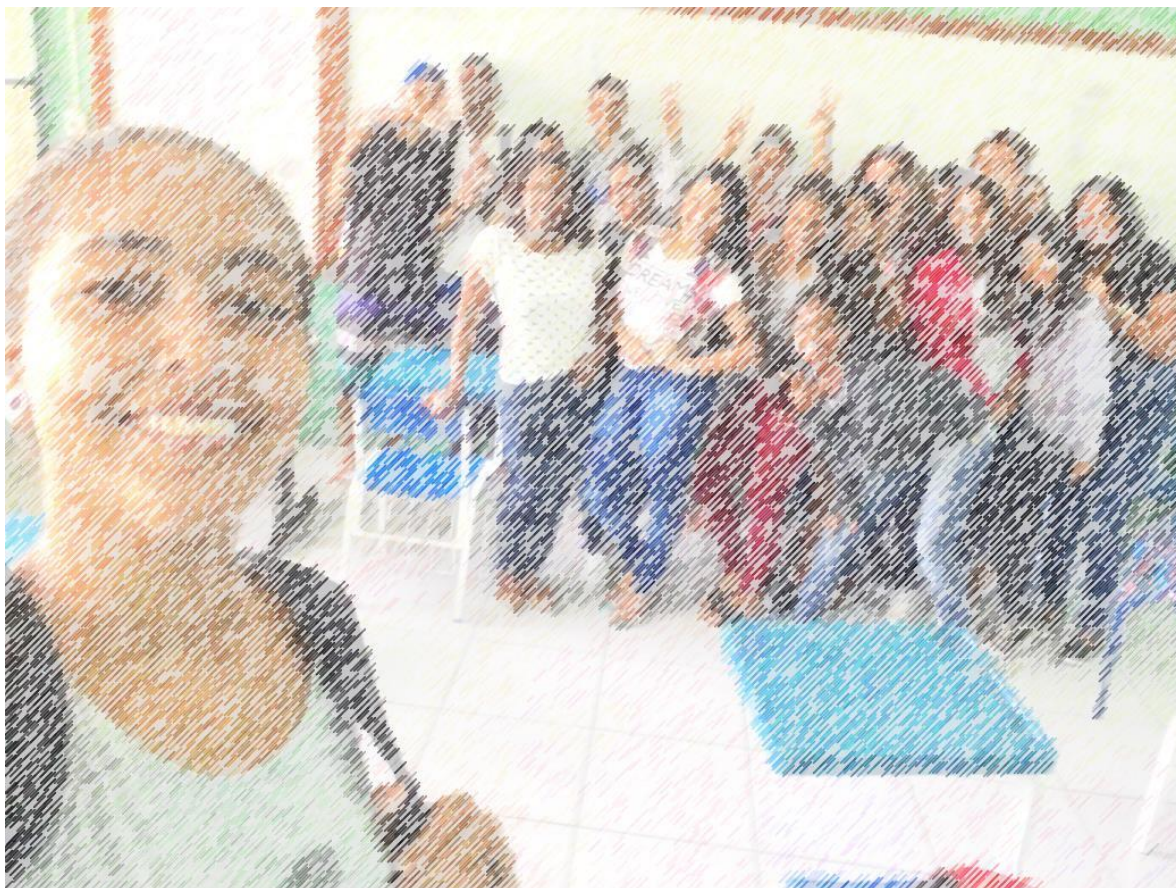
de que o acontecimento não se submete a uma relação hierárquica, que qualquer ponto pode se conectado a qualquer outro e que estamos todos juntos em um só processo, constituído por muitos outros movimentos.

O emaranhado que compõe nosso campo não teve hora para chegar. Certamente a produção de dados desta tese confirma a potência imprevisível do acaso e literalmente nos arrastará a pensar de alguma forma. Todavia, não negamos o ímpeto de traçar uma linha e a preocupação de ter em mente que algo tivesse que acontecer. Uma performance... um espetáculo... um rompante... um escândalo. Engano. A cartografia nos põe no estado de alerta do pescador à deriva, sensíveis às sutilezas do meio, e confirma a multiplicidade que somos e da qual somos parte. Enfrentamos um exercício contínuo de nos desprender da lógica binária da Linguística, abandonar as unidades de medições para experimentar, em campo, as conexões que mudam em multiplicidades que não se submetem a sobrecodificações.

Estamos em uma escola-mar ou, desafiando o estruturalismo gramatical, mar-escola. O mar, apesar de ser espaço aberto, é continuamente submetido a tentativas de estratificação (DELEUZE; GUATTARI, 2012c), assim como é com a escola. Mas a multiplicidade pretende-se substantiva. E plural. Estamos em um mar. Uma escola. Um mar-escola, escola-mar. Numa tese-mar. Submetidos aos ventos, acompanhamos o pensamento de Deleuze e Guattari (2012b) para pensar as performances como multiplicidades compostas em singularidades, vindas de acontecimentos que povoam o plano de imanência com virtualidades. Um plano em que os conceitos entram em relação com uma vida.

Passamos pela sutileza de peles pequenas, nascentes, fugazes das alegrias cotidianas que potencializam a vida.





Fonte: Arquivo da pesquisa.

Ressaltamos que uma escola é singular, mas devém múltipla. Cartografamos uma, embora acontecimentos de outros espaços escolares em que trabalhamos no ensino médio também tenham ajudado a compor esta pesquisa. Foram arrastos a pensar. Apesar de não ter sido a “intenção” inicial, o devir rouba a cena. Novos produzidos, que não pedem licença para entrar. Imprevistos... Sussurra a racionalidade, afinal, uma performance é uma abertura, conectável, aberta. Portanto, o começo pode ser por uma linha qualquer, o caminho cartografado também, mas o “fim”, certamente, será reticente.

Estamos no ensino médio, no município de Serra. Campo que escolhemos ou pelo qual fomos escolhidos por experienciarmos, cotidianamente, esse contexto escolar e por estarmos sendo com frequência tocada pelos movimentos e pela multiplicidade povoada por jovens investidos em rostidades de trabalhadores, jogadores, *rappers*,

funkeiros, *nerds*, marginalizados, patricinhas, professores. Ousamos e nos esforçamos, cientes das amarras hegemônicas nas quais somos formados, a entrar em estado de *atenção movente* (KASTRUP, 2012) à espreita de movimentos sutis e abruptos ou de calmarias e vazios e, obviamente, alerta às fendas e tocas que se formam a partir desses movimentos.

Nesse campo, algo nos provoca. A alegria, a multiplicidade, as cores, as modas, as durezas. Campo em que trabalhamos há seis anos. Campo cujos ventos nos empurraram a pensar educação por outras linhas. Foram anos em institutos de idiomas como professora de inglês. Métodos estruturais, parâmetros, exames de proficiência ditados por um modelo maior de língua. Métodos audiolinguais, repetições, conversas ensaiadas. Treinamento máximo da pronúncia para atingir a exatidão.

Mas os ventos nos levaram à escola pública, onde experimentamos um mundo novo. Novas inquietações, novas dúvidas. No início da atuação no ensino médio, em 2009, não víamos “lógica” num ensino de língua em salas repletas, carga horária escassa. Hoje, pensamos que buscar uma lógica é incoerente. Com o tempo, as leituras e as experiências nos mostraram que aquela língua que tentávamos incessantemente ensinar, “padrão”, era também uma variação de outra, que era variação de outra. O encontro com as leituras de Rajagopalan (2004) e Zaidan (2013) nos levaram a conhecer outras vias de se desafiar o estruturalismo da Linguística, o conhecer outras variações nas diversas situações geopolíticas e linguísticas nomeadas de inúmeras formas. Aprendemos que há formas outras de conceber uma língua com o *world Englishes*<sup>18</sup> (RAJAGOPALAN, 2004) com a palavra “world” minúscula e a questionar a primazia da origem de uma língua e a “pureza” da língua inglesa.

---

<sup>18</sup> Rajagopalan (2004) cunha o termo *World English (WE)* como um agenciamento mundial de desserritorialização do imperialismo linguístico ou, mais precisamente, de desserritorialização do inglês como língua global, referenciada numa história de colonização, e desafia a suposição de que toda variação não passa de complemento da matriz materna. WE, no singular, chama a atenção para a necessidade crescente de interação entre os povos do mundo de formas inimagináveis até bem recentemente.

Quando ingressamos na Faculdade de Letras, aprendemos que “[...] a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1995, p. 271). Obviamente a Linguística Moderna foi teorizada pelo caminho da ciência e negligencia o uso cotidiano da língua. Até que nos esbarramos no inglês-menor<sup>19</sup> (ZAIDAN, 2013) e aprendemos que uma língua que surfa na superfície da variação, provoca a pensar uma língua, um inglês como linha de fuga, que seja vivido e ensinado tendo em vista o encontro das variações e sem a palavra de ordem de sua centralidade significante anglo-saxônica.

Com o inglês-menor, começamos a pensar a língua como um *devoir incessante*, produzida a partir da desserritorialização da grande língua hegemônica e a ventilar a possibilidade de uma escritura linguística, *sempre fora de si*, ao mesmo tempo em que, fora de si, dobram e desdobram os principais traços do rizoma. Pensamos numa micropolítica possível com a língua-rizoma para romper com a arborescência, acolhendo o dissenso e a potência metamórfica da linguagem.

Começamos a pensar línguas sem estatuto de oficialidade, as chamadas variedades. Desserritorializações linguísticas. Inscrever alteridades, o outro, o errante, o errado, o não nativo, o agramatical, o desviante, o sotaque. Ser menor, uma potência (*puissance*) de variação.

Aprendemos que uma língua devém sobre as variantes de dimensão política maior, composta a partir dos encontros, incidindo sobre as suas variações. Essas leituras nos ajudaram a pensar a escola como campo de formas mil de aprendizagem. *World English*. Menor. Inglês-menor. Kafka. Deleuze e Guattari. Pulgas atrás da orelha. Convites e provocações mais que suficientes para bagunçar o pensamento, entender a escola como mar e compreender que variar não era uma necessidade para se adaptar, mas uma característica imanente das escolas, dos currículos, da

---

<sup>19</sup> O inglês menor, termo de Zaidan (2013 p. 45), tem como traços: “a) [...] a desserritorialização do inglês-árvore, despótico, normativo, impositivo, fetichizado; b) sua potência política, razão pela qual é um inglês político, no sentido original de polis, de multiplicidades não autorizadas, mas plenas de vidas, de linguagens; c) é desserritorializante por ser de qualquer um, de multiplicidades sem fim de falantes imprevistos”. Zaidan (2013) reitera que o inglês menor é político, porque é composto por um agenciamento coletivo, sendo, portanto, rizomático.

vida. Essas leituras nos inquietaram a ponto de nos interessarmos a pesquisar em educação por outras vias.

Estamos na escola *#ehmassa!*, município de Serra, região metropolitana da Grande Vitória. Em um mundo conectado, a hashtag *#ehmassa!* foi pensada pelos professores para atrair os alunos e pensar que “nossa escola é massa” e estimular a participação nas atividades. “*Pra mudar a cara da escola e afastar a fama de escola ruim*”, diz a professora. Como não embarcar numa empreitada cartográfica? Estamos nela, porque ela diz respeito à escolha de novos mundos, sociedades novas e prática do cartógrafo. É imediatamente política, concordamos com Rolnik (2007): desmanchamentos de mundos, desmanchamentos de opiniões, de locais socialmente estabelecidos. Fabricação incansável de mundo, na cartografia é político sustentar a vida em seu processo de expansão, no sentido dado por Deleuze e Guattari (2012b), como subversão a uma forma estabelecida. Lembramos que nosso princípio, dito por Rolnik (2007), na verdade, é um antiprincípio que nos obriga a mudar de princípio constantemente.

A relação com os movimentos incessantes de dess territorialização e reterritorialização nos faz pensar a pesquisa em educação *como potência de atualizar uma vida, uma*

Atividade que ganha força na criação e na evocação de mundos, pois o cartógrafo em educação fabula, pinta, borda mundos. Não descreve mundos preexistentes, sugere a invenção de novos mundos para a educação. Faz, *em linhas bailarinas* da escrita educacional, uma máquina de afectos e perceptos, reinscrição em um império dos sentidos, de sensações e signos. É na escrita que o movimento da pesquisa, finalmente, ganha seu sopro de vida, seu ritmo e sua música. A cartografia nos lembra que a pesquisa em educação tem a função de atualizar a potência de uma vida. Pode-se, realmente, querer mais? (OLIVEIRA; PARAISO, 2009 p. 176).

As formas de criação cotidianas nos confirmam o pensamento de Deleuze e Guattari (2012a, p. 183) de que “[...] são os organismos que morrem, não a vida”. Se estamos pesquisando produções e processos de subjetividades que escapam, que mudam de natureza e, por conseguinte, constituem uma organização própria sem

implorar pela legitimação de um sistema, estamos, certamente, embarcando em uma pesquisa cartográfica.

Nossa opção metodológica ventila que uma aposta na sinuosidade da vida, adaptável a acidentes, desvios, divagações, uma vida proliferadora de devires e, por acreditarmos na possibilidade das fraturas, pensamos que *pesquisar é problematizar*:<sup>20</sup>

Para fugir da imagem dogmática do pensamento da pesquisa educacional, os pesquisadores têm clareza de que pesquisar é criar e criar é problematizar. Para esta *Pesquisa Problematizadora*, problematizar não significa responder a “perguntas de pesquisa”, como era entendido por outras imagens de pesquisa, mas determinar os dados e as incógnitas do problema, desenvolver o máximo possível estes elementos em vias de determinação, e encontrar os casos de solução correspondentes a esse desenvolvimento (CORAZZA, 2004, p. 13).

Essa aposta metodológica proporciona a suspeição da própria ideia de método e nos coloca em viagem, arrastada por todo tipo existência. Insistimos, entretanto, na cartografia como método do encontro com pessoas, coisas, cartazes, paredes e recreios dançantes do campo problemático.

Pensar em performances cotidianas inspira uma pesquisa cartográfica que *cheira à vida*, argumentam Oliveira e Paraiso (2009). Os movimentos da escola e dos currículos são os ventos e ditarão os sopros, o ritmo de uma escrita que se cria com o que é disponível no campo, portanto, dissonante por natureza. Deleuze (2003) diz que entender o mundo de forma imanente é uma aventura. Ciente de que a criação não se dá num mundo de essências, pensamos o currículo que acontece na vida que se leva.

Assim como Duarte (2013), entendemos a cartografia como o método da fronteira, por que esta é uma zona cinzenta de contornos mal definidos e, ao mesmo tempo,

---

<sup>20</sup> Recorremos nesta tese à noção de Foucault (2010), para o qual problematizar é um gesto investigativo. Implica a produção de outra lógica, da diferença. Trata-se de produzir questões e colocar outras possibilidades de experimentar e desdobrar um conceito em outros.

são zonas de troca, de devir que constituem a nova terra para apostar nossa investida em um método cujas linhas sejam impostas pelos limiares. Desfazer ou inverter peles e nos propor ao registro aberto, múltiplo e político.

Por conseguinte, navegamos por gestos, estilos e produções de vidas, em um processo que exige atenção às insurgências nos territórios pelos quais caminharemos, uma atenção movente e vital como a do pescador Ahab por Moby Dick. Conversamos também com Deleuze e Guattari (2011), Kastrup (2000), Guattari e Rolnik (2013), Rolnik (2007), atravessando sopros, pistas, virtualidades, mudanças de posição, de velocidades e ritmos, de forma aberta e sem foco.

Sensíveis às sutilezas que os cotidianos experimentados nos trarão, assumimos a cartografia como campo aberto aos sopros que nos tocarão, para nos enredarmos às vidas que atravessamos ao longo desta pesquisa. A cartografia nos dá a chance de nos embolarmos num campo em que as performances balançam e sopram. Acreditamos que esse viés nos impulsionará a navegar por processos de dessertorialização ao experimentar movimentos de criação de mundos nos cotidianos das escolas. Entendemos, assim, as performances, como campos de experimentações em territórios movediços.

A característica fronteira da cartografia nos leva ao grau de loucura que cada um é capaz. A cada movimento, obriga-nos a estar sempre mudando de princípio e nos força a pensar estratégias para compor com as vidas e seus processos de expansão. Embora estabelecer uma missão numa cartografia seja de certa forma pretensioso, esperamos, como diz Rolnik (2007, p. 93), “[...] entender a tal potência que sente no ar” em sopros, rajadas, brisas, calmarias e...

Nossa empreitada cartográfica nos permitiu um registro aberto, múltiplo, de relações e políticas que atuam micropoliticamente em meio a unificações, totalizações e processos de



subjetivação diante do desafio que se coloca para captar a realidade com suas múltiplas manifestações. Tendo em vista um campo em processo que nos afasta da possibilidade de definir um conjunto de regras para serem aplicadas, embarcamos também na inquietação de Kastrup (2005) ao pensar: *onde pousar nossa atenção?* Seguimos a pista de apostar na produção de sentidos em meio a redes entrelaçadas, produções de modos de vida e jogos de forças que freiam ou aceleram os fluxos imanentes à vida.

Um som no corredor, como a fumacinha de um cheiro nos leva a uma sala. É só uma aula e dá vontade de ficar, ou vir. Nos faz pensar que nas delicadezas do cotidiano escolar podem nos avessar e aconchegar por um momento.

Diante desse campo problemático, ancoramos nossa escrita em uma educação que acontece nos entremeios do próprio cotidiano, ao se conectar a campos diversos, como o das performances e também da filosofia da diferença. Nesse sentido, em um campo de possíveis povoado por indivíduos minoritários compostos por linhas de naturezas diversas, as performances se contorcem entre macro e micropolítica, fato que, como apontam Guattari e Rolnik (2013), não garante que elas sejam revolucionárias. Nos esgaçar de peles, estamos atentos aos movimentos que irrompem no campo para produzir dados sempre em estado de alerta às marés e às linhas e composições a que a cartografia nos levar. Seguimos sabendo que os pousos de nossa atenção fizeram paradas e *zooms* nos territórios que se formaram no campo de observação.

A problematização desta pesquisa se coloca em um campo atento às vulnerabilidades, tendo como gatilhos as performances travestidas em gestos, falas, gritos, silêncios e em forças intempestivas. A empreitada de cartografar performances cotidianas nas escolas implicou, portanto, pensar na pulsação vital que germina devires e performances.

Esperamos derivar e romper o que é programado para nos arriscarmos a considerar as performances como um texto incompleto, que força a criar possíveis e fazer

vários mundos fugirem e se multiplicarem infinitamente para compor outros mundos. Pressupomos que as performances nos cotidianos são da ordem do devir, como pensado por Rolnik (2016, p. 37): “impulsionado pelas irrupções de afetos que nos chegam do saber-do-corpo e que nos forçam a reinventar a realidade”. São performances produzidas a partir de afecções e, conseqüentemente, produzidas na coletividade.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A partir das composições com esses intercessores, criamos questionamentos para movimentar nossas ideias e tecer novos e múltiplos fios nas relações com os sujeitos das escolas. As performances nos inquietam a pensar nos efeitos produzidos pelos movimentos que violentam o pensamento e irrompem as aprendizagens e os currículos.

Desejamos, assim, discutir, nos *espaçotempos* acadêmicos, aquilo que irrompe ao acaso, que insurge nos gestos, nas escolas, todos os dias, sem a pretensão de dar conta de toda a multiplicidade que coabita a imanência. A partir das relações tecidas



pelos sujeitos praticantes nos cotidianos das escolas, exploramos o enredamento e multiplicidades que coabitam a imanência.

Nesta aventura em busca do que se espraia a partir das performances em meio aos devires, não podemos esquecer que não estamos separados de nossas relações, mas entrelaçados a elas num enredamento de composições e formas de inventar o mundo (KASTRUP, 2000). Então, eis a questão: o que surge? Só a experimentação desses múltiplos mundos nos mostrará o que vaza nesses acontecimentos-performances.

Embarcamos em uma pesquisa que pretende acompanhar processos e movimentos cotidianos, cartografando situações e atenta às linguagens que encontramos, devorando as que nos pareceram elementos possíveis para a composição das cartografias (ROLNIK, 2007). Nossa aposta ético-estético-política é, também, pensar as performances como processo micropolítico, que permite se reapropriar da potência vital e desenvolver o *saber do corpo*, o saber da nossa condição de vivente (ROLNIK, 2007) e deixar fluir a fuga de outros mundos.

Ciente de que, apesar da pele dura da significância e da interpretação, haverá sempre uma relação que resiste aos códigos e aos poderes, buscamos explorar a natureza micropolítica da performance para, finalmente, cartografar situações coletivas de fuga e de transfigurações (ROLNIK, 2018). Desse modo, nossa pesquisa se lançará às intensidades, acontecimentos e acidentes que compõem a imanência. Em meio a tormentas e calmarias nos lançamos à cartografia nos fluxos e devires, na esperança de pensar outros modos de vida nas escolas.

Alertamos que não pode esperar o leitor que esta tese tenha buscado performances ensaiadas nas escolas. Tampouco um fato que seja classificado como performance cotidiana. É certo que estamos à espreita. Não de um espetáculo, mas de encontros, afetos que só ganham espessura real quando se efetuam (ROLNIK, 2007), na potência dos encontros de afetar e ser afetado e o que se produz como efeito. Foi

necessário, então, prestar atenção às estratégias do desejo, de mundos que fogem pelas linhas de fuga e traçam um devir. Portanto, é eminentemente política.

Estamos, pois, em estado de fugir, nesta empreitada em uma cartografia que aceita a vida e se entrega, compõe com ela, tendo a expansão como regra.

Nada mais apropriado que a cartografia para pensar as performances cotidianas como criação de uma linguagem para explorar o grau de abertura que cada uma se permite a cada momento da vida para produzir o novo e para nos perguntarmos que afetos passam. Percorrer não apenas as relações de afetos que perpassam os corpos, mas também as velocidades, o estado intensivo, o poder de afetar e ser afetado, suas latitudes. Captar vibrações onde encontrar seja com o que for. Sem câmeras. Importa é despertar o *corpo vibrátil* (ROLNIK, 2018).

Em meio a um mar de processos inventivos e criativos que atravessam nosso campo, as linhas de rastro apareceram tentando direcionar. Ainda que não haja campo neutro, nossa aposta ético-estético-política foi nos escoamentos por devires que irrompem na intempestividade das marés. A presença de vozes dissonantes fez de nosso campo um *currículo dançante* (CORAZZA, 2004), que não se deixa deter pela performance pensada na lógica do pensamento dogmático.

Severino, retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu com sua presença viva

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.

(Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto, 2007)

## UMA PELE SEVERINA

Uma pele severina pode se tornar outra pele. Corpos se tornam outros em contato. Contagiam-se em intervalos e percepções, *desintegram-se* em uma comunicação sensível. Há conexões entre pele e espaço, como se o espaço entre eles fosse atravessado por linhas que ligassem os movimentos de uns aos movimentos dos outros. Conexões num movimento osmótico em que uma superfície cobre tempos inteiros de vida e experiências. Algo se contagia entre dimensões de cada pele, nascem, então, fusões dos contatos entre corpos, movimentos, toques e peles.



Uma vida Severina é encharcada de cansaço e de luta. Quando se acredita ter chegado a um limite, mas os fios teimosamente se fabricam e a força é dobrada com delicadezas moleculares. Vidas pequenas, severinas, que instauram uma política do dobrar, redobrar e desdobrar em busca de fôlego para continuar e criar em um mundo que estimula a competição cultiva a hierarquia, estabelece parâmetros e regras gerais.

Uma vida que se inicia com a percepção da respiração da epiderme que perpassa os poros, da expansão das camadas, da escuta corporal ampliada na comunicação

entre corpos em movimento, uma política de peles um processo de troca sensível dos corpos, de movimento espiralado que perpassa camadas da percepção para reflexão das existências. Uma potência da arte enquanto sensibilidade que propicia uma experiência perceptiva artística e envolve estéticas decorrentes de corpos sensíveis em movimento. Corpos que experimentam percepções das peles e ampliam sensibilidades.

Uma comunicação potente, relação dos corpos, afinal, o corpo se constitui no espaço, e, portanto, nos interessa refletir sobre as forças que o atravessam cotidianamente na escola, fazendo uma potência da arte enquanto sensibilidade que propicia uma experiência perceptiva artística e envolve estéticas decorrentes de corpos sensíveis em movimento. Corpos sensíveis que na dureza da vida severina propiciam a contaminação com outras peles, portanto, torna-se possível ampliar sensibilidades. Em um festival de afetos, os corpos estão de fato conectados através da epiderme, integrados em contato que se comunicam no navegar da escola.

Abrem-se comunicações potentes, dimensões que excedem o verbal e imprimem imagens ao cotidiano da escola. Uma estética que sente, perpassa percepções corporais, uma forma de invenção de uma escola pelo corpo que experimenta novas peles e forças que atravessam o corpo cotidianamente no deserto-mar-escola.



Nos limiares não muito definidos em linhas suspensas de um currículo, o aliançar faz nascer mínimas explosões quando, seguidamente, continuam os ataques às infinitudes de modos de existências, à variação e a toda diferença, com o *establishment* de uma política homogeneizante que tenta, a todo custo, drenar as nascentes de novos mundos e reduzir existências ambulantes a uma vida severina. Para atravessar a aridez, compomos alianças, fazemos aberturas, exploramos os limiares, pensamos ao ouvir a coordenadora:

*- Algumas vezes eles saem só para dar uma volta, respirar e vão parar na minha sala. Desde que comecei na coordenação, quando eles chegam na minha sala, eu paro pra escutar, eu tento me envolver com eles. Com eu gosto muito de ler, eu gosto do "Game of Thrones", eu pensei em trazer uns livros pra minha sala. Aí eles olham, perguntam, a gente conversa... E eu tenho emprestado livros pra eles. Eu não sou bibliotecária, mas eu acho que a coordenação pode funcionar de outra forma. E eles saem da sala, voltam e tenho vários livros com eles. Essa coisa de você tá com ensino e você não se envolver afetivamente não rola... Tem uma aluna com depressão, tem muitos alunos com depressão. Aí começamos a conversar e com a ajuda da escola e dos terceiros anos pensamos num festival de afetos. A gente viu que progrediu, não vou falar que ela deu certo, porque é muito difícil dizer o que é uma pessoa dar certo, mas essa menina, ela tá aprendendo a fazer bolo e tá vendendo no Instagram, ela tava num momento de depressão forte, em algum momento a escola teve uma ajuda ali...*

João Cabral de Melo Neto traz à tona a dureza, o grito por uma vida que desafia a morte criando saídas, ao passo que Deleuze (2013) nos provoca ao falar que a linha nunca é regular, que as coisas e pensamentos crescem pelo meio, por onde novos

espaços-tempos e novas superfícies são suscitados.

Destacamos a urgência de problematizar a potência das germinações de afirmação de vida nos limiares que, minimamente, trazem ar via metamorfoses que a vida curricular



teimosamente cria em novas linhas. Formam-se, então, novas maneiras de existências, novas peles, mesmo quando se sente no limite da inexistência. Logo, instalar-se, onde tudo se dobra, atravessar a aridez com doçura, nos pequenos gestos, na simplicidade feita a muitas mãos, em dias em que esta escola pensa em sua importância em face às ondas que abatem. Dobremos a força! “[...] é preciso conseguir dobrar a linha, para constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar” (DELEUZE, 2013, p 138).

Aliançar no enfrentamento daquilo que nos oprime e nos sujeita para instaurar novas experimentações. Potencializar a constituição de novos espaços, ampliar nossos modos de ser, fazer um novo campo e nos abriremos mais para novas sensibilidades. Nas dobras, encontramos saídas diante de um currículo que as políticas maiores, como a Base Nacional, não conhecem. Na dobra, instauram-se existências nômades, como pensado por Deleuze, fazendo viagens no mesmo lugar.

Escapar dos códigos disciplinares em conversas sobre o *Game of Thrones*. No vai e vem de livros, nascem imprevisibilidades, algo acontece e o movimento da dobra cria um território de relações distintas, onde se incorporam os possíveis, porque a dobra permite habitar o limite do que somos e nos coloca numa linha instável, cujos contornos se diluem no contato com o desconhecido. São performances que, pela nova pele, abrem frestas nos limiares, bifurcando em um contexto em que vemos a vida jovem sufocada. Formam-se, zonas de vizinhança como bolhas, bolsões de vida. Escapes para respirar. Um aliançar-se com o corpo do mar:

*- É tenso! Tem coisa que dá vontade de você.... Não... Todo dia eu acordo e dá vontade de falar assim: 'Tomara que não tenha nenhum problema, que não tenha nenhum problema, tomara seja tudo tranquilo'. Mas se você tá envolvida naquilo e você tem que dar conta, mesmo que tudo esteja contra você.*

*- Porque nada tá ... Muitas vezes nada tá a seu favor. A gente aqui na escola tem um grupo legal. Fora daqui é difícil, porque a gente pede a Deus pra não ter problema a gente tenta, mas às vezes a escola é o único lugar que eles têm. A gente não pode deixar pra lá... eu não posso simplesmente fingir que eu não vejo, às vezes ali é o único lugar de segurança deles.*

*- Isso nos alegra, chegar aqui, mesmo cansados, recebendo cada ano uma novidade sobre o currículo e os projetos mirabolantes, a gente respira aqui e faz coisas novas. Esse clima de fazer tudo junto nos fortalece. É isso que explica por que a gente continua.*

Colorir, dar vida a pensamentos bons, furar a política que busca um currículo uniforme, para ampliar e fazer um currículo para reforçar a alegria, potencializar a necessidade de cuidar, quando se vive a fome, a violência, o tráfico, a tristeza que matam todos os dias.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

brota, inventores de peles novas.

Os artistas da vida de nosso campo misturam-se, são aspirados, multiplicados, tornam-se com o mundo, ao atravessar forças. Mais do que percepções ou afecções, as sensações experimentadas excedem o vivido (DELEUZE E GUATTARI 2010a).

As performances, efeito das peles, ganham terreno bifurcando, povoando o meio, até que ele se desafaze e seja necessária uma nova dobra. Em um contexto em que vemos claramente a escalada do conservadorismo, estimulada pelo capitalismo que se centra cada vez mais em uma perspectiva individualista, assim como em reações à multiplicação da diferença, são os sopros de vida mínimos, sutis, que trazem fôlego para os cotidianos escolares.

Nascem nesses processos, somos artistas da vida que insistentemente



Engendrar visibilidades, fazer ver as coisas, o que não seria possível sem a sua ligação com perceptos e afectos, comportar dimensões inerentemente estéticas, fabricadas um traço, por uma ideia, uma nota musical. Estados de passagem em que imperam as relações entre as artes, a ciência e a filosofia. Cada uma delas é criadora. Criar, em todos esses domínios, é ter uma ideia, criar uma pele que não existia. Processos que fazem irromper, nos currículos, saberes indisciplinados que escapam criando outras virtualidades possíveis.

Surgem então, processualidades nas quais todos são um pouco de cada um. Como efeito, os currículos fazem vibrar sensações, abrem fendas, esvaziam-se de representações. Nesse campo todos se tornam com um mundo (CARVALHO, 2019), para além de estar nele, por que são todos esvaziados de si mesmos. Assim, os currículos podem ser pensados como paisagens invisíveis, aquelas que uma vez conquistadas, nelas nos perdemos. Para atingi-las, é preciso abandonar intenções fixas e representação, já que essa pele se faz no viver. É provisória e criadora. Nela professoras e alunos são o próprio composto e acrescentam novas variedades à escola e ao mundo.

A aposta em afetividades fazendo uma parada por entre rochedos que não comportam medidas e se fazem na imanência pelas composições e redistribuição de forças e afetos que abrem e reinventam vidas severinas feitas de virtualidades, acontecimentos e singularidades. Uma realidade atualizadora, onde surgem os acoplamentos e devires imperceptíveis desse coletivo escolar, como diz a professora,

*- Chega uma hora que a gente vê que tem que parar a escola para reforçar o valor à vida, daí surgiu o festival de afetos, praticamente tudo feito pelos meninos, as ideias, nós só organizamos.*

*- Eles escolheram o que fazer no Festival de Afetos, aí vamos propondo de tudo ikebama, pra eles saberem que o contato com a natureza cura; confecção de pirulito; um varal de sonhos; palestras com pastor e psicólogo... Tentamos de tudo um pouco, ficamos com medo do que o pastor ia falar, mas ele começou falando que Deus*

*não cura depressão. Foi um alívio. Teve filme, mural de bons pensamentos e eles andaram pela escola como quiseram, perguntaram, participaram.*



Fonte: Arquivo de pesquisa.

“*Parar a escola*”, que é puro movimento e virtualidades, é dobrar a força sem que ela deixe de ser força (DELEUZE, 2013), para ressaltar uma questão sublime a esta tese: haverá sempre uma relação que resiste, um fluxo de vida. Tudo se move numa pele. Entendido não como assujeitamento, mas como resistência, numa luta por currículos metamórficos e produtores de diferença, cujos efeitos produzidos desafiam a crença de que não há mais saída para as paralisias trazidas pela toxicidade desse tempo.

Dessa forma, de um encontro com livros, nasce a percepção para trazer a natureza para a escola, aprendizagens imaginadas para cuidar de todos e acreditar na potência da criação, do aliançar e do encontro em um currículo que se faz no movimento. Acreditamos na importância de se compreender as peles a partir de dobramentos que as esvaziam de durezas e apresentam suas flexibilidades. Nos

movimentos perturbadores e incessantes daquilo que aparentemente é imóvel, mas se desfaz nas imperfeições das performances. Rasgar, vazar outros modos de existência como política que renuncia a esquemas de opressão, de libertação, de identidade.

Nesses movimentos curriculares, a dimensão política das performances traça linhas em que os currículos oficiais perdem as formas, rompem segmentos e desfiguram as prescrições para gritar por uma vida, num plano de consistência. Deleuze (2002a, p. 12) diz que esse plano é onde estão as transformações incorporais, as metamorfoses e nomadismos que extravasam performances que não possuem termo nem sujeito, mas arrastam-se mutuamente a zonas de vizinhança.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

As virtualidades se efetuam nos excessos, suas variações, metamorfoses e variabilidade, esse devir-intenso é necessário para traçar uma estratégia para impedir os processos de escamoteamento da vida. Esse dobrar, desdobrar e redobrar são movimentos vitais, não apenas porque os processos de apagamento de vidas são continuamente penetrados pelo poder<sup>21</sup> na visão de Deleuze, mas porque os currículos são assentados dentro das estruturas fixas e da segurança conveniente da unidade, o que pode, em tese, apresentar-se como um obstáculo que impede cruzar a multiplicidade e impossibilita a prolongação de suas linhas e a produção de novidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a).

<sup>21</sup> Para Deleuze (2014), poder refere-se a relações de forças que operam num meio e estão em relação, sempre em contato com outras forças. Essas forças, estão em movimento constante e são marcadas pelo dinamismo, portanto, não são estáticas.

Entretanto, a categorização, a classificação, a homogeneização e a seriação dessas singularidades são feitas por “[...] uma linha de força geral” (DELEUZE, 2005, p. 83) que reduz singularidades à forma e ao saber. Linha de força geral que é historicamente construída e que se legitima em um dado contexto cultural.

O que surge após a dissolução desse currículo desconstituído, destituído de uma consciência totalizante e unificada? Concordamos com Corazza (2013), quando ressalta que esses processos de luta por vida abrem fissuras para um encontro que afirma a vida em busca de composições alegres. Ensejamos, com as performances, acreditar em outros currículos, possíveis, vazantes, esvaziados da autoridade cartesiana e escapam em alianças que enfrentam as vidas severinas pelo cuidado. É premente, nesse campo denominado escola pública, acreditar:

*Acreditar, não em um outro mundo, mas no liame entre o homem e o mundo, no amor ou na vida, acreditar nisso como no impossível, no impensável, que, no entanto, só pode ser pensado: ‘Um pouco de possível, senão sufoco.’*  
(DELEUZE, 2013, p. 221).

A partir desses movimentos, fica impraticável pensar o currículo em uma perspectiva cartesiana se, nos movimentos e performances, os sujeitos saem de si para se dobrar em aberturas a mundos novos. São ocos que se fissuram nas forças que irrompem nos afetos que esses corpos, nesses currículos, nesses momentos, são capazes de expressar. Basta um vento e mudam os afetos. Se os ventos não são controlados, quem controla os currículos? Quem poderá dizer de que afetos um currículo é capaz, se há apenas hecceidades e potências? Pelas performances nesses movimentos, problematizamos os currículos como territórios moventes, planos de *imanência* que desestruturam formas estáveis para operar por hecceidades sobre as quais a máquina binária dificilmente terá controle.

Entre essas relações, existe um devir de forças que opera em outra dimensão e traça novas configurações de uma educação variante. Misturas que se modificam mutuamente, sobreposições, invenções e capturas que fazem uma pele tatuada pelas imagens e movimentos.

Nossas criações, músicas. Nossas performances de peles criadas como o mundo e partir de suas forças nos fazem ser um contágio próprio que se pulveriza.

Movimentos que vêm de forças que se conjuram e potências que se conectam, rasuram o que é dado e criam novas peles, novas performances que desafiam pedagogias e afirmam que todo processo de criação é sempre impessoal e coletivo e extravasar seus próprios contornos. Como gestos de uma performance e processos de criação e proliferação da potência criativa que vazam por outros corpos e meios e nos dizem.



Fonte: Arquivo de pesquisa .



Body painting - Gesine Marwedel

*Uma pele como escape*

## QUANDO A PELE TRANSPIRA... PARA NÃO SEGUIRMOS LASSOS<sup>22</sup> NESSE MUNDO

**lasso** adj. 1 fatigado, esgotado (por trabalho excessivo do corpo ou da mente); cansado (...)  
Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2001, p.1727

Uma pele se faz num mundo que apesar de atual, parece estar de tempos em tempos, na eminência do fim. Em meio aos movimentos do mundo e aos encontros de corpos, professores e alunos se fazem pele e superfície. Mattos (2013) ressalta que, se por um lado isso nos obriga a lidar com as durezas do mundo, há, em contrapartida, algo que emerge em nossas sensações como resistência a um estado de esgotamento para com ele. Resistir a este esgotamento, a estarmos lassos do mundo e seguir não apenas resistindo, mas também existindo, é algo que pode nos fazer, apesar de tudo e ainda, inventar uma pele-superfície nova, que re-existe na escola.

Inventar uma pele por uma performance é, antes e tudo, problematizar e lançar problemas e provocações. Incitar, e ao mesmo tempo ter o próprio pensamento incitado. Um explicar voraz e talvez apaixonado, um tornar-se forte, seguros e firmes diante das adversidades, expandindo-se para não se quebrar no caminho, resistentes às ondas e aos golpes. Explicar, transpirar e esgotar em uma docência que capta algo de intolerável, como a manifestação de uma espécie de ideia política, uma percepção crua e nua da alienação, da condenação a certa morte.

*- Professora, Bolsa Família é coisa de vagabundo.*

Ouvir algo que toca fundo, faz com que as palavras não bastem ou sejam insuficientes para mostrar o que se quer dizer, o corpo entra em ação e conduz a

---

<sup>22</sup> Frase de 'Zona' de Apollinaire, escrito em 1907. Nesse poema, o autor traz o efeito provocado pela pintura: "No fim estás lasso deste mundo antigo (...)". Ao longo da escrita, o autor ressalta um esgotamento do que considerava 'o mundo antigo'.

explicação da professora juntamente às palavras, como uma percepção direta das forças de vida em uma aula de sociologia.

O que não é um rompante, “é apenas uma explicação da matéria” diante do tudo que se passa, tudo que acontece. As perguntas latejam a todo instante de maneira imperativa: e agora, o que isso causa em mim? O que fazer? O que dizer? Uma explicação visceral é o rasgo de uma pele arranhada pelo que perturba e pelo intolerável que nos rodeia. A voz toma forma no corpo se desborda em gestos que extrapolam a fala.

*- Joguem as bolinhas e tentem acertar a lixeira com bolinhas de papel cada um de um lugar da sala. Um lá de trás, ou outro aqui na frete. E aí?*

Extrapolar com o corpo, ao enfrentar o indizível, como não ver, ou melhor, como não ouvir que tudo que se diz, todas essas inumeráveis falas. A professora não se insere numa trama preexistente: inventa um corpo que fala, cria uma pele saturada pela nuvem de opressão dos discursos fascistas da atualidade. Irrompe uma performance transpirada por uma pele que não sucumbe ao silenciamento que tentam impor a professores das disciplinas consideradas “ameaçadoras”, como história, sociologia e filosofia.

Diante do que emudece ou violenta, blocos de sensações submergidos em limiares que escoam pela explicação entre a dureza das pedras, que podem um dia, não ser tão duras. Há um fundo vital de emoções ou de afetos que permanece silencioso, simplesmente porque constantemente lhe é concedido o direito de se exprimir. As sensações que vêm do *fundo dos corações*, respondem sempre num plano estético ou ético, a emoção ali naquela intensidade é política. Os afetos, então, são propriamente políticos (DELEUZE, 2012b) e a força vital transborda por corporeidades.

Se uma performance como defendemos aqui enseja novas criações, novos possíveis, quando se acredita que tudo está perdido, pensamos que há processos



que irrompem quando a vida diz não às forças de assujeitamento que insistem em prevalecer num tempo que as próprias vidas não veem outra saída que não seja uma criar uma nova pele. Essa dissonância ao ter o pensamento movido, violentado por uma rajada dá vida a novas formas de insurreição, impensadas, um modo de dizer não às amarras dos discursos de morte e gritar um silêncio numa aula de sociologia.



Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em: 15 set. 2020.

Fazer pensar faz, para a política maior, um currículo representar uma ameaça à representação, à manutenção de forças que tentam centralizar o poder. Uma explicação se estilhaça e traveste em formas mil. Morre para nascer outra. É a reivindicação de uma professora que aposta na vida, no mundo e em outros mundos possíveis. Potência de um pulsar, fluxos, intensidades, que nos arrastam a fazer ver sua reivindicação durante a aula em movimentos de mundo. Um grito como reivindicação de um povo (LAPOUJADE, 2017), de um gesto político que rasura coordenadas, cria peles. Gritar uma performance, plastificar-se, metamorfosear-se

como forma de resistência, não só por re-existir no sentido de fazer pensar e compor com uma multiplicidade de afetos, de emoções, de percepções que não podem abrir uma passagem na linguagem sem deformá-la, sem fazê-la tender a um grito.

Uma explicação, um grito que traça um plano de imanência onde se possa continuar existindo e criando existências na lida como um regime colonial-capitalístico é que tenta nos calar e bate com ondas cada vez mais fortes (ROLNIK,2018). Compor novas peles exige que gritemos por um mundo em que as vozes se multiplicam, em que as reivindicações e os apelos surgem de toda parte e não param de se proliferar, se misturar ao fluxo cada vez maior de informações, de imagens, de comentários que povoam nossas vidas.

Nesse cenário em que somos chamados a responder às demandas de forma “vida equilibrada” que nos impõem entendemos que somos recortados pelas linhas duras e que essas linhas que nos constituem se fazem necessárias. A grande questão é quando transformamos essas linhas molares em rostos sem os quais não conseguimos nos movimentar.

Esgotar possibilidades para criar outras, esgotar os caminhos em para outros encontros, aceitar que há possibilidades para criar outras ilimitadamente. Uma aula de sociologia, falar de injustiça social explicar com o corpo e palavras, ir ao seu limite para provocar os alunos a pensar que as políticas sociais são importantes. A vontade que vem como um corpo que não quer seguir lasso nesse mundo e pensar com os alunos.

*- As chances são iguais? Então o que podemos fazer juntos?*

Injustiça, desigualdade social produzem um vibrar na professora que pode ser entendido como falta de controle. Ouvir que Bolsa Família é coisa de vagabundo bastou para disparar uma pele em um tempo em que a onda fascista e todo tipo de discurso que mutila a desigualdade ganha força e leva ao esgotamento (PELBART, 2013a).

Matar os nascedouros se efetivam em desbordamentos que, na atmosfera atual, são um grito em defesa das vidas e das singularidades. Nessa perspectiva, evidencia-se uma potência de superação pelos encontros, pela afetividade que transborda em efeitos e fluxos e variedades de trabalhos que deságuam pelas normas, pelas linhas molares, nos desabafos.

*- Hoje em dia, como tudo que estamos vivendo, como um professor de história e sociologia faz? Finge de morto? Dá uma de isenção? Ou vive medindo as palavras? De tudo um pouco. O que a gente não pode fazer é deixar de colocar os alunos pra pensar, provocar mesmo!*

Rasgar-se para explicar, tem sido uma saída de professores diante do assombro incessante do fascismo. O combate na educação tem sido árduo em meio a fluxos de medo, de ódio e violências disseminadas que parecem ter saído do controle. A atmosfera tóxica e a violência do discurso bolsonarista têm sido fatores decisivos para passar reformas e retrocessos e disseminar discursos de morte, sufocando professores e chegando a ultrapassar o limite tolerável. Dor e angústia tornam-se assim, efeitos de mundo na educação e na escola pública vitimada pela ausência do Estado em várias instâncias.

Problematizando a dúvida da professora, sobre o que teria feito os alunos se enganarem e se iludirem, Deleuze e Guattari (2010b) deslocam a pergunta para o que teria feito as massas desejarem o fascismo? Entendemos que esse processo de produção de dor e angústia passa pela produção incessante de desejo do capitalismo. Processo no qual, somos vítimas e cúmplices. Certamente, não podemos esquecer que o componente escravocrata é um dos elementos do fascismo (MBEMBE, 2017). As linhas se embaraçam e desembaraçam em variações intensivas, em peles que não param de se des-fazer e preencher o espaço e tempo pela diferença. Assim, embora as intensidades diminuam de intensidades, as linhas intensivas que formam novas peles no avesso da escola dão lugar linhas extensivas, aquelas molares, conscientes e organizáveis que favorecem a conservação de um aparelho de Estado e diminuem o campo de experimentação.

Assim, enfatizamos os movimentos nos currículos como rasgos de ar e escapes diante da violência dos mecanismos que o Estado e a máquina capitalista engendram como se evidencia nos fragmentos de conversas com professores driblam e pensam seus escapes diante da atmosfera sufocante:

*- Eu não acredito que esse fascismo todo vá acabar com o que fazemos na escola. Eu sei que tá cada vez mais pesado, mas nossa história mostra que esses movimentos não duram pra sempre. Eles mexem no currículo como quiserem, agente remenda aqui de uma forma ou de outra e não deixa nossa disciplina morrer. Isso é impossível.*

*- Como essa vigilância do conservadorismo e agora o novo ensino médio, meu sonho é que minha disciplina continue existindo.*

*- Eu acho que reclamar não adianta, nem entrar nessa onda de histeria coletiva. Se eles mexem na grade e tiram as disciplinas de humanas, nós colocamos nas eletivas, que são escolhidas pelo coletivo escolar. É assim... mas as loucuras que aparecem são tantas que a gente acaba entrando numa de reclamar e não perceber que é a gente consegue consertar o que eles estragam.*

*- Os meninos estavam comemorando que ao invés de ter três aulas de história vão ter só duas. Eu falei, vai comemorando, na hora de fazer o Enem, quem estudou na escola particular e teve mais aulas vai fazer mesma prova que você.*

Esses fragmentos nos indicam que os currículos lidam com grandes agenciamentos sociais caracterizados por agenciamentos molares que reduzem o campo de experimentação do desejo a uma divisão preestabelecida. (CARVALHO, 2016). Ainda assim, micropoliticamente são tecidas novas estratégias e peles que se infiltram pelos poros da molaridade, até que sejam endurecidos e produzam, novamente outras linhas e peles. Peles, professores e alunos que cantam nos recreios e corredores. Peles que querem lembrar que continuaremos tentando respirar nossas performances.



Fonte: arquivo da pesquisa.

Canta a escola:

### COTA NÃO É ESMOLA<sup>23</sup>

Existe muita coisa que não te disseram na escola  
 Cota não é esmola  
 Experimenta nascer preto na favela, pra você ver  
 O que rola com preto e pobre não aparece na TV  
 Opressão, humilhação, preconceito

A gente sabe como termina quando começa desse jeito  
 Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais  
 Cuida de criança, limpa a casa, outras coisas mais  
 Deu meio-dia, toma banho, vai pra escola a pé  
 Não tem dinheiro pro busão  
 Sua mãe usou mais cedo pra correr comprar o pão  
 E já que ela ta cansada quer carona no busão

Mas como é preta e pobre, o motorista grita: Não!  
 E essa é só a primeira porta que se fecha  
 Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa  
 Chega na escola, outro portão se fecha  
 Você demorou, não vai entrar na aula de história  
 Espera, senta aí, já já da uma hora  
 Espera mais um pouco e entra na segunda aula  
 E vê se não se atrasa de novo, a diretora fala

---

<sup>23</sup> Música de Bia Ferreira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>

Chega na sala, agora o sono vai batendo  
 E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que  
 Se a passagem é três e oitenta, e você tem três na mão  
 Ela interrompe a professora e diz: Então não vai ter pão  
 E os amigos que riem dela todo dia  
 Riem mais e a humilham mais, o que você faria? [...]

[...] Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular  
 E a boca seca, seca, nem um cuspe  
 Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP  
 Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola  
 Que todos são iguais e que cota é esmola [...]

[...] Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular  
 E a boca seca, seca, nem um cuspe  
 Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP  
 Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola  
 Que todos são iguais e que cota é esmola.

*(Cota não é esmola, BIA FERREIRA, 2018).*

A escola enquanto os golpes que ameaçam sua pele. E continua criando outras. Não obstante, assinalamos para o perigo de pensar essas performances como revolucionárias por se configurarem como criações: as ventanias sempre virão. Logo, é preciso colocar em dúvida sistemas vigentes. Desconfiar das categorias. Desfazer pares da significância e interpretação. Essas são as características da performance que nos ajudam a pensar novos pontos de partida para refletir sobre as relações curriculares no ensino médio, recorrendo a quem nos uma saída para afirmar as criações que se desenham nos currículos como performances.

Neles criam-se novas relações com os corpos, com o tempo, com a escola e novos mundos e evocam-se abalos que carregam uma força de contestação própria. São novas subjetividades insurgindo.

Os escapes são frequentes, todavia é interessante conhecer os movimentos maquínicos molares do aparelho de Estado, para então desembaraçar linhas produzidas e produzir nossos próprios escapes em busca da educação que defendemos. Na potência da performance como pele também reside um controle

que se imprime em um currículo ou um currículo que se imprime em uma escola, eles se avessam, se fazem visíveis em emaranhados de teias curriculares com linhas molares e moleculares. E é na teia maior que estratos agenciam a diminuição das intensidades.

Deleuze e Guattari (2010b) nos chamam atenção para uma máquina social na qual circulam desejo e repressão, dois movimentos de potência e desejo, mas também de morte. Obviamente, não nos referimos à morte inerente ao desejo, mas a um desejo de morte socialmente produzido: morte às diferenças, às pobrezaas, aos destituídos, aos desprovidos.

As performances como peles de escapes nos forçam a pensar em um currículo com força de luta pela vida, atravessado pelo desejo de expandir, pela vontade de potência que faz ir além do estabelecido. Um currículo que se afirme como potência de vida, alegria, e que combata o desejo de morte mobilizado pelo projeto macropolítico de poder e de extermínio que naturaliza algumas mortes.

## Deputada do PSL pede que alunos gravem vídeos para denunciar professores

A aprovação do projeto Escola Sem Partido no Congresso é uma das principais bandeiras de Jair Bolsonaro

Disponível em:

[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/29/interna\\_politica,1001102/deputada-do-psl-pede-que-alunos-gravem-videos-para-denunciar-professor.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/29/interna_politica,1001102/deputada-do-psl-pede-que-alunos-gravem-videos-para-denunciar-professor.shtml). Acesso em: 5 nov. 2020.

Em 2011, discursos de ódio só cresciam: “*O Bolsa Família não tira ninguém da miséria. Mantém na miséria porque estimula a preguiça. Inclusive, há gente que não*

*quer trabalhar porque não quer ter carteira assinada e perder o benefício*<sup>24</sup>.

Defender um currículo vazante e a potência vital quando se disseminam discursos perversos, requer uma aposta na vida que só pode ser criada por aberturas e exploração de limiares.

A intolerância contra aqueles ditos pobres, porque são preguiçosos, ou preguiçosos porque são pobres, demonstra a brutal intolerância contra a pobreza, que passa a ser vista como um mal cuja nocividade atinge não apenas o sujeito miserável, mas também o seu entorno, como se houvesse, a cada momento, o perigo de contaminação da porção da sociedade que se considera superior.

Diante de tanto sufocamento, não sucumbir e não desistir e nos cala passam a ser uma estratégia. Há controle entre o que pode ser dito, ensinado. Crescem os alertas contra professores “doutrinadores”. Só os movimentos fazem os currículos desbordar nesses tempos em que somos todos tomados pelo cansaço, quando esferas totalitárias têm encorajado a vigilância dos professores contra o que a direita conservadora chama de comunismo e configuram sufocamentos cada vez mais nefastos, o que, de certa forma, escancara a força política das escolas.

Quando alunos e pais são convocados a filmar professores<sup>25</sup>, quando a máquina paranoica ultraconservadora desqualifica o ensino e as práticas, as lixeiras balançam como artérias que latem (DELEUZE; GUATTARI, 2012a), evidenciando que as resistências sempre fazem o currículo funcionar com organização própria, ocupado por intensidades, matéria intensa, um *continuum* de todas as intensidades em que o desejo se define como processo. O inimigo é o organismo regulador e

---

<sup>24</sup> Declaração do deputado Álvaro Dias. Disponível em <https://www.sul21.com.br/noticias/2011/06/senador-alvaro-dias-defende-que-bolsa-familia-estimula-preguica-veja-o-video/> Acesso em: 15 jan. 2019.

<sup>25</sup> Nas eleições de 2018, alunos de todo o país foram incitados por uma deputada do Partido Social Liberal (PSL) a gravar as aulas de seus professores para provar a doutrinação realizada nas escolas: ‘Amanhã é o dia em que os professores e doutrinadores estarão inconformados e revoltados’. Continua a deputada: “Muitos deles não conterão sua ira e farão da sala de aula um auditório cativo para suas queixas político-partidárias em virtude da vitória de Bolsonaro. Filme ou grave todas as manifestações político-partidárias ou ideológica”.



delimitador<sup>26</sup> (DELEUZE, 2012b). É preciso uma alternativa ao discurso que enfraquece a vida, não pelo enfrentamento ao organismo, mas pensando e traçando saídas para enfrentarmos as destruições.

Nas performances cotidianas vemos a chance de um currículo esvaziar-se para que passem outras intensidades. Produzir devires e escapar das amarras da organização, especialmente frente às políticas atuais cujo organismo necropolítico chancela quais virtualidades são possíveis. As performances, como o próprio corpo em devir que se deixa afetar pelo mundo e se permite atravessar por forças, fazem metamorfoses e atualizações a cada instante. Uma performance, pele nascida e escamada no seu próprio ritmo como o resta quando tudo é retirado. É quando um currículo chega a um limite imanente e explode em marés vazantes.

Assim, fogem às formatações de uma representação, estão sempre em trânsito, traçam um caminho rizomático e fazem alianças. Podemos pensar que os corpos nas escolas fazem performances quando não se rendem às representações e brotando potências que escapam ao compreendido e pensar que outras virtualidades são possíveis.

---

<sup>26</sup> O corpo sem órgãos fala de um corpo não orgânico. “Uma involução criativa sempre contemporânea” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b p. 29).



Fonte: Arquivo e pesquisa.

Ao vestirem-se de fôlego e coragem, professores e alunos criam poros diante do sufocamento e expandem limiares do currículo para romper com as funcionalidades designadas. Rasgam um grito por uma educação que não se contém diante das amarras a ela impostas e insiste na criação e no transbordamento como armas.

Tem sido árduo o convívio cada vez mais próximo do negacionismo, da xenofobia, do racismo, do ódio, da violência que vem produzindo diferentes mecanismos de diminuição e anulação da potência das vidas na educação e no currículo. A lógica do obscurantismo se faz valer por programas que têm princípios antidemocráticos, excludentes, privatistas e autoritários, incentivando práticas de ódio e violência contra educadores.

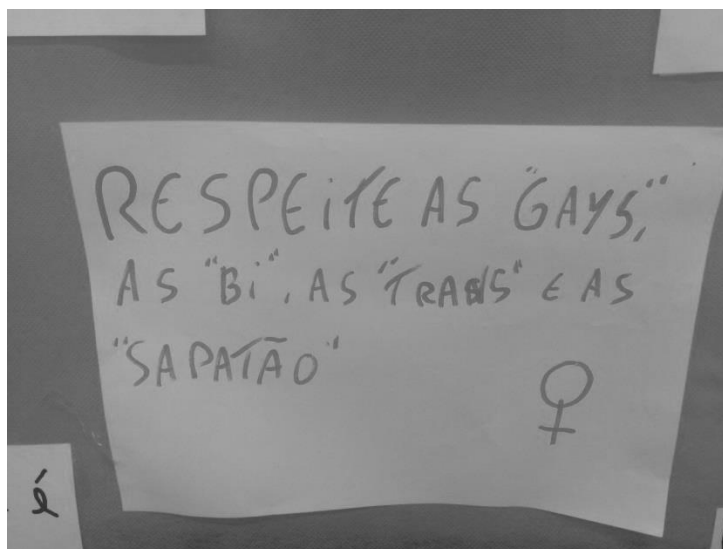
Entretanto apostamos na diferença entre “[...] uma massa de pobres e uma massa de pobres determinados a agir em conjunto” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 13). A segunda, ainda que sugada pelo discurso capitalista, quando se organiza, se aliança

e produz resistências potentes de capacidade metamórfica. Não necessariamente por grandes revoluções, mas por gritos, desabafos, lixeiras. Assim, se desfaz o organismo para se abrir a outras conexões e não morrer. Professores e alunos instalam-se em estratos, experimentam as oportunidades que eles oferecem, distribuindo intensidades.

Irrrompem alertas contra os males do organismo, das boas intenções que visam a nos proteger do comunismo e da doutrinação. Nas palavras da professora: “*da maldade disfarçada de bem querer*”. A máquina binária acredita ser capaz de cortar os fluxos, todavia, novos engendramentos são criados e corroem os controles que se esperam da escola e dos professores: performances.

Às vezes é preciso criar poros novos por respiros inesperados. A máquina produz, incessantemente, discursos nefastos, políticas como a Reforma do Ensino Médio, as Bases Nacionais e alerta para a ideologia de gênero considerado como ameaça a nossas crianças. Portanto, mais do que nunca, é necessário criar insubordinações, das desobediências diante do retorno de uma verdade que preconiza a estabilidade, a pureza, a certeza e o apagamento da diferença. As políticas totalitárias e fascistas certamente não conseguem dar conta dos efeitos produzidos nos encontros que nos fortalecem como gritos por vida.

*- Não é só fazer cartazes e pregar na parede. Nós conversamos nas aulas. Ouvimos, discutimos. Com a onda de ignorância que tá nesse mundo a gente não entra na aula falando mal de político, mas juntos, a gente se fortalece e mostra pro aluno quanta falta de respeito tem hoje em dia contra o gay, o negro e as mulheres. São muitas aulas conversando, escrevendo. Isso ajuda a pensar no que incomoda, te toca.*



Fonte: Arquivo de pesquisa.

O currículo sofre de um esgotamento da velocidade, da representação, do monitoramento da vida em tempos de “escola sem partido”<sup>27</sup>. Há um esgotamento das condições de trabalho, uma sociedade em crise, ao se ver aquela sala de aula composta por jovens trabalhadores, cujas vidas são quase totalmente subsumidas



pele trabalho, reforçarem o discurso que os oprimem.

<sup>27</sup> A primeira proposta da Escola Sem Partido foi elaborada em 2004. Em 2014, o movimento ganha repercussão e forte apoio de parlamentares e partidos ligados especialmente à bancada evangélica e impulsionado por mobilizações de movimentos conservadores pelo Brasil. A alegação principal do movimento que se autoproclama apartidário é a doutrinação esquerdista nas escolas. Implicitamente há, claramente, interesses implícitos e vínculo com tendências totalitárias que instigam o cerceamento do trabalho docente e a ligação com um projeto mais amplo que visa fazer da escola um grande negócio.

As apostas que vimos na escola sinalizam que, embora a Base Nacional<sup>28</sup> nos cerque com uma política de regulação, de viés privatista e mercadológico, a vida se afirma todos os dias na escola, principalmente pela via da invenção no caos, entendida com Deleuze (2010a, 2013) como intensidades de forças que fazem inventar a vida e mundos, sobretudo a partir dos encontros.

Um grito como reivindicação surge como um movimento que uniformiza o currículo, desconsiderando as desigualdades sociais. Força-nos a pensar a escola, especialmente a pública, como direito de todos e destituída de um único ideal, como aquele que mira os anseios do mercado de trabalho. Há outros percursos possíveis de vida e de currículo que são minorados pela implementação do documento, que desconsidera as diversidades socioeconômicas, as singularidades e as metamorfoses de que cada currículo é capaz a partir do encontro, do acontecimento que os mecanismos de padronização e seleção são incapazes de considerar.

O balançar da lixeira é como um grito contra a mordança que tenta nos colocar, nos calando e ensinando o que é do bem, o que se deve ensinar, como se deve pensar, como se fosse possível controlar o devir e os currículos que acontecem sorrateiramente. A potência rizomática do currículo não se contém diante de uma política de regulação, de uma concepção curricular articulada a premissas de uma avaliação padronizada em alta escala, cuja noção de competência é atrelada a metas.

O que a Base busca engessar, as performances transbordam, enredam, fazem rizoma. Retornar a um modelo fundamentado em competências, igualando-o à pedagogia tradicional, enrijecida, aristotélica, pautando o ensino médio em uma perspectiva utilitarista, obviamente, não tem por finalidade o princípio humano nem a

---

<sup>28</sup> A Base comum Curricular tem seu texto definitivo o ministro Mendonça Filho afirma que: “o objetivo principal é alinhar aos melhores sistemas educacionais e disputar os rankings avaliativos”.

diferença. Mas, se as marés fascistas querem o jovem alienado e, pretensamente, acreditam que ele é incapaz de pensar, como afirmou o presidente da República, na posse do ministro da Educação, Abraham Weintraub, em 2018, nas bordas, o currículo é o terreno fértil em que os golpes contra a juventude e a escola pública encontram resistência.

## "Queremos uma garotada que comece a não se interessar por política", diz Bolsonaro

A declaração foi dada durante a posse do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub

Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2019/04/10/queremos-uma-garotada-que-comece-a-nao-se-interessar-por-politica---diz-bolsonaro.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

Vemos então uma inclusão excludente: inclui-se para que se tenha uma falsa ideia de igualdade para, finalmente, aniquilar a diferença ao classificar todos como iguais, desconsiderando as desigualdades sociais, as regionalidades e, principalmente, as singularidades. Colocam-se todos em um mesmo 'pacote' e institui-se uma das mais nefastas crueldades dessa proposta: o apagamento da diferença pelo discurso pretensamente igualitário.



Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em: 15 set. 2020.

Seria possível uma garotada que não se interesse por política? O projeto de pensar para alunos e silenciar alunos e professores não suporta a força da afetividade, do

encontro e nem a diferença do rizoma. Pode a qualquer momento surgir um grito para afirmar a potência desse currículo que faz seu próprio ritmo.

- *Eles se enganam completamente quando pensam que o aluno é vazio e não consegue tirar suas próprias conclusões.*
- *Essa história de querer o aluno alienado é velha. Agora só voltou com mais força. E tem mais, como uma coisa dessa é possível? Isso é pra criar uma agitação e distrair o povo como besteira. Desanimar o professor é fácil, mas enfraquecer a educação nunca ninguém conseguiu.*

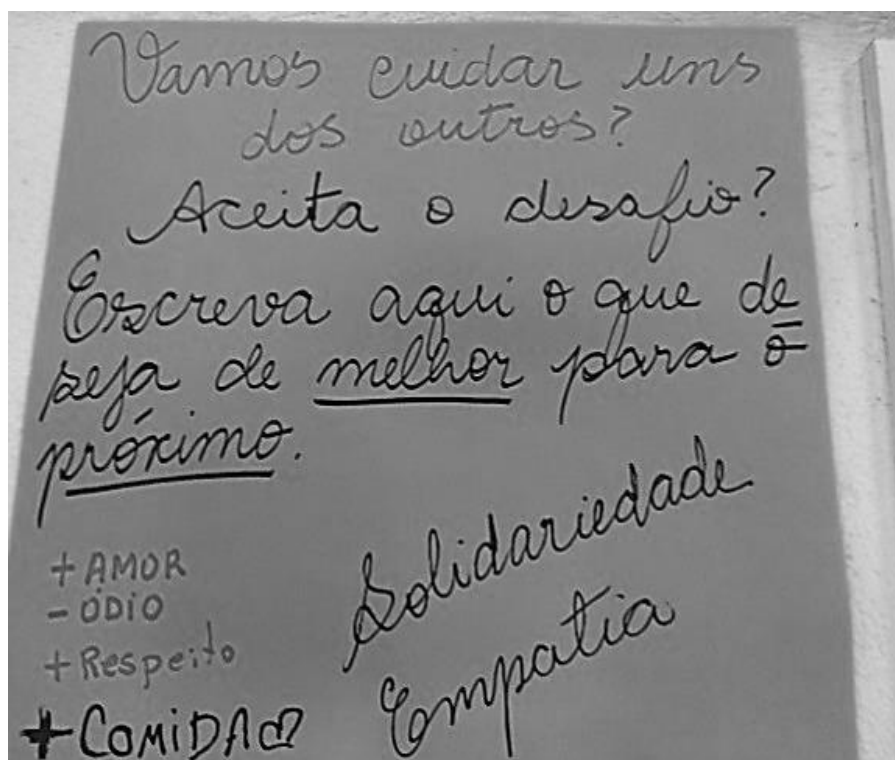
As políticas supressoras de vidas não conseguem congelar as irrupções. A explosão da professora, desgastada com a toxidade do momento político aparece como um transbordamento: “[...] é como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção a uma destinação não conhecida, não preexistente” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146). Basta um lampejo para a fissura acontecer, marcar um limiar de resistência. Quando já não se suporta mais, novas relações de velocidade se modificam, paralisam e movimentam, como performances, e instauram clandestinidades para oxigenar um currículo criador.

Performances insurgem como resistência aos automatismos, como uma prática em uma situação-limite, um corpo em constante devir, destituído de uma organização cartesiana e atravessado por potências. A um currículo límpido, estático de águas claras e margens seguras preconizadas pela Base, nunca se chega. Pelas performances cotidianas, os currículos são o próprio corpo em devir, o corpo que se deixa afetar pelo mundo, atravessar por forças, metamorfoseando-se, fugindo da linearidade e atualizando-se a cada instante.

Numa contínua variação da experiência, (MANNING 2016, p. 2), como um movimento criador de dissonâncias e perturbações e que abre a experiência a novos modos de expressão. Aquilo que se passa despercebido. Seu ritmo não é controlado por estruturas, mas se constitui aberto aos fluxos em devires. Um gesto menor, singularmente conectado ao evento em acontecimento proliferador de devires

menores, que criam relações com corpos e ampliam os movimentos disparados pelos acontecimentos.

Os sentidos produzidos, diz Rolnik (2018), demandam tensionamentos de forças múltiplas e de vidas que existem no meio, coengendradas como lugares fronteirços, com conexões aleatórias, sem qualquer filiação, resultantes do contágio, das proliferações e povoamentos. Produzem o meio que segue sua linha própria, ou seja, involuem<sup>29</sup> e criam uma nova linha, nova pele como forma política de resistência às políticas de morte.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Acreditamos, então, que a potência fronteira das performances designa um pensar a partir do *sabercorpo* (ROLNIK, 2018) provocado pelos contágios, para pensar as experiências vividas que integram suas composições e impulsionam

<sup>29</sup> O devir, da ordem da aliança (e não da filiação), estabelece um tipo de evolução que Deleuze; Guattari (2012b) chamam de *involução*: longe de ser uma regressão, compõe seu próprio ritmo, segue sua própria linha, assim como pensamos as performances nesta pesquisa.



incessantemente a produção de vidas por meio das performances que germinam mundos nas escolas. Mundos que “não cabem” na tradição e que nascem da tensão que desestabiliza as estabilidades, provocando inquietações e soprando performances que oscilam entre várias micropolíticas.

Paredes duras, frias, transbordam diante da aridez dos tempos e potencializam afetos, expressam transições de potência entre um estado e outro. Os encontros, aprendemos, podem ser com qualquer espécie (DELEUZE, 2002b). Paredes permeiam esta tese, não por constituir uma membrana que separa, mas para nos abriremos para as rachaduras que não param de rizomar a imanência.

Os cartazes nas paredes da escola nos recordam que há um currículo que gira, desloca o centro da roda e desliza traçados impensáveis, faz de cada acontecer, uma imagem e paisagem que força de alguma forma a pensar. Confirmam a vocação para a diferença e nos lembram de que é preciso evitar o desfalecimento, o surto, as vacilações e criar bolsões de vida. As paredes nos sugerem que vazam nos currículos espaços que implicam o esvaziamento de representações de seus automatismos, pensa a professora:

*- Muitas coisas não são ditas, muitas vezes não falamos, então vamos colocar nas paredes o que eles querem, gostam. É uma forma de suportar juntos, colocar pra fora...*

Os currículos, que não são paralisados pelas políticas, vazam pelas paredes, porque lidam com representações sedimentadas e cristalizadas de sensações, de afetos, de desejos. Pensar os currículos como experimentação, como um espaço onde possam circular intensidades ainda não nomeadas, não mapeadas, conforme podemos observar quando as paredes não se calam.

O lado positivo do esgotamento (PELBART 2008, p. 228), mobilizar novos movimentos e experimentações, que podem passar pela arte, política e filosofia. O silenciamento a que os professores são submetidos vaza em mobilizações com o convite de cuidar do outro.

Vemos, nessas performances, a potência de denunciar traços de loucura e evocar a leveza do charme pensado por Deleuze (1997), naquele estado de loucura em que *se perdem as estribeiras*, quando não se sabe muito bem em que ponto está. Sem compromisso com a significância, coloca-se o sujeito em *ponto demência*, traçando territórios em movimentos dançantes e movimentos de impulsos, como o Performer<sup>30</sup> pensado por Grotowski (1988). Para Deleuze (1997), é somente nesse estado de loucura que está o *charme*, que é, portanto, de difícil entendimento, por escapar de explicações lógicas. A delicadeza desse *pequeno grão de loucura* faz cair por terra o sujeito estável e ressoa outros modos de vida e existência. Assim como algo que não pode ser personificado no sujeito, mas nos efeitos produzidos, nos acontecimentos, os sopros, silêncios, falas, gritos, afetos, gestos que escoam nas escolas, as performances podem ter algo a nos dizer, se pensarmos no que elas provocam e causam no emaranhado de multiplicidade.

As criações, rasgos que percorremos na escola *#ehmassa*, nos dão folego para pensar currículos que assumem a dimensão artística da vida que, para além da invenção, resistem às políticas praticadas cotidianamente. Fluxos, currículos como arte. Arte de viver, de criar, de artistar um currículo (CORAZZA, 2003) em uma atmosfera que tem sido cada vez mais inóspita.

---

<sup>30</sup> Grotowski (1988) define o Performer, com letra maiúscula, como um homem de ação. Não se trata de alguém que se faz de outro, mas de um *fazedor, um sacerdote, um guerreiro*, fora dos gêneros estéticos.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Paredes que tateiam como um lábio cego experimentam as reentrâncias e as potências do meio. Sim, as paredes que desserritorializam e potencializam a criação de mundos nos cotidianos das escolas. Autoras de territórios, aberturas ao devir, peles e poros que fazem tudo balançar. Diante de políticas tóxicas que exigem uma escola sem ideologia, delimitam assuntos, cultivam a brutalidade e desejam um currículo neutro, as paredes nos dizem que congelar o acontecimento e estancar a potência vital nem sempre é possível. O Estado experimentador (DELEUZE; GUATTARI, 2012c) estratifica, postula, enrijece, todavia as performances entram em sintonia com o mar, em composição com os fluxos e tecem seus escapes. Assim seguem os currículos, vivendo nessas linhas, entre fluxos e normatizações, oscilando entre grandes e pequenas ondas e políticas, rasgando nossas frestas nas paredes em busca de ar.



Body painting - Gesine Marwedel

*Saturar a pele e criar saídas...*

**DEVIR-PELE**

**Body painting- Geisine Marwedel.**

É vital pensar diante do avanço da maré conservadora e fascista que nos cerca com políticas de totalização e controle e tenta conter a proliferação da diferença. Somos surpreendidos a cada manhã por ondas e marés pouco animadoras, mas ainda assim nos desafiamos a tentar colocar nossas pequenas embarcações mar adentro.

Falamos de performances cujas peles são redesenhadas com o mudar dos ventos e conexões. Modos de insistir na vida, quando formas de existências são consumidas e reduzidas a itens de consumo. As questões que lançamos nos ajudam a pensar invenções ligadas à vida como busca de fôlego, quando as relações entre capital e subjetividade exploram e plastificam as incontáveis formas de existência, especialmente no momento atual, em que estamos sob o impacto de *forças vorazmente destrutivas* (ROLNIK, 2018) e assistimos à escalada de forças conservadoras. Em meio às lutas e buscas de ar, percebemos que surgem formas cambiantes de vida de nomadização dos viveres.

Acreditamos que esse movimento nômade se estenda às escolas e aos currículos. Todavia seguimos aqui com a intenção de *pensar* a partir das forças e violências que o pensamento sofre e das novas formas de insurreição vital que emergem como novos dispositivos que são permanentemente inventados como *produção do novo*,

que Pelbart (2003, p. 23) define como “ [...] inventar novos desejos, novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação”. Buscamos as variações minúsculas, o devir minoritário de todos e de cada um para pensar na criação de vidas que se formam na contramão da serialização e das reterritorializações que nos são impostas constantemente. Como resposta às tentativas incessantes de “endireitamento”, vemos, nas performances cotidianas, uma espécie de potência da invenção.

Nessa perspectiva, tentamos pensar na possibilidade de trazer a invenção como pele que forja existências fugidias e provisórias quando representações até que determinada forma não seja mais necessária e caduque, quando é, então, arrastada a produzir um *novo*<sup>31</sup> (PELBART 2015). Problematizamos nesta tese *performances* como processos ambulantes marcados pela infinitude imanente à vida, com o intuito de ventilar o pensar sobre currículos que se inventam nas incorporeidades e vazios produzidos nas clandestinidades das invenções.

Não é nosso objetivo esgotar as performances em definições. Nossa tese é que as performances ensejam novas criações, novos possíveis (DELEUZE; GUATTARI, 2010) que conferem incorporeidades ao acontecimento, dando-lhe uma vida, e produzem universos possíveis que dão vazão a *existências–outras* e que são pertencentes ao mundo das sensações, dos afectos e dos perceptos que excedem a vida. Abrem fendas. Com os possíveis, consideramos o assombro da linearidade como potencial para novos universos e desserritorializadores que arejam as vidas com brisas para além das dicotomias.

Recorremos a Pelbart (2003, p. 23) para pensar a produção do novo como “[...] positividade imanente expansiva que o Império insiste em regular, modular, controlar”. Ele destaca os processos que irrompem quando a vida diz não à

---

<sup>31</sup> Pelbart (2015) fala da produção do novo como potência de variação e como força-invenção insubordinada às forças paralisantes. É, portanto, uma potência política singular. Trata-se da força da criação que irrompe quando menos se espera.

regulação e às forças de assujeitamento que insistem em prevalecer num tempo em que as próprias vidas são uma espécie de capital.

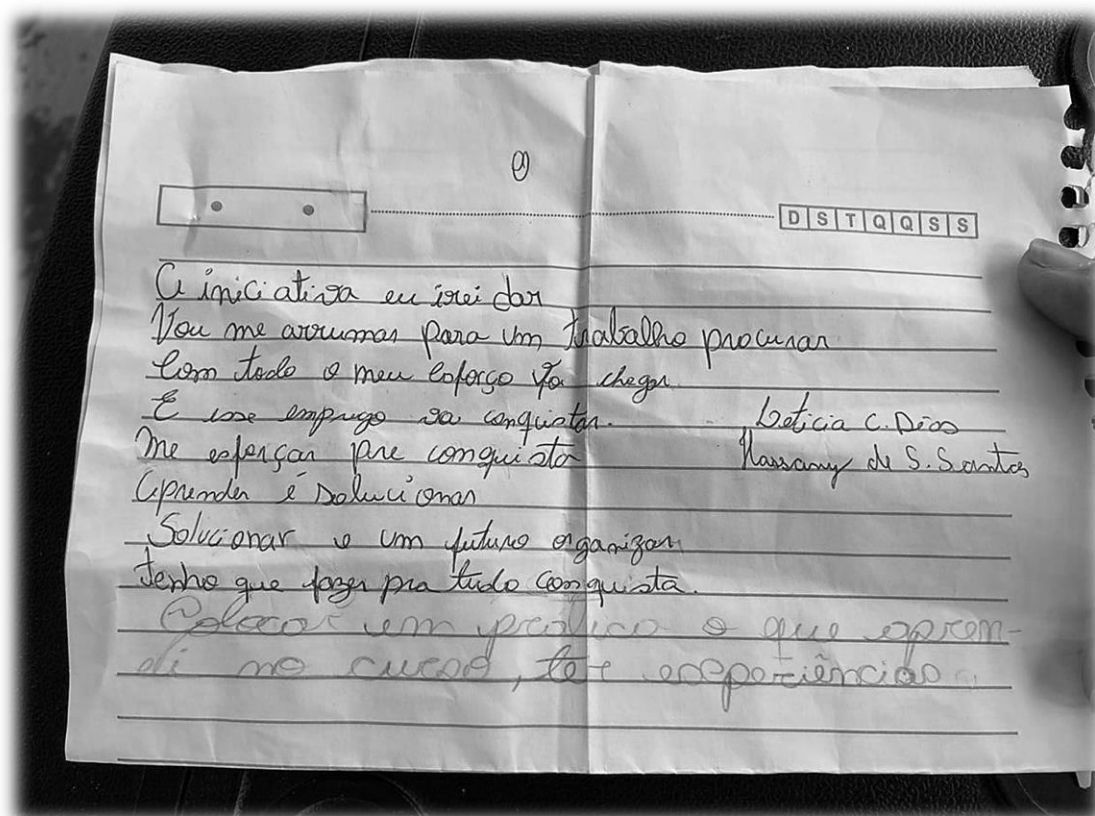
Evocamos a necessidade de pesquisar formas de *existência* que não mais se deixam deter nas amarras da antiga *lógica de fortaleza* (PELBART, 2003), de vidas que não se limitam a sobreviver, mas insistem em reviver nos entrecruzamentos de trajetos repletos de tentativas constantes de golpeamento e aprisionamento.

Diante dessas vidas que se esgarçam o tempo todo, o próprio controle se dispõe a nomadizar-se, o que torna difícil identificá-lo, porque ele se faz rasteiro, cada vez mais pulverizado e imana, lembra Pelbart (2003), principalmente das existências mais comuns. Portanto, a nossa premissa é que a invenção pode partir, sobretudo, do homem comum e afirmamos a criação como uma das mais poderosas formas de resistência (DELEUZE, 2013). Assumimos que inventar é, assim, uma forma de continuar existindo diante das forças que tentam engessar a diferença.

Resistir em resposta às forças supressoras que escamoteiam a potência do homem comum. A busca por fôlego é uma aposta em uma vida política que desafia formas do poder sobre a vida e acaba por criar planos de existência ambulantes. Destacamos a afirmação da vida política por natureza e dotada de uma energia que nos arrasta a pensar que, cotidianamente, as variações nos currículos, ainda que mínimas, ensaiam *formas outras* de criação como resistência, como performances e invenções que movimentam o pensamento, como quando alunos leem suas poesias na quadra da escola:



Fonte: Arquivo da pesquisa.



Fonte: Arquivo da pesquisa.



Como produção de uma nova pele e potência de vida, as performances cotidianas e suas intensidades se emaranham nas relações curriculares, multiplicam-se em linhas, assumem formas de organização novas e são atravessadas por forças num campo múltiplo de produção de desejos e de afirmação das vidas. Desafiam e rasuram as imposições. Pluralizamos o termo performance para enfatizar a multiplicidade vital de resistência às tutelas às quais qualquer sujeito está suscetível. Pluralizar como forma de conceber a vida que está, definitivamente, politizada,<sup>32</sup> “apropriada” pelo poder e, contudo, insiste em existir de outras formas. Saídas, nomadismos, escapes, movimentos de resistência plurais, imprevisíveis que se conjuram na conexão emaranhada entre poder e resistência como criação.

Acreditamos que há, sempre a chance de uma nova relação entre o poder e a vida, com as subjetividades que se produzem exploradas, fabricadas pelo capital que escapam por todos os lados (PELBART, 2003). Subjetividades que criam novas formas e potências de vidas que, por algum arrasto, em algum momento, não se contêm e explodem em novos modos de existência.

Elaboramos esta tese assumindo que o poder é uma relação que existe em meio a campos de forças manipuladas, calculadas, recalculadas, mas também por forças imprevisíveis. Acreditamos que há sempre uma saída ali presente. Ao falarmos sobre as vidas que rasuram os currículos formatados das escolas, falamos de deslocamentos, do poder de afetar e ser afetado em vidas que se pulverizam, se clandestinam e se alastram. Falamos de relações atravessadas por afetos e cooperações quando surge uma inversão de poder sobre a vida para a potência da vida de afetar e ser afetada para produzir o novo incessantemente.

No navegar desta tese, propomos pensar as performances inventadas todos os dias como atravessamentos, escapes, colaborações de corpos em fluxos com outros

---

<sup>32</sup> Para Foucault (2004), a racionalidade política determina a forma de gestão das condutas dos indivíduos de uma sociedade e estabelece uma lógica em que os procedimentos da política vão além de distribuir, vigiar e adestrar os indivíduos dentro de espaços determinados: eles pretendem dar conta dos fenômenos amplos da vida biológica. Atuam sobre os fenômenos naturais que se manifestam numa determinada população.

corpos num nível de forças de intensidades resultantes de tensões e estranhamentos. Esgarçamentos num jogo intrincado de um poder que se esparramou pela vida, ocupando suas muitas instâncias, mobilizando suas eventualidades e produzindo atualizações em uma nova pele, que faz outros mundos.

Interessam-nos, nesta pesquisa, escapar dos emaranhados que tentam aprisionar a performance em um conceito e pensá-la como invenção ligada ao acidente e não a uma noção de essência abstrata em que somente questões como “O que arrasta?” podem ajudar a pensar no que se produz, nas alianças, nos acoplamentos pacoplamentos, nos nascedouros que desenham novas paisagens na escola expandindo a vida e produzindo mundos possíveis.

Consideramos ambicioso perguntar “O que é uma performance?” por que qualquer resposta fixa a estabilizaria o pensamento e reforçaria o privilégio de ‘*O que é?*’ (ZOURACHIBVILLI, 2016). No campo da arte, Eleonora Fabião (2009)<sup>33</sup> reforça que tentar definir a performance seria desnecessário, ou seja, um falso problema, visto que, segundo a pesquisadora e *performer*, a estratégia da performance é resistir a definições, intervir e criar problemas diante das categorizações que tentam capturá-la em práticas reconhecíveis. Para Fabião (2009), a estratégia da performance é resistir a definições, desnortear classificações, suspender certezas, portanto seria algo praticamente impossível ou um falso problema.

Assim, embora não gostaríamos de reforçar a autoridade de uma essência para pensar geografia que convoca um campo problemático. Movem-nos, nesta tese, os movimentos e os processos inerentes à potência dos encontros e das erupções que compõem os cotidianos. Movimentos que são da ordem da invenção, fugidios, incorpóreos pela geografia que desenham, pelos rasgos abertos nos currículos.

---

<sup>33</sup> Entrevista publicada em 09-07-2009, no Caderno 3 do Diário do Nordeste. (Disponível em: <http://diariodonordesse.globo.com/materia.asp?codigo=652907>).

Tomada pelo que se cria no cotidiano de uma escola a performance pode ser pensada como *substantivo plural* – portanto, performances – cujo pensamento tem dinamismo próprio, lançamo-nos num mar de perguntas como: “O que podem?”, “Quais os seus efeitos?”, “O que produzem e/ou potencializam?”, “O que arrastam?”, tentando não reforçar denominações ou aprofundamentos ou, ainda, representações em meio às suas insurgências nos currículos tecidos em redes nos cotidianos das escolas.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Dessa forma, pluralizadas e pensadas como cotidianas as performances são pensadas como formadas por pedaços de outros conceitos que respondem a outros conceitos e supõem outros planos. Nesse sentido, não permitem que se estabeleça uma realidade dada. Plurais, as performances cotidianas não cabem na imagem dogmática que consigna *a priori* uma forma ao fora. Substantivo plural, pensar performances como invenção afasta a crença em um pensamento natural, em um modelo da reconhecimento.

Assim, cada invenção traz em si uma própria definição que se acaba quando nasce outra. Problematizando a teorização de Bergson, Deleuze (1999 p. 10) observa que a noção de problema tem suas raízes na própria vida e no impulso vital: “[...] é a vida

que se determina essencialmente no ato de contornar obstáculos, de colocar e resolver um problema.” Não se resume a descobrir *o que é* uma performance, ou *que é uma performance cotidiana*, mas em procurar percorrê-la como invenção, movendo a questão para além das dicotomias e das representações do pensamento dogmático, que estabelece um universo de problemas dados.

Esses movimentos de invenção nos currículos evidenciam que há um vazio a ser preenchido, de que há uma desordem que tenha que se adequar a uma ordem estabelecida, de que o real tenha que realizar uma experiência anterior. Diferente e contrariamente das intenções prescritas e retrocessos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Reforma do Ensino Médio projetam na educação, nossa mobilização teórica pretende percorrer movimentos que destituem a unidade que é por si só uma mistura e, portanto, impura. Navegar invenções em performances necessárias como busca de ar. Inventar.

Navegar pelos currículos, linhas dissonantes que só se atualizam por invenções, que não têm a semelhança como regra, mas a divergência e a criação. No entanto é importante evocar a potência da atualização e da diferenciação como criação (DELEUZE, 1999) para problematizar constantes atualizações, as dissonâncias e ressaltar vidas que não operam por metas nem por direções preexistentes, mas por linhas que são criadas no percorrer da vida, ou seja, criam variações, desvios.

Vazamentos de mundos possíveis, seres inacabados, sujeitos nascentes diante das totalizações que procuram enquadrá-los a modelos. Tentamos ventilar as questões curriculares e as virtualidades que se atualizam nos currículos, para perceber que a diferenciação não é negativa, mas essencialmente *positiva e criadora* (DELEUZE, 1999). Vemos, assim, com as performances, a chance de cartografar atualizações que germinam vidas embrionárias e mobilizar um pensamento na educação que destaque o “[...] *inacabamento próprio da vida*”, como diria Gombrowicz (*apud* PELBART, 2008, p. 12), questões que Pelbart (2008) considera prementes especialmente na educação:

Deveria ser marcante especialmente no âmbito da educação para enxergar em seres que estão por nascer. A experimentação que deveria ser seu direito, na aposta em sua indeterminação, sem coibi-los ou apenas domesticá-los, sem insensibilizá-los para tudo aquilo que não serve a nossos desígnios de poder, de pressa, de produtividade, de institucionalidade, com todas suas blindagens e formatações e soluções prontas.

Ao acompanhar esses processos, pretendemos ressaltar a o *estado de imaturidade da vida* que está por nascer, em seres não formados que têm a liberdade ainda preservada, mesmo em pequenas mortes que germinam/criam outras vidas, vidas possíveis para não sufocar, pensando com Deleuze (2010a).

Performances, porque não designam. Cotidianas, porque as entendemos como produzidas e potencializadas pela força do encontro com o que arromba o pensamento. Provocadas pelo pensamento violentado, as performances são da ordem do involuntário. Produtoras de germens de mundos. Seres temporários. Viveres ambulantes. Esta tese discorre sobre o ímpeto de instaurar outra relação com a vida antes que ela tenha ganhado uma forma, de vidas que “se livram” de sua “forma” para existir de outras maneiras.

Apostamos nas performances como *centelhas de vida*, como narra Deleuze (2002b) no texto “*A Imanência... uma vida*”, liberadas quando se está à beira da morte. Mortes que são, de um lado, apresentadas nas políticas unificadoras como a BNCC, a Reforma do Ensino Médio e de movimentos como o projeto Escola sem Partido que se, por um lado, tentam estratificar, por outro lado, provocam, arrastam novos viveres, resistentes em outras formas ao fazer fugir por criações de mundos-outros. Pensamos que, em meio às sucessivas tentativas de cerceamento, os currículos e as relações nas escolas se abrem em performances cotidianas, nas sutilezas, nos silêncios característicos dos devires que deslocam o viver para além de sobreviver, potencializando a criação como resistência. Buscamos atravessar novos fôlegos, novos possíveis a partir dos encontros<sup>34</sup>, das suas relações de movimento e de

---

<sup>34</sup> Para Deleuze (2002c), é no encontro que um corpo se define. É a partir dos movimentos produzidos e dos afectos despertados que se sabe do que um corpo é capaz.

repouso, de lentidão e de velocidade (DELEUZE, 2002c, DELEUZE: GUATTARI, 2012b), pelos afetos de que são capazes, pelos efeitos que produzem.

Partimos da proposição de que, nos cotidianos, as performances podem nos dar pistas de acoplamentos produzidos nos encontros, principalmente em meio às forças conservadoras que tentam incessantemente reduzir a existência a uma *vida besta*<sup>35</sup> e nos enveredar pelas fendas que abrem e desviam currículos.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nos arriscamos a pensar que as performances que, por natureza, são inconclusas, descontínuas. Cortes e conexões vivenciados produzirão esse texto a partir dos atravessamentos que nos perpassam e pelos quais passaremos. Texto produzido num período pós-golpe de 2016, por conseguinte, não tem como não ser afetado pelas fortes marés que

movimentaram as escolas. Tese sobre uma escola-corpo rasgada por ondas violentas, idas ao fundo, deslizem na superfície, fabricação incessante de pele. Tese sobre processos curriculares cercados por políticas que aglutinam as diferenças, movimentos que tentam apagar ou estrangular as singularidades.

Nossa escrita navegou também por marés mansas, buscas por fôlego, potências de alegria que conseguem vencer o esgotamento pela criação de possíveis,

<sup>35</sup> No texto *Vida nua, vida besta, uma vida*, Pelbart (2003) fala da expropriação de várias instâncias da vida pelo poder, reduzindo-a a uma *vida besta*: a vida resumida ao seu mínimo biológico e transformando os viventes em meros sobreviventes.

performances cotidianas. O que marca as entradas de cada estrato são marés e ventos que nos atravessaram, portanto não estabelecemos começo e fim. Maré só se faz a partir dos ventos, de seus afetos. Não organizamos a tese em capítulos previamente pensados, mas em provocações, em platôs, estratos de peles que se formaram a partir de acontecimentos que nos perpassaram a pele no decorrer desta escrita.

Assim, partimos da performance não como um conceito estanque, mas como um movimento composto por diversas formas, como o borramento de fronteiras (SCHECHNER; ICLE; PEREIRA, 2010), desmonte de mecânicas clássicas e a desconstrução da representação (FABIÃO, 2011). Processos ligados à vida, não uma vida encenada, para uma vida para a qual nunca estamos preparados (AGRA, 2012), como a oportunidade de rasurar o que está posto (BOM-TEMPO, 2015). Espaço de variação entre vida e arte. Uma vida artistada, não treinada (CORAZZA, 2013). Uma vida para a qual nunca estamos completamente preparados, pelo contrário, uma vida marcada pelo inacabamento e infinitude.

Argumentamos sobre as performances como escapes, proliferação de singularidades, afecções a partir dos encontros, resistências que se rabiscam de acordo com os ventos. Os capítulos-movimentos perpassam pistas de invenções e produções dos encontros. Podemos, então, falar dos atravessamentos desta escrita onde insurgiram sutilezas cotidianas nas performances para problematizá-las como algo da ordem do devir.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Pensamos nas performances como exercício de pensar a escola e um currículo como um eterno tornar-se.

Performances irrompem nos “E se?...” para pensar nas saídas das estratificações e fugas das significâncias impostas ao currículo e às suas relações, numa tentativa de evocar a potência das produções coletivas nas criações de mundos mutantes, temporários, que abrigam uma infinidade de singularidades. Pensamos a partir dos “E se?...” para ressaltar um campo problemático povoado por variações contínuas que desencadeiam a potência de agir (DELEUZE, 2000).

Uma tese-mar de problematizações provocadas por obras de arte, raps, funks, bagunças, artistagens que fazem do campo problemático um acontecimento produzido nos encontros (CLARETO, 2011). Um campo que resiste e enfrenta modelos, hegemonias nos métodos de pesquisa, campo metamórfico, marcado, especialmente, pela resistência aos processos instituídos de pesquisa, aos modos-bolha de existir. “Resistência monstruosa, híbrida. Sem saída. Sem entrada. Só entre” (CLARETO, 2011, p. 23).



Em um campo que resiste inventando águas, rabiscando, rasurando fazendo novos rios, novos lagos, como nos versos da poeta:<sup>36</sup> “Chuva no lago, cada gota, um lago novo”. Campo-travessia que se faz no *intermezzo*.<sup>37</sup> É um campo-entre, campo-acontecimento: Acontecimento. Singularidade. Invenção de si e do mundo. Campo que se faz onde as coisas ganham velocidade (DELEUZE; GUATTARI, 2010), portanto multiplicidade em meio a planos de composição. Essa multiplicidade nos dá a chance de suspeitar dos discursos que atribuem aos documentos curriculares oficiais a possibilidade de apagamento da diferença que se manifesta nos cotidianos escolares. Queremos ressaltar que, dada a multiplicidade das composições que emergem nos rizomas, o desafio é pensar esse corpo como devir, perseguido por marcas dessertorializadas, composto por blocos, multiplicidades, intempestividades. Afetado pelos ventos, ou seja, não há como e nem por que sabê-lo. Apenas vivê-lo com invenção que é mais intensa energia das resistências, pois é no ato de criar está a própria pele nova.

Novas disciplinas são criadas pelo currículo estabelecido oficialmente: Projeto de Vida e Orientação de Estudos. Pensa-se, com uma política que vem de baixo para cima, em endireitar o jovem e direcioná-lo a ser alguém, ou a acreditar no futuro, as dúvidas serão sanadas pelo conhecimento entregue pela escola, fruto de um sistema que promete descobrir ou desvendar os mistérios da dúvida. Vemos aí a ideia de *desvelar* ou *dar visão*, influências da Pedagogia Crítica e de um projeto de mudança social. Trata-se, portanto, de uma retomada da proposição de Dewey (*apud* LOPES; MACEDO, 2011) que preconiza uma escolarização que busque construir condições para que os sujeitos resolvam problemas sociais reais.

Certamente essa é apenas uma das ressonâncias da BNCC: pensar o jovem e investir no discurso de empreendedorismo, lógica de mercado para prepará-lo para

---

<sup>36</sup> Referência aos versos do haikai de Alice Ruiz. De origem japonesa, o haikai é um poema curto, um gênero marcado por não só pela forma, pelo o extermínio do eu, terminado, muito frequentemente, em hífen ou reticências.

<sup>37</sup> "Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 37). Faz-se por aliança, escapa da primazia do verbo ser e é tecido pela conjunção 'e... e... e...'. Gagajante, é onde as coisas ganham velocidade.

uma vida adulta, diferenciando-se pouco da teorização de Bobbit (*apud* LOPES; MACEDO, 2011), que defendia o currículo como ferramenta de preparação do aluno para a vida adulta e do progressivismo de Dewey (*apud* LOPES; MACEDO, 2011), cujo foco está também nas resoluções sociais.

A despeito de todo o enquadramento que se tenta impor aos currículos e às estratificações a que toda estrutura é suscetível, percebemos que a molecularidade das linhas faz germinar mundos outros, mesmo mínimos, mas que, por entre fendas, fazem-se múltiplos. Não entendemos as políticas como paralisantes, mas ressaltamos que a mobilidade das marés não para, e a cartografia, como já citado aqui, não tem outro objetivo que não seja o vento.

O vento bate em ondas como o Novo Ensino Médio e, em contrapartida, traz também a brisa que alenta, dá fôlego em viveres cotidianos. Por instância, numa sala de professores, alguém diz:

*- Por isso que eu gosto do ensino médio, eles vêm com braço tatuado, cabelo colorido, penteado diferente, você dá uma ideia e eles inventam o resto.*

Inventar a pele que faz múltiplo,<sup>38</sup> um currículo, rasurado, mar aberto que não comporta redundâncias, como mapa. Quando Deleuze diz que o mapa é uma questão de performance, ele nos ajuda a pensar o currículo como um mapa,

aberto como o mar movente diante das estratificações que se estabelecem sobre ele.

Então, vimos afirmar um currículo no qual o múltiplo se torna substantivo, destitui a



Fonte: Arquivo de pesquisa

<sup>38</sup> A multiplicidade, para Deleuze (2011), não tem sujeito nem objeto, somente determinações, grandezas que podem crescer.

relação com o uno e resiste, involuntariamente, às estratificações e arborescências por linhas de fuga.



**Arquivo de pesquisa.**

Um currículo onde se desfazem dualismos, traçam linhas de fuga, entre o emaranhado de linhas por meio do qual se pretende planejar, estratificar, modelar, ter um norte. Apostamos nas criações cotidianas do novo para desfazer os dualismos de dentro, traçando a linha de fuga que passa entre. Nossa pesquisa sublinha um ensino médio que lateja percorrendo fugas, como um “[...] estreito riacho que não pertence nem a um nem a outro, mas os leva, a ambos, em uma evolução não paralela, em um devir” (DELEUZE; PARNET, 1988, p. 29).

Um currículo pensado na lógica da diferença e da multiplicidade que faz devir, é tecido na pele que está sempre na fronteira, sobre a borda de uma multiplicidade, faz devir, traça uma linha-entre.

As peles das performances inventam correntezas. Modos e jeitos de ser que nascem e mareiam a escola e fazem, uma pele vibrante. Desses movimentos de um currículo composto com e pela juventude, escorrem um devir-pele: um estar-sendo-criança-adulto, uma mistura, o devir- jovem, devir-criança de cada idade. Extratos de peles e fluxos que escapam a dualismos e fazem a pele que passa entre e perfaz uma luta a favor da vida em sua multiplicidade e em sua força de variação.

Ser jovem. Extrapolar forças invisíveis e evocar a possibilidade de não de se fixar, de não ter terra, ser pele momentânea. De não ter chão. Não se instalar e produzir um modo de ser de desapego, um estado de liberdade, uma recusa à referência em direção a uma dissolução em benefício das diferenças de dinâmica.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Assim, acreditamos na potência de um currículo que descama a escola ao brincar de experimenta a liberdade: cria mundos, inventa modos e joga o jogo da vida. Um currículo que cria suas linhas de liberdade. O devir-pele se faz resistência às forças da representação pela que se forma tatuada pela a mudança como característica

fundamental da própria vida, como a própria vida das coisas. Rasurar a pele como via de escape, livre justamente por que não é fixo a uma identidade.

## À FLOR DA PELE... TEIMAMOS EM NÃO MORRER

### À flor da pele:

Momento em que as emoções superam a razão,  
em que os sentimentos brotam como o suor que sai da pele.

Além de viver, tem sido preciso, a todo tempo, especialmente para a juventude periférica, tentar não morrer. “Reconhecer no inferno, o que não é inferno.” Seja pelo sufocamento da atmosfera fascista, seja pelo racismo, pelo feminicídio, pelo negacionismo, pelo ódio e violência que têm produzido diferentes mecanismos de diminuição e anulação de potência da vida.

É preciso abrir rasgos de ar, desarranjar a estrutura necropolítica do Estado, criando nossa própria pele. Pelos poros, um currículo pode formar seus bolsões de vida. A arte, talvez seja uma das mais potentes nascentes de possíveis, porque resiste (DELEUZE, 2010a). Pelas peles da performance como aposta de vida curricular, é possível seguir em frente de mãos dadas até que a arte nos assalte e nos faça acreditar na vida não idealizada, mas em cada vida pensada como *uma vida*. Embora os golpes de morte sejam constantes, há movimentos nos currículos que nos fornecem um balão de oxigênio.

[...] se é bem evidente que os poderosos urdem *complots* para preservar e estender as suas posições, não é menos certo que *por todo o lado se conspira* – nas entradas dos prédios, junto às máquinas de café, nas traseiras dos kebabs, nas ocupações, nos ateliers, no decurso de um passeio, nas noites, nos amores. (COMITE INVISÍVEL, 2016, p. 12).

Juntos, nossas conspirações reverberam peles que dificilmente seriam produzidas, se estivéssemos isolados, como na lógica capitalista, quando nos tornamos presas fáceis para o poder fascista. Para o governo, a juventude precisa se ocupar, como se bastasse uma única política para frear o genocídio da juventude pobre. Como nos convites do programa Ocupação Social:<sup>39</sup> “*Nada de morrer*

<sup>39</sup> Em 2017, o programa o Ocupação Social foi lançado pelo Governo do Estado do Espírito Santo, articulado com a sociedade, o setor privado, que promove atividades elaboradas para o jovem,

*esperando*”, “*Foco, fé, perseverança, se ocupar na esperança, pra chegar lá*”. A proposta é promover uma política de resgate e inclusão voltada para os jovens do ensino médio, especialmente aqueles que vivem em áreas consideradas de risco social.

Certamente são necessárias as políticas públicas, como o programa Ocupação Social,<sup>40</sup> que tem como principais objetivos diminuir a taxa de homicídios de jovens, reduzir o abandono escolar e aumentar o percentual de meninos e meninas estudando e/ou trabalhando.



Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=GyODjBdfppE>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Todavia, tememos que eles apostem equivocadamente na utopia de um mundo ideal, que sabemos que a maquinaria capitalística segmenta e hierarquiza. Tememos que as fórmulas desses programas tenham como fundo um ideal de vida unificador e, pior ainda, tracem modos de ser na ideologia de que “depende de mim”, como se a

imanência e os encontros fossem previsíveis, ou seja, como se o ponto de chegada existisse, fosse certo e idêntico para todos, embora o meio tenha sido diferente.

Entretanto acreditamos que os trasbordamentos necessários por vida só acontecem pelo movimento, especialmente a partir da arte, dos encontros com signos (DELEUZE, 2010b) que não estabelecem parâmetros e comparações. Produzem excessos por onde escapam, performances por sopros de ar que movimentam

---

morador de áreas de alta vulnerabilidade social, com baixa renda e marcados pela violência urbana. O programa é coordenado pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos (SEDH). Tem como objetivo a promoção e a defesa de direitos humanos e traz como público-alvo: crianças, adolescentes e jovens, com idade entre 10 e 24 anos, fora da escola ou em distorção idade-série e residentes de 26 áreas consideradas críticas na região da Grande Vitória. (Disponível em: <https://sedh.es.gov.br/Tags/Ocupa%C3%A7%C3%A3o%20Social>. Acesso em: 14 nov. 2017).

<sup>40</sup> Ao lado, o QR code traz a divulgação do programa Ocupação Social.

marés, as quais nos possibilitam acreditar em outros mundos, singulares, capazes de tecer redes solidárias.

*- Nós conhecemos as políticas pra escola pública, ou melhor ouvimos falar delas. Porque é mentira achar que vamos ler e estudar com a carga horária de 25 horas de 7 planejamentos! Mas eles conhecem o que fazemos aqui? Duvido”.*

*- Esses programas são um jeito que eles dão de fazer a gente pensar que realmente querem ajudar o jovem. Gastam milhões com propaganda, mas não querem saber o que é feito nas escolas.*

*- “Não é só um vídeo. Na aula quando um aluno disse que “existe racismo ao contrário”, começamos a conversar. Essa frase gerou uma discussão. Ouvimos todos, pensamos juntos, e daí fizemos o vídeo. Não foi uma demanda de um documento, mas aconteceu a partir do que aconteceu na sala. Isso também é currículo”.*



<https://www.youtube.com/watch?v=9EmGpNb65r8>

Os fragmentos de conversas com os professores sugerem que os efeitos das produções cotidianas que se formam não de uma potência rasteira, cujos efeitos não são capturados e são desmerecidos pela política maior que avalia as escolas pelos números. As peles que as performances e produções fazem não esperam políticas prescritivas, embora fiquem marcadas pelo desmerecimento do Estado, se rebelam pelas criações que nascem da própria vida na escola. Isso nem mesmo a decepção para com o tratamento dado à educação no Brasil detêm: a criação existe, a despeito de toda a tormenta. Confabulamos formas de enfrentar o mundo juntos. A movimentação de outros fluxos no currículo é um exercício ético, estético e político, de modo a potencializar ações cujos efeitos nos façam voltar a acreditar no mundo, não apenas como ação individual, mas também como efeito de forças que



transbordam os limites do prescrito na dimensão das multiplicidades, de linhas de fuga e devir-mundo (DELEUZE, 2010b).

As performances sinalizam um transbordamento que abre peles em busca de fôlego por novos espectros de vida. Apostamos, assim, na potência das performances, acreditando nos transbordamentos pela arte, especialmente quando movimentos como a Base Nacional desqualificam a diferença e a variação. Então, é crucial assumir a dimensão artística da vida como invenção para criar nossas políticas cotidianas pelos fluxos da arte.

Em uma atualidade em que o mundo expressa forças individuais, sociais e políticas, temos respirado ares cada vez mais rarefeitos. Com já mencionamos no início dessa tese, o obscurantismo pautado em princípios antidemocráticos, excludentes, privatistas e autoritários tem incentivado cada vez mais o ódio e violência. Entretanto, rasteiramente, é pelo meio que as coisas ganham velocidade. Contra o ódio, a arte. Música, AmarElo na aula.<sup>42</sup>

Não era mais preciso pedir silêncio. A voz, o som, as cores, fazem um silêncio vibrante em olhares. Trabalhar a intertextualidade, o trocadilho e a paródia. Mas, enquanto paira o silêncio, experimentamos as sensações e criações que só a arte, já dizia Deleuze (2010), é capaz de despertar.

*- Quero trabalhar o título AMARELO e ver a simbologia, o que amarelo representa e fazer uma ligação, essa empatia com o intertexto do Belchior, seria trabalhar o título Sujeito de sorte, que tem uma ironia em relação à letra da música... Sinal de trânsito... atenção com a vida, mas vi lágrimas nos olhos, eles ficaram tocados. A gente sempre fica com receio desses assuntos, é delicado, envolve muita sensibilidade.*

---

<sup>42</sup> O rap AmarElo (EMICIDA, 2019) traz um *sample* de **Belchior**, em uma versão cantada por Emicida, Majur e Pablo Vittar. Inspirado em Belchior, o *rapper* Emicida lança uma obra cuja intenção é, segundo o próprio, oferecer “[...] um abraço, ir por um caminho afetuoso e trazer um pouco de calma ao cidadão comum”. Oferecer palavras para as pessoas se abraçarem e se sentirem abraçadas, em um tempo em que, como diz o artista, estamos “desconectados demais”. (Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/reportagens-especiais/emicida-tem-um-sonho-acalmar-os-animos-do-cidadao-comum-com-seu-novo-disco/#o-que-e-o-album-amarelo?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 set. 2019).

*- Eu sinto que uma atividade assim encoraja, dá uma força pra eles realmente enfrentarem tudo que um jovem pobre passa. Pra mim isso é muito importante, mas do que a língua em si.*

Agregar forças de uma juventude que vive e sofre o genocídio cotidianamente no Brasil. Enfrentar mortes que, para além dos noticiários, estão muito próximas. Perdemos mais uma vida para um sistema cruel e genocida. Suspiro de cansaço. O nocaute diário requer fôlego para continuar <sup>43</sup>.

### **Jovem de 18 anos é morto em Cidade Continental, na Serra, ES**



Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/edicao/2020/01/18/videos-es1-de-sabado-18-de-janeiro.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Pensar com o rap. Cantar, fortalecer laços para enfrentar, porque, com sugere o *rapper em Amarelo*:

*[...] o mesmo império canalha que não te leva a sério*

*Interfere pra te levar à lona. Revide!*

*(EMICIDA, 2019).*

<sup>43</sup> Em 2019, um aluno a escola lamenta mais uma morte de aluno por assassinado. (Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/estv-1edicao/videos/t/edicoes/v/jovem-de-18-anos-e-morto-em-cidade-continental-na-serra-es/8247279/>). Acesso em: 16 de novembro de 2019.

Em tempos sombrios, somos cotidianamente tragados por violências, retrocessos, afirmação de preconceitos, de escamoteamento de formas de existência nesse mundo. Valorizar a força da arte como resistência em frente aos mecanismos de diminuição das vidas e apostar nos encontros com os signos da arte traz de esperança, e fortalece a aposta em uma alegria cujos efeitos não nos deixam esmorecer de tristeza. São signos capazes de cortar mundos, romper com o tempo e fazer pensar em bifurcações diante do assombro.

*Na sala de aula:*

*POLICIAL (anda pela sala de aula):*

*- Bom dia, licença, professora!*

*- Quantos anos você tem cidadão?*

*-18*

*- Você sabe que você tinha que estar à noite né?*

*POLICIAL SAI EDUCADAMENTE, OS ALUNOS CONVERSAM:*

*- Viu arma dele? Toda enferrujada.*

*- Lá na boca tem uma muito melhor. Deixa ele...*

*\*\*\**

*Surge uma fofoca:*

*- Amanhã o irmão do XXX vem aqui acertar as contas como o YYY.*

*POLICIAL:*

*- Ok, Amanhã a gente volta, pra ensinar pra esse menino que o lugar da língua é dentro da boca.*

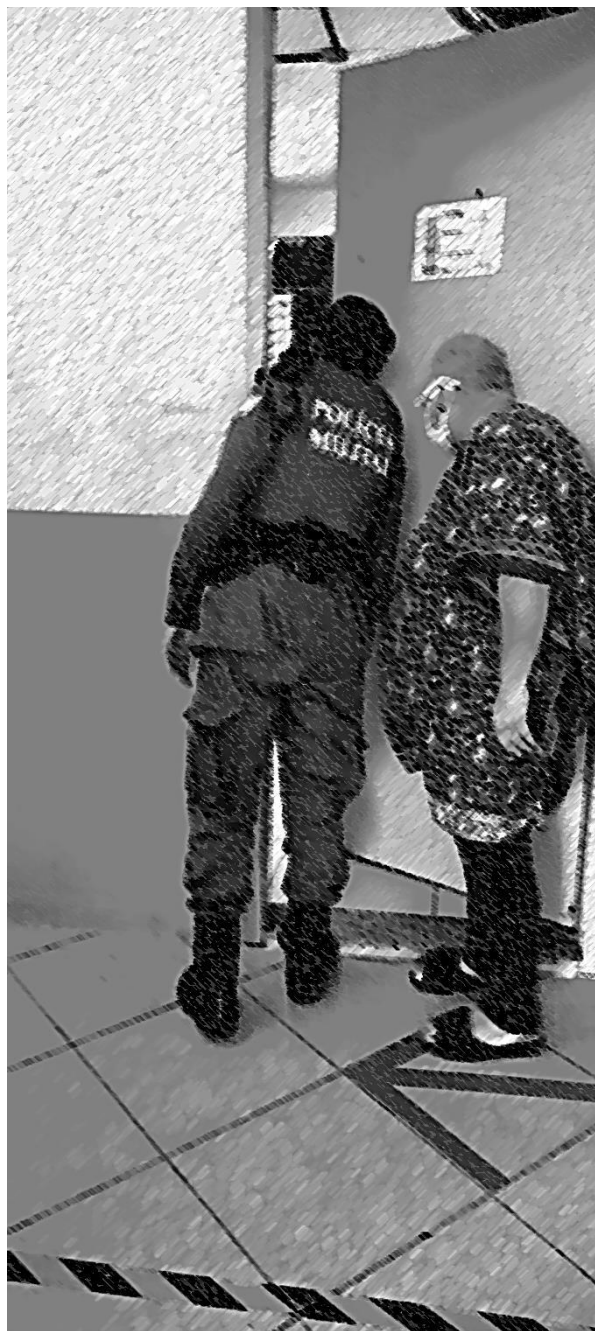
*- Fica difícil entender polícia na escola. Os que vêm são legais, mas farda é farda.*

*- E o pior é que a gente nem se espanta mais, muito menos os alunos. Mas quando eles passam ninguém fica tão à vontade. Nessa hora é que o rótulo da escola "pública" conta: o que eles têm que os da escola particular não têm? Porque não tem patrulha escolar pra*

*conversar com os pais na escola particular? Isso é preconceituoso, um absurdo. Os problemas em potencial da sociedade estão só aqui? É o mesmo que acontece nas comunidades, aqui eles só disfarçam, mas apronta pra você ver.*

*- Aqui, eles (os policiais) são nossos colegas, e bons colegas. E a gente sabe que tem gente aqui que se der brecha vai aprontar.*

**- Todo mundo morre. Polícia também morre. São tão ferrados, como a gente.**



Fonte: Arquivo da pesquisa.

**A pele ainda respira.**

HEY JOE

(O Rappa)

Onde é que você vai

Com essa arma aí na mão?

Hey Joe

Esse não é o atalho

Pra sair dessa condição!

Dorme com tiro acorda ligado

Tiro que tiro

Trik-trak boom

Para todo lado

Meu irmão, é só desse jeito

Consegui impor minha moral...

**Eu sei que sou caçado**

**E visto sempre como um animal**

Sirene ligada os homi

Chegando trik-trak

Boom boom

Mas eu vou me mandando

Hey Joe

Assim você não curte o brilho

Intenso da manhã

Acorda com tiro dorme com tiro

Hey Joe

O que o teu filho vai pensar

Quando a fumaça baixar

Fumaça de fumo  
Fogo de revólver  
E é assim que eu faço  
E faço a minha história  
Meu irmão, aqui estou por causa dele  
E vou te dizer  
Talvez eu não tenha vida  
Mas é assim que vai ser  
Armamento pesado  
O corpo é fechado  
Eu não quero é mais ver  
Mas vai ser difícil me deter

**Hey Joe**

**Muitos castelos já caíram**

**E você tá na mira**

Também morre quem atira

**Menos de 5% dos caras do local**

**São dedicados a alguma atividade marginal**

**E impressionam quando aparecem nos jornais**

Tapando a cara com trapos

Com uma Uzi na mão

Parecendo árabes árabes árabes do caos

**Sinto muito cumpadi**

**Mas é burrice pensar**

**Que esses caras**

**É que são os donos da biografia**

**Já que a grande maioria**

**Daria um livro por dia**

**Sobre arte, honestidade e sacrifício**

**Sacrifício...**

**Arte, honestidade e sacrifício**

Também morre quem atira...

Escapar pelos poros da arte, criar uma nova pele por afetos, linhas de forças que atravessam, e violentam os signos envolvidos nos encontros agenciados por imagens em performances, especialmente quando incorporamos a máquina de Estado. Linhas e peles duras e moles se misturam. Medos e afetos insurgem. “Afim são ‘os homi’”. Armados. Treinados. Andam pelos corredores. Conhecem as pessoas, perguntam como estão. Vigilâncias que temporariamente paralisam, mas não estancam vazamentos pelos poros.

### **É possível que a pele respire em meio a tanta opressão?**

As linhas se confundem. A pretensa diluição da dureza que a farda representa evoca uma leveza nas relações que se fazem na escola, apesar de ser a Polícia Militar. O controle do Estado sobre a população periférica nos machuca. Chora a pele. Mas essa mesma pele inventa.



Nossas criações nos fortalecem e povoam a escola com possíveis, com alianças e um “estar junto” que não deixa a força bruta, também cotidiana, nos paralisar. Cantemos nossos rap, criemos nossos duelos. É importante, assim, fortalecer nossos elos, para que as ondas grandes, ainda

que

avassaladoras,

não provoquem pequenas mortes, não matem nossas peles e sonhos cotidianos. Façamos nossos revides, artistando o currículo, violentados pelo pensamento (DELEUZE 2010b), que cria um currículo que inventa e produz revides diante dos movimentos que matam todos os dias.



*- Eu vejo que, com as feiras, festivais e projetos que acontecem fora da sala de aula, a escola ganha um clima diferente, eles convivem com as diferenças, e aqui não têm vergonha, parece que aqui é o lugar que eles podem ser eles.*

*- A escola tem que investir nisso, de reforçar que não existe uma forma única de ser, porque o aluno da escola pública não vai enfrentar os problemas á na frente, pra eles isso vem desde criança. É a escola sim que tem que fazer esse trabalho, porque nem sempre as famílias trabalhadoras dão conta disso, porque estão correndo atrás de comer e morar.*

As performances como pele, produzidas nos currículos indicam uma forma de reivindicar uma vida e formar uma colaboração coletiva para o enfrentamento das violências. Potencializa-se, a força do afetar e ser afetado nos encontros. É uma forma de investir na potência coletiva que sutilmente desloca o poder, frustrando uma a uma todas as suas manobras. Nossas criações são golpes de vento, pelas inventadas, quando a calmaria fascista insiste em nos uniformizar e coagular as singularidades.

Pelos signos da arte (DELEUZE, 2010b), imateriais, saímos de nós mesmos, tateamos, experimentamos, contemplamos outros mundos. Daí, a superioridade desse signo em relação aos outros: fazer expandir, fortalecer experimentações, fazer um currículo transbordar. Somente a arte tem a capacidade de exprimir a essência como unidade do signo e do sentido, algo que não é apenas individual, mas produzido singularmente.

*Só a arte, no que diz respeito à manifestação das essências, é capaz de nos dar o que procurávamos em vão na vida*  
(DELEUZE 2010b, p. 39)

Assim, a essência, entendida como diferença pura é consequência da forma como encaramos o mundo. Cria mundos que preexistem aos indivíduos e singulariza as essências. Portanto, o conceito de essência em Deleuze expressa na verdade um processo de diferenciação. Pela arte podemos sair de nós mesmos, contemplar mundos além dos nossos, passear pela multiplicação desses mundos.



A força dos signos artísticos,<sup>44</sup> em tempos de embrutecimento dos afetos, produz reverberações que nos ajudam a resistir em frente à barbárie e inventar um currículo em obra de arte. Com as performances, pensamos na importância de fortalecer os movimentos que fazem os currículos transbordarem pelas por entre multiplicidade e diferença, com a coexistência de linhas molares, moleculares e de fuga, para lembrar que nem tudo está dominado neste mundo, especialmente quando os signos da arte reagem sobre todos os outros.

As performances rabiscadas em busca de fôlego de vida trazem para os currículos. O mundo da arte e faz valer a força dos signos na produção de mundos possíveis e plurais, onde a diferença seja uma característica que ajude a ressaltar que outras virtualidades são possíveis em meio ao assombro, pensa a professora:

*- A música traz uma mensagem de resiliência, perseverança, lidar com os problemas da vida, vencer a depressão. E o clip é tão bonito que ele faz de uma forma que não te deixa pra baixo. A vida é assim, é essa que a gente tem, então o que a gente faz com isso?*

Assim, é preciso abrir a pele para passar um pouco do caos com a arte mostradora e inventora de afetos, capaz de acrescentar novas variedades ao mundo (DELEUZE, 2010b), capaz de elevar as percepções vividas e nos desviar da lógica da inclusão em um mundo ideal.

Performances que rasuram currículos atravessados por acontecimentos e hecceidades. São movimentos que compõem espaços de afectos, traduzem os estriados, produzem fruições, devires, acontecimentos, ou seja, são a arte de viver provocando reviravoltas provocadoras de vida, de invenção e fuga

*- A gente vê que nosso aluno passa por racismo, homofobia, mas aqui eles não têm vergonha de ser quem são e são adolescentes.*

---

<sup>44</sup> Deleuze (2010b) afirma que os signos constituem diferentes mundos. Além dos signos da arte, existem também os signos mundanos, que são vazios; os signos do amor, que são mentirosos e os signos sensíveis que são materiais. Contudo, é somente no nível da arte que as essências, entendidas como diferenças absolutas, são reveladas.

*Não é em toda escola que isso acontece. Eu acho que é isso que eles encontram, acaba sendo um mundinho.*

*- Ensinar hoje e conseguir fazer uma escola legal, que quando o aluno chega ele quer ficar porque é bom estar aqui, porque isso acontece? Porque a gente não dança conforme a música, a gente dá o tom da música, é diferente. A gente vive num mundo em que acontecem coisas. Só isso já dá um movimento de todo dia ser diferente.*

O arrasto que não se segura. Uma pele surgida de onde se espera o esvaziamento. Devir, movimento, velocidade, excessos, quando as coisas se tornam potentes (DELEUZE, 2010b). A arte atua com a finalidade de rastrear, no interstício de um pensamento não conceitual, os traços da diferença como estratégia política, pois, a ela é o procedimento por meio do qual o sujeito se relaciona com a intensidade dos afetos.

Um currículo que se cria artísticamente formas existências e instaurando um modo de resistir, redistribuindo performances nos cotidianos. Tomados por um *devir minoritário* (DELEUZE, 1997) ao qual todos estamos, de certa forma, assujeitados. Um povo minoria que “[...] não tem modelo, é um devir, um processo” (DELEUZE, 1998, p. 218). Arrastado por caminhos desconhecidos, num desmanchamento de subjetividades e mundos. Mesmo quando um sistema maior tenta, a todo curso, arquitetar uma maioria, o povo é sempre uma minoria criadora.

Afirmamos, então, um currículo como espaço de luta que irrompe performances que investem no respeito aos mundos próprios, nas composições e variações. São mecanismos que potencializam a constituição de corpos mais potentes, e aberturas repletas de afetações recíprocas. Assim, traçam velocidades e lentidões, contágios, proliferação, pensamentos, trocas, encontros, nomadismos e variações.

A peles de uma performance que fazem um currículo que coloca signos em devir, mobiliza em busca de produzir sentidos, por meio de sons, músicas, cantos, arte, ou nas linhas que se cruzam para a produção de formas-outras. Currículo-povo que compõe uma espécie de rearranjo de corpos e signos, criando outras

performances, novas relações, estranhamentos e estrangeirismos. Linhas de fuga (DELEUZE, 1998; 2012c) que furam as segmentaridades duras e as subjetividades fixadas num currículo, numa aula, em um plano de imanência, em um plano de corpos criados.

Se pensarmos as performances como expressão de uma inesgotável singularidade, podemos afirmar que elas constituem um processo processos que detonam realidades vivas e complexas. Trata-se de um processo destituído entre o singular e o coletivo, que rascunha a diferença e nos lança em devires (PELBART, 2013), em relações em um campo em que o todo, aberto ao tempo que cria eventos singulares, cria performances cotidianas que trazem os efeitos do mundo nos corpos, na pele, anunciando, nos currículos, os possíveis de criação (CARVALHO, 2019).



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nosso espaço de criação é um poro de vida. Pequeno, potente e mutante. Retomamos Deleuze (1990) para lembrar que a arte resiste às mortes de cada dia, mortes que se (re)criam como forma de resistência, sobrevivência ou revide para produzir o novo, para criar novas formas de viver. Saturar o medo e a tristeza, abrindo fendas com a arte, enfrentando juntos, reflete a professora que aposta nas visitas e exposições e acredita que algumas sensações só são disparadas ali, naquele momento, como diz a professora sobre uma visita a uma exposição de arte:

*- Professora eu tô tão emocionada por estar dentro da obra de um artista.*

*- Chorando ela me abraçou. É outra coisa estar diante da obra de arte. Esta fruição da obra de arte só acontece ali naquele momento. Agora a estética do dia a dia a gente vai fomentando.*

“Só acontece ali”, efeito de uma educação que se pulveriza, produz linhas que se desmancham e que se fazem outras, abrindo a mundos inesperados. Trata-se de uma potência que não se descreve ou narra. Apenas sentir, o olhar, a emoção, a fruição, que nenhuma prescrição curricular traz. Um movimento-ventania que toca pele no instante de contemplação, “estar dentro da obra”, quando se vê já foi, para apenas uma névoa sobre uma pele nova.

Currículo-pele no qual falamos, silenciando corpos que afetam e são afetados. Currículo repleto de aberturas a criações imprevisíveis de novas velocidades e outras intensidades, que apresenta performances que cotidianamente rompem campos predefinidos da vida e gestam devires. Corpos em relações nos espaços escolares, que são continuamente pressionados a produzir afecções que alterem suas potências no espaço molar e, molecularmente, criam novas performances. É possível e necessário produzir linhas que de movimentos ousantes, que desfazem a pele que nos impõem. É com a pele machada que recomeçamos a nova pele.



Fonte: Arquivo da pesquisa.



Body painting - Gesine Marwedel

Cada poro é uma insistência nova..

## É 2021, A PELE CANSADA CONTINUA NASCENDO DE NOVO

*“Não basta tapar o buraco. No meio da cratera é preciso tudo inventar”*

(MBEMBE, 2020)

O ar ainda é raro em 2021. Somos sufocados por anos de negligência organizada com o sistema público de saúde. Faltam leitos, balões de oxigênio, máscaras e o número de testes foram insuficientes no período mais crítico da pandemia<sup>45</sup>. Colapso em Manaus. Assistimos à “coincidência trágica” da votação da PEC do voto impresso com o desfile de carros blindados das Forças Armadas<sup>46</sup> promovido pelo presidente da república. Como se não bastassem os contínuos ataques a territórios indígenas, os povos originários lutam contra a votação do marco temporal. Não há paz.



FOTO: Bruna Carolli

<sup>45</sup> No início de 2021, o Brasil foi fortemente afetado pela segunda onda de contágio da Covid-19. No ápice do colapso, faltou oxigênio líquido por negligência da administração pública. Somente de janeiro a maio foram 227 mil mortes, superando todo o ano de 2020. <https://www.poder360.com.br/coronavirus/numero-de-mortes-por-data-real-por-covid-em-2021-ja-supera-o-de-2020-inteiro/>

<sup>46</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/10/demonstracao-de-fraqueza-esvaziado-desfile-militar-de-bolsonaro-vira-piada-nas-redes-sociais>.

As performances que percorremos em nosso campo demonstraram o quão impraticável é a aposta em uma política de currículo pura, estável e contínua. O movimento de invenção de sentidos das performances constitui-se como uma opção política que assume as contradições, dissonâncias e variações. Como invenção, a performance traz possibilidades infinitas do jogo da proliferação contra a ortodoxia. Contra a fixidez das políticas e reformas, esses movimentos evidenciam uma investida nos limiares, e em uma política de vida necessária para afirmar que esses espaços fronteiros e não mapeados, são fonte de criação.



Fonte: Arquivo de pesquisa.

Esses movimentos sinalizam também, a necessidade de compreendermos a efemeridade e pensar o currículo por suas peles inventadas e por seus poros, considerando que falta às políticas normativas, acreditar no mundo (DELUZE 2013).

É 2021 e a névoa do fascismo ainda nos ronda. A série de “inacreditáveis” parece não ter fim. Os movimentos que acompanhamos sinalizam que novos modos de respirar são inventados na composição de um currículo. Ainda que tentem nos tirar o



direito ao ar, resta-nos, a criação de uma pele pela qual insurge a necessidade de começar de novo, como uma estratégia de criação de variados mundos (ROLNIK 2007).

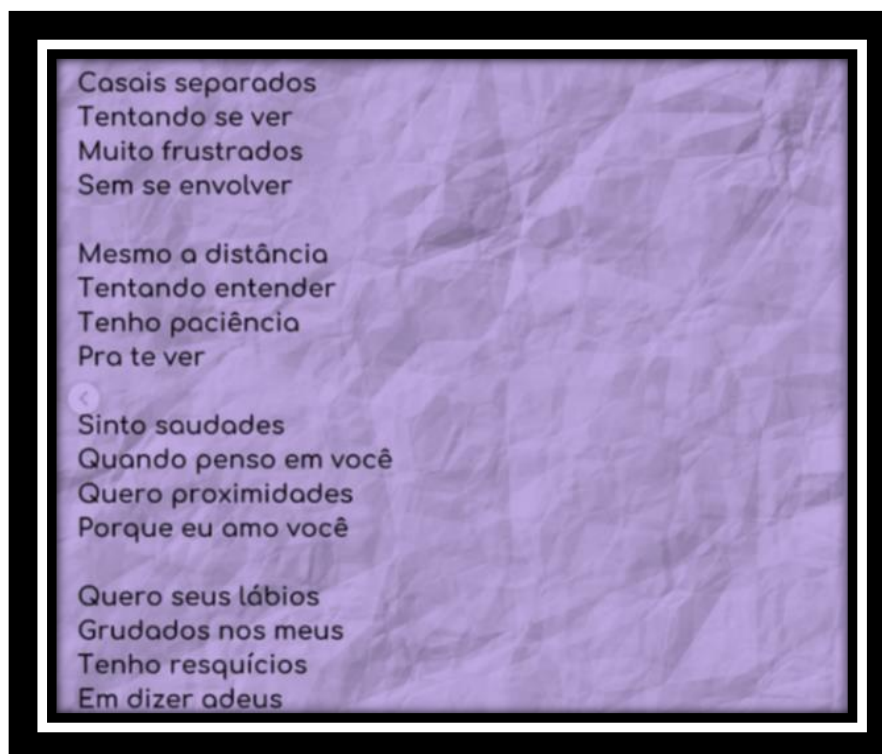
As peles performances que esta tese atravessou nos deram pistas de que rasurar um currículo pode ser estratégia de escape em busca de fôlego e da potência criadora de uma escola. Um currículo rasurado, mais do que um mundo específico criado, é uma estratégia vital de para criar outros currículos.

*“É preciso ainda compreender a respiração, para lá de aspectos puramente biológicos, como aquilo que nos é comum e que, por definição, escapa a qualquer cálculo. Falamos, assim, de um direito universal de respiração.”*

(MBEMBE, 2020)

A evasão escolar durante a pandemia continua com números acentuados. Distanciamento, falta de “contato”, os encontros que não aconteceram, o medo de pegar uma doença. Depressão. Solidão. Propor a passarmos juntos pela arte e escrever poemas que surgiram a partir da inspiração através de uma pintura. “Os Amantes” em nova pele criada para atravessar desertos, e juntos, agregar forças, viajar na arte e para mais que suportar, criar novas existências diante das imposições pandêmicas.





Explorar as produções de um currículo em devir, cujas peles, poros, rasgos, rugas, e porosidades não podem ser meramente reproduzidas, idealizadas e escapam ao institucionalizado. As performances se apresentaram aberturas e possibilidades ao invés de propor estagnações conceituais. Respirar pela poesia nesses tempos em que a dureza racha a pele.



*- Você acha que um governo que coloca professor de mais de 60 anos e diabético em sala sem vacina se preocupa com a vida da gente?*

A respiração continua sendo um desafio. É no movimento da escola que essa pesquisa afirma a performance como afirmação de uma vida que quer respirar a despeito de tudo que tentem contra nós. O movimento da pele que se forma e deforma é própria vida implicada na potência criadora da alegria política e insistente.

Portanto, para este tese, as performances são da ordem do devir porque se apresentam como linhas de fuga frente ao modelo representativo, uma vez que elas acontecem na ruptura e propõem um caminho entre. É possível pensar no que acontece através dessas *forças* micropolíticas que não estabelecem uma luta contra uma força maior, estrutural, mas se compõe com forças múltiplas se metamorfoseando em formas explosões de vidas: performances.

Sentir e potencializar a força política da escola nos possíveis que acreditamos escorrer por entre as performances e nas pulsações vitais nas escolas que desafiam políticas opressoras através das sutilezas nos cotidianos. Tentamos problematizar as performances como forma de afirmar vidas que existem no meio das relações e desviar das discussões que dicotomizam a relações curriculares entre macro e micro e desconfiar das categorias.

A potência micropolítica ativa da performance evidencia a potência de vida em cada pele, num processo de construção da realidade imersa em forças e desejos agenciados. No emaranhado do cotidiano, quanto mais forças se engendram, mais agenciamentos se compõem (ROLNIK 2007), assim, as performances nos sugerem que não se podem agenciar todos os desejos porque a vida cotidiana é mais forte do que dimensões impositivas.

Nossa aposta ética- estético-política é pensar as performances como processo micropolítico, que permite se reapropriar da potência vital e desenvolver o *saber do corpo*, o saber da nossa condição de vivente (Rolnik, 2007) e deixar fluir a germinação de outros mundos. sentir e potencializar a força política da escola nos possíveis que acreditamos escorrer por entre as performances e nas pulsações vitais nas escolas que desafiam políticas opressoras através das sutilezas e sopros.



## Em tempos de coronavírus - Nicolli 2m1

Uma das coisas que eu nunca imaginei é que eu sentiria saudade da minha chata e cansada rotina: acordar às 5h todos os dias, tomar banho para ir à escola, ficar lá e escutar os professores falarem todos os dias sobre algumas coisas que eu sempre acho que serão úteis para mim... sair 12h20min. correndo para pegar o ônibus e trabalhar, chegar na empresa e carregar papelada para todos os lados naquele galpão enorme... ainda mais porque infelizmente não tive a oportunidade de me despedir dos meus colegas de trabalho, pois meu contrato acabou logo nessa pandemia.

Minha rotina em meio a essa pandemia do covid-19 está sendo basicamente acordar, tomar café, ajudar minha mãe a limpar casa, mexer no celular, ver filme e fazer dever em alguma hora do dia. Eu, particularmente, nunca gostei de rotina EM CASA, por isso não estabeleci um horário certo para estudar e fazer as atividades. Essa coisa de atividades em casa é uma das mais horríveis que existem pra mim, por que eu tenho muita dificuldade de entender lendo e não consigo me concentrar em videoaula, por isso estou sempre pedindo ajuda pra algum responsável me explicar.

Infelizmente, vejo pelas redes sociais o descuido de muitas pessoas, vi também que o meu bairro (Colina de Laranjeiras) está em primeiro lugar no ranking de casos na Serra, justamente porque você passa pelas churrascarias à noite e estão lotadas de pessoas... eu acho que as pessoas deveriam ter mais EMPATIA, além da consciência da gravidade dos seus atos.

Eu, há pouco tempo estava na roça (meus pais acharam que seria um bom lugar para ficar em meio a tudo isso); chegamos e uns 6 dias depois descobrimos que nossa vizinha estava com covid-19, o marido dela é um homem bem machista e daquele tipo antigo e rabugento, e ele sempre falava com meu pai (de longe, claro) "aaah isso é besteira, é frescura", então infelizmente tivemos que vir embora por medo desse homem ir lá em casa por exemplo (ele era chegado ao meu pai). É triste, pois uma coisa que acho que todos estão se perguntando é quando tudo vai voltar ao normal, porque por agora o que mais passa na cabeça DA MAIORIA das pessoas é só medo, preocupação e insegurança.



Esses tempos nos forçam a pensar que um currículo aprende a nascer, criar, inventar, se dissecar para nascer outro, todos os dias. Esse é o movimento de uma performance que como pele transita entre dureza, transpiração. Às vezes encharcada, seca pelo vento, insiste, acredita e acorda cedo todos os dias. “É por vocês!”, emociona-se a diretora. Entendemos também, que é urgente estarmos atentos para o fato de que os movimentos e

forças do mundo são constantes e mutantes, existir de novo será sempre urgente, para afirmar a diferença. É o que esses tempos nos exigem. Inventar.

Os movimentos de um currículo como rasura e da performance como pele nos forçam a pensar a urgência abrir novas conexões para pensar a educação por vias menos segmentárias diante do crescimento avassalador de forças destrutivas da atualidade. Ao anunciar uma dimensão desterritorializada do currículo, composto por rupturas que tentam incessantemente paralisar



movimentos criantes, a performance como pele nos instiga a percorrer fluxos de movimentos-outros e seus nascedouros. Tais peles sugerem que é vital engendrar novos espaços e percorrer as microinsurreições e erupções impassíveis de serem fixadas nos essencialismos. Passamos pelos estratos das violências, perfuramos as durezas e vazamos pelos poros cantando, produzindo uma educação vazante.



Foto: Arquivo de pesquisa.

A despeito da necropolítica declarada do Estado, é possível abrir rasgos no currículo que não deixam o jogo da proliferação e da diferença estancar currículos cujas existências são um ato político e desafiam o sistema instituído. Essa tese evoca potência da performance como resistência às forças que cortam as peles que nascem, embora seus fluxos teimem em escorrer pela potência política da rasura de uma pele que embora cansada, satura, morre e nasce outra.

**Rasurar um currículo, abrir os poros, manchar a pele, desafiar a dureza da significância, criar uma performance como pele, e em cada poro fazer um mundo novo, possível.**

## REFERÊNCIAS

ABBEG H, Fabiano. **Movimentos de formação na escola: entre experiências de docência e os ensaios de teatro**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

AGRA, Lúcio. Contra o adestramento: a performance e outros modos de existência. **Campinas: Revista Lume**, v. 2, 2012. Disponível em: <http://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/130/129>. Acesso em: 18 out. 2019.

AMARELO. Intérprete Emicida. *In: AmarElo*. Sony Music, 2019. Faixa 10.

AMORIM, Antônio. C. Deleuze e currículo no intervalo de palavras e imagens. *In: FERRAÇO, Carlos. Eduardo; GABRIEL, C. T.; AMORIM, A. C. (Org.). Teóricos e o campo do currículo*. Campinas: FE/Unicamp, 2012. p. 1-13.

AMORIM. Antônio. C., FERRAÇO. C. E. Micropolítica, Democracia e Educação. **Revista Teias**, v. 18, n. 51, Out./Dez. 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ANDRE, Carminda Mendes. What is school performance able to do?. **Cad. Cedes**. v.37, n.101, p. 83-106, 2017.

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things withg words**. Oxford: Oxford University Press. 1965.

APOLLINAIRE. “Zona” in: *Alcoóis* (edição bilíngüe), São Paulo, Hedra, 2013

BARROS, Manoel. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1993. P. 11.

BARROS, Manoel de. Seis ou treze coisas que eu aprendi sozinho. In.: BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BELTRÃO, Jorge de Lima. **O desempenho das escolas de referência no litoral sul de Pernambuco**. 2014. Dissertação (Mestrado profissional) - Faculdade de Educação/Caed, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

BOM-TEMPO, Juliana Soares. Arte da performance: educação e experimentação do cotidiano. **Paraxale**, v. 1, n. 1, 2013.

BOM-TEMPO, Juliana Soares. **Por uma Clínica Poética: experimentações em riscos nas imagens em performance**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

BONATTO, Mônica Torres. **Professor-performer, estudante-performer: notas para pensar a escola**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BONATTO, Mônica Torres; ICLE, Gilberto. **Entre ensinar performance e ensinar teatro: possibilidades para a educação escolarizada**. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. **Anais**. [ ...]. Florianópolis: Anped, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/DF: MEC, 2017.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. Companhia das Letras, 1ª ed. 1990.

CAON, Paulina Maria. Jogos, *performances* e performatividades na escola: das



experiências corporais à problematização de discursos. Cad. **CEDES**, v. 37, n. 101, p.107-130, 2017.

CARVALHO, J. M. Desejo e currículos e Deleuze e Guattari e.... **Currículos sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 440-454, set./dez., 2016.

CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. **Educação Temática Digital – ETD**, v. 21, n. 1, p. 47-62, jan./mar. 2019.

CLARETO, Sônia Maria. **Na travessia: construção de um campo problemático**. In: CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth A. Sacramento; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da (Org.). Entre composições: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

CONSTÂNCIO, Andrea Nunes da Cruz. **O desempenho dos alunos na transição entre os sistemas da Rede Pública Petropolitana: um estudo de caso**. 2013. Dissertação (Mestrado profissional) - Faculdade de Educação/CAEd, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORAZZA, Sandra. **Pesquisar o currículo como acontecimento**. 27ª Reunião Anual da Anped. Caxambu, 2004.

CORAZZA, Sandra. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre/RS: UFRGS; Doisa, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. Manifesto por um pensamento da diferença em educação. In: CORAZZA, Sandra Mara. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.9-17.

CORDEIRO, Moisés dos Santos. **Sistema de Avaliação do Desempenho Educacional do Amazonas (Sadeam)**: o caso de duas escolas de ensino fundamental do município de Uarini- AM. 2017. Dissertação (Mestrado profissional) - Faculdade de Educação/Caed, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

DAL BELLO E ICLE (2013) **Pode o professor ser um performer?** 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. 2013.

DAMASCENO, Kelson. **Estudo longitudinal de alunos com padrão de desempenho avançado em matemática no avalia-bh/2010-2013**. 2015. Dissertação (Mestrado profissional) - Faculdade de Educação/CAEd, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza e os signos**. Porto: Rés, 1976.

DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: MARTON, Scarlet (org). **Nietzsche hoje?** Colóquio de Cerisy. Tradução de Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. *L' Abécédaire* de Gilles Deleuze: entrevista com Gilles Deleuze. Edição: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, cor. (Transcrição traduzida disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario>. Acesso em: 15 junho 2018).

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

DELEUZE, Gilles. O método da dramatização 1859-1941. *In*: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002a. p. 112-140.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Educação e Realidade**, v. 27, n. 2, p. 10-18, jul./dez. 2002b.

DELEUZE. **Espinosa**. Filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002c.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2. ed. Rio de Janeiro: 34, 2010a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim/Guide, 2010b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2012a. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2012b. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2012c. v. 5.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editoria Escuta, 1998.

EMICIDA. **AmarElo**. Rio de Janeiro. Laboratório Fantasma. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU> Acesso em 30 out. 2019.

FABIÃO, Eleonora. Performance e precariedade. *In*: OLIVEIRA, Antonio Wellington (Org.). **A performance ensaiada: ensaios sobre performance contemporânea**. Fortaleza: Coleção Juazeiro; Série LICCA, 2011, p. 63 -85.

FABIÃO, Eleonora. **Definir Performance é um falso problema**. Diário do Nordeste, Ceará, 09 jul.,2009. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/definir-performance-e-um-falso-problema-1.281367>. Acesso em: 04 dez. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. “Polêmica, política e problematizações”. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 225-233.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011,

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1992.

GROTOWSKI, Jerzy. Il Performer. **Revista Teatro e Storia**, Bolonha (Itália), n.4, abr de 1988.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2013.

HARTMANN, Luciana. **Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes**. Cad. CEDES, v. 37, n.101, p.45-64, 2017.

HOKUSAI, Katsushika. **A grande onda**. 1829-1832. Disponível em: <https://coisasdojapao.com/2020/06/a-grande-onda-de-kanagawa/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

HOTTZ, Ângelo Damaceno. **Educação de jovens e adultos**: uma análise voltada à interpretação dos resultados do ensino médio no sistema de avaliação da educação do Estado do Rio de Janeiro (Saerj) em 2014. 2015. Dissertação (Mestrado profissional) - Faculdade de Educação/Caed, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ICLE, G. Para apresentar a performance a educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, v. 35, n. 2, p. 11-22, maio/ago. 2010.

ICLE, Gilberto; BONATTO, Mônica Torres. Por uma pedagogia performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers. **Cadernos CEDES: Performance e Escola**, v. 37, n. 101, jan / abr 2017.

JESUS. Carolina Maria. In: MEIHY. José Carlos Sebe Bom (org.) **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

LINS, Daniel. Sujeitos e devires: o corpo-drogado. *In*: LINS, Daniel (org.). **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2001.

LINS, Daniel. Clarice Lispector: a escrita bailarina. *In*: LINS, Daniel; PELBART, Peter Pál (org.). **Nietzsche e Deleuze: bárbaros civilizados**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 45-60.

LINS, Daniel. Deleuze: o surfista da imanência. *In*: LINS, Daniel; GIL, José (org.). **Nietzsche, Deleuze, jogo e música**. VII Simpósio Internacional de Filosofia, 2006. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

LINS, Daniel. Nietzsche: vida nômade – estadia sem lugar. **Revista Lampejo**, Fortaleza, v. 6, n. 2., p. 271-286.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LOTUFO. Júlia Monteiro. Habitando interstícios: a arte da performance entre fronteiras. *In*: MONTEIRO, R. H.; ROCHA, C. (Orgs.). **Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia, GO: UFG, FAV, 2013.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia Nietzscheana**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

MACHADO, Marina Marcondes. Guerra de maçãs e seus desdobramentos: a escola como paisagem performativa. *Cad. Cedes*, v. 37, n. 101, p. 65-82, 2017.

MAIA, Thais Vianna. Sentidos sobre a docência e a performatividade. **Sentidos sobre a docência e a performatividade**. Anais da 39ª Reunião Nacional da ANPEd – 20 a 24 de outubro de 2019, UFF – Niterói.

MALUFE, Annita Costa. Deleuze e o estilo. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 9, p. 35-48, out. 2010.

MANNING, E. **The minor gesture**. Durham: Duke University Press, 2016.

MATTOS, Daniela de Oliveira. Performance como texto, escrita como pele. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MBEMBE, A. **O direito universal à respiração**. N-1 edições, São Paulo, p. 1-10, 30 mar. 2020a. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/020>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. São Paulo: Abril, 1980. Clássicos Abril coleções; volume I.

MORA, Ana Sabrina. Contributions of analytical perspectives on performance, performativity, body and affection for understanding the production of gendered subjects at school. **Cad. Cedes**, v. 37, n. 101, p.131-144, 2017.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**. Tradução de Paulo Cesar Souza. São Paulo: Max Limonad, 1985.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Aurora**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAISO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições** [online], v. 23, n3 p. 159-178, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo Jorge. **Inventar uma pele para tudo**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 17-31.

PEDRAÇA, Joelse R. PDE-ESCOLA: análise da implementação e dos resultados em uma unidade escolar de ensino fundamental no município de Manicoré/AM. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juíz de Fora, 2015.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: ensaios sobre biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PELBART, P. Foucault versus Agamben. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, n. 5, p. 50-64, 2013a.

PELBART. Peter. **O avesso do nihilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2013b.

PELBART. **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. São Paulo: 2008. Disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.



PELBART, Peter Pal. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 24, supl. 1, p. 19-26, jun. 2015. Disponível em: [:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104). Acesso em 11 fev. 2018.

PELBART, Peter. **Elementos para uma cartografia da grupalidade**: o indivíduo, o comum, a comunidade, a multidão. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento544502/elementos-para-uma-cartografia-da-grupalidade-o-individuo-o-comum-a-comunidade-a-multidao-2010-sao-paulo-sp>. Acesso em: 5 jan. 2020.

PELLEJERO, Eduardo. Mil cenários: Deleuze e a redefinição da filosofia. Tradução Susana Guerra. 2010. *In*: MONTEIRO, Silas Borges. **Caderno de notas 2**: rastros de escrituras. Canela: UFRGS, 2011.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Pedagogia da Performance: do uso poético da palavra na prática educativa. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 89-113, maio/ago. 2010.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Pedagogia crítico-performativa: tensionamentos entre o *próprio* e o *comum* no espaço-tempo escolar. **Cad. Cedes**, v. 37, 2017.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma revisão prospectiva. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 89-113, maio/ago. 2010.

PINEAU, Elyse Lamm. Pedagogia Crítico-Performativa: encarnando a política da educação libertadora. *In*: PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org.). **Performance e educação**: (des)territorializações pedagógicas. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 37-58.

RAJAGOLPALAN. Kanavillil. The concept of 'World English' and its implications. **ELT Journal**, Oxford, Reino Unido, v. 58, n. 2, p. 111-117, 2004.

REIS. Elizabeth B. P. **As avaliações em matemática no nono ano em Parintins/AM**: contradições entre rendimento e desempenho. Mestrado em educação. Universidade Federal de Juíz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ROCHA, Silvia P. V. Tornar-se quem se é - a vida como exercício de estilo. *In*: LINS, Daniel (org.). **Nietzsche e Deleuze**: arte e resistência. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editorada UFRGS, 2007.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

SCHECHNER, Richard. O que pode a performance na educação: uma entrevista com Richard Schechner. Entrevista concedida a Gilberto Icle e Marcelo de Andrade Pereira. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 23-35, mar./ago. 2010.

SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. O que pode a performance na educação? Uma entrevista com Richard Schechner. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: v. 35, n. 2, 2010, p. 23-35.

SEARLE, John R. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

Z Aidan, J. C. S. M. **Por um inglês menor**: a dessertorialização da grande língua. 2013. Doutorado em linguística – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). *In*: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 333-355.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Gilles Deleuze**. Versão eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias de Informação/Unicamp, 2004.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze Uma filosofia do acontecimento**. São Paulo: Editora 34, 2016.